

MEMORANDUM



# Memorias

IV

1910 = janeiro - a - dezembro.

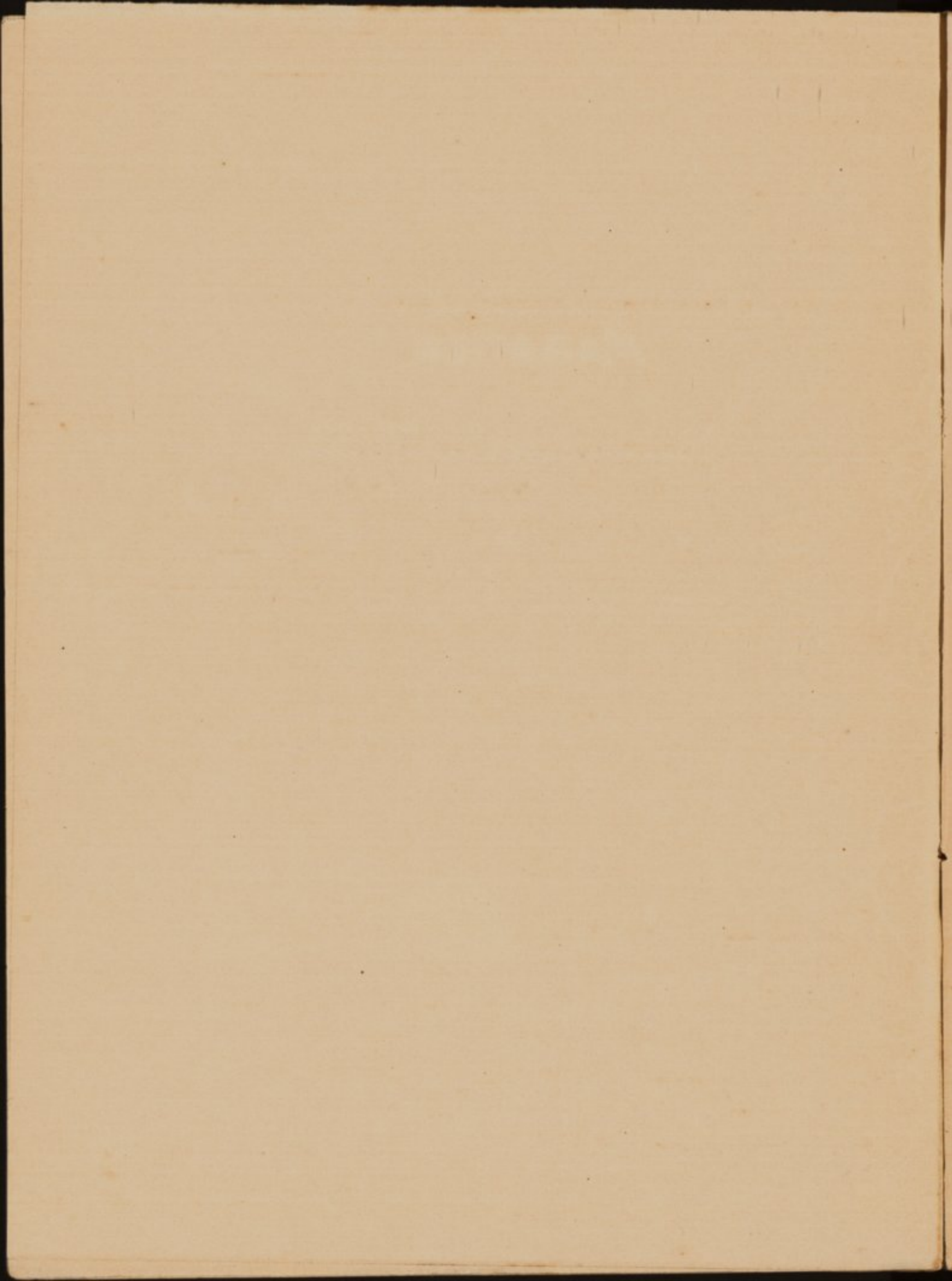


25170 R3A



«..... explicando  
« Puras verdades já por mim passadas.

Camoês: Canção X.





## Janeiro:

Coimbra = 1 de janeiro (sabado) =

Aqui começo um outro anno, um outro volume de memorias, indeciso se isto servirá para alguma coisa... Servirá? Ou não!

É uma coisa tão vaga, tão mysteriosa, etc...

Mas lá vou começar outro volume, procurando deixar nestas paginas qualquer coisa que sirva um dia para eu reconstruir a minha vida, quando eu — quem sabe! — me isolar do mundo, desiludido e desenganado, e me enfiar mysteriosamente á gelada netta...

Creio que ainda hei-de ter esse destino...

Mas hoje, dia de anno bom — boas festas! boas festas! — não é dia de prophcias nem lamentações. O sol estive alegre e quente; a paisagem ris, ris, scaniciante, quasi meiga; e eu andei pelas ruas, sudoroso, ridiculo, meio vendido, em cumprimentos protocolares...

Ai, as reuniões convencionaes!...

Como meu mundo anda sugando outro  
meio, e como meu mundo se frija sugando  
gela outra metade!...

Os reuniões convencionaes! a hygerisia  
de nós todos!...

\*

Ainda hoje...

Enfuchados, encharlateirados, endormezados,  
peris meio dia, enbrãmas no gabinete do com-  
mandante do 23, o Inuus celebre e de bem  
triste memoria.

(Isto bem viãra á ordem que áquelle hora ali  
deveriamos estar.)

O tenente-coronel, com um sorriso, apresen-  
tãu a congregação que exfãntamente ali ia pres-  
tar homenagem ás altas qualidades, etã, etã, de  
sua Excellencia...

Sua Excellencia agradeceu, nem á vontade  
forçado, e grãos do amizade e consideração; dis-  
se cousas varias que no dizem todos os annos n'  
este dia, e fizou a vanboagem de, no caso de al-  
guem official ter um conflito com elle, que elle  
(coronel) não ficar mal colocado, o official q'dis  
a sua transferencia com haubridade e dignida-  
de...



O gulto! quando houver um conflito não se de-  
ve procurar saber quem tem razão: o inferior que se  
vá logo embora para o não colocar mal!

Houve depois o agito de mãos de greva e d'ahi a  
Louco, sua fira, meu magote engalanado, chama-  
do a attenção curiosa e recardoz de todos, lá foram  
elles, camuinho do quartel-general.

Eu fiquei-me para ir com o capitão Alfredo de  
Bruz e o tenente de administração militar; fomos  
um gulto straz, partimos á rua Martins de Souza  
Lho e chegamos ao mesmo tempo que elles, depois  
de terem ido dar bando pelo balçada e rias viscau-  
de de Luz.

O general agradeceu, notando, polgando como  
de costume... O Tenente avançou, deu dois dedos  
de manbeiga em nome de todos e elle, tomando  
attitude, começou então um ineberrante discurs-  
pata...

Agradeia o terem lá ido cumprimental-o;  
só o subir a rua de Suelva-costas ~~da~~ que elle  
chamou "um balvario" dava direito a ser o funda-  
dor de uma religião, quanto mais não fosse a reli-  
gião de estólada... Depois elogiou a cardeação do  
23, principalmente quanto a instrução, e a está  
respeito não havia modo que observar; já quanto a  
disciplina...



E aqui começou elle o encauzar as cousas ao  
 Juiz, com dignidade e firmeza...

A disciplina é uma cousa muito complexa;  
 hoje não se faz nada com brutalidades... já se não  
 está em tempo em que as reclamações não são in-  
 tendidas, antes pelo contrario; o castigo já hoje  
 não consegue muito, só o exemplo provoca o bom  
 comportamento; é necessario ter cuidado com o  
 que se diz porque ha sempre quem ouve, e com  
 o que se escreve porque ha sempre quem lê, e  
 mal... só o pensar é que é livre e felizmente  
 que é livre!... É necessario cuidado com a applica-  
 ção dos castigos para evitar reclamações...

Eu sei!... cousas assim, ditas com firmeza  
 e habilidade, encauzadas todas para o Juiz  
 que lá estava, perfilado, e arguir em secco...

Como elle ali estava submisso, como se  
 quem occitava tudo como verdades reveladas...

O grito!

Terminando, ia principiar o agito de mão de  
 graxe, quando o coronel lhe diz que d'ali iam as  
 bispo...

— Ah não ao bispo?... tubão também eu  
 vou, se me dão licença...

E entrou dentro a buscar a escada. Saltando  
 pelo mesmo, seguiu escada abaixo, seguido



de toda a gente fardada, que certamente ia contra  
a sua consciencia.

Mas foram.

Eu, chegando-me ao capitão Alfredo de Bruy dis-  
se em surdina:

— Eu não vou...

Resposta immediata:

— Também eu não...

E quando todos seguiam nos baixos, para a Sa-  
velha, eu e o capitão, estando á direita, seguimos nos  
de Ilho acima, enfiados, eucharisteados, mas  
com ar de quem se escondia...

E elles lá foram, solennemente e submissos, beijam a  
mão ao bispo-cede.

Não! eu hei-de sempre protestar contra aquillo,  
contra aquella submissão obsequiosa ao poder ecclesi-  
astico! Não o posso fazer ás claras, faço-o assim, sub-  
reptamente, como quem não quer e corre...

Mas elles... contrariados, é certo, iam todos com  
uma zozima!...

Coitados d'elles.

---

Coimbra = 2 de janeiro (domingo) =

Estou de greves, no quartel. E logo ao apresen-  
tar-me é fardado, que ~~me~~ bellas novidades recebi!...

Fui hantem agarrado, agarrado, catrefilado, me

minha gazeta ao beijo mãos aliscadas, assim como o Alfredo Cruz.

O capitão Almeida, o Motta, o Tago, e outros, amavelmente me agradeceram de que eu fôra agarrado...

Logo no pulido do meu das bôças, o Inácio Zerguebon Zor meiu... Dentro do Paço do bispo foi uma othadella enobrecida e descarada Zora todos os officiaes, como quem procura alqueen; depois elle e o Tenente-coronel cochicharam uns Zouco e logo, com resolução, o Inácio foi direito ao general e Zarguebon-me que dois officiaes não têmham accitado o comitê de sus Ex<sup>ta</sup>...

Nós, não accitamos o comitê do general...  
Qual comitê?

Inácio nos disse que iam ao bispo?

Digam antes que todos são uma "canheirada" obscena e que não atiaz uno dos outros, indifferentes e submissos. Mas que nós não accitamos comitê é falso!

O general Zerguebon Zos nomes dos dois que faltaram; e os nossos nomes té foram ditos com enthusiasmo... catholico e com ardimento de disciplina...

Depois, veio o bispo; troca de cumprimentos, amaveis Zalavras, e no fim o beijo-mãos



7

geral com o coronel ao pé para ver se alguma  
faltava ao dever de bom catholico.

Ah! como se não ha-de a gente revoltar con-  
tra a hygerisia, contra a vilania de quem man-  
da na classe militar, que parece congregar-se  
em cada vez mais aviltar e rebaixar aos olhos  
dos outros!

E não ~~se~~ hei-de ~~me~~ revoltar-me contra is-  
to?

---

Ciimbra = 4 de janeiro (3º feira) =

Reina a intriga, continua a intriga... E zar-  
que não?... Não faltai eu ao beija-anel do bis-  
po-conde?

A causa! !

Toda a officialidade foi cambriada; toda ella  
resurregeu... Mas, se a vissem protestar contra  
a falta de nós dois!...

Os tenentes... melandros!

\*

Recibi hoje um officio da "Comissão de inveni-  
rimento ao ensino", nomeada na camera dos delib-  
tados, enviando-me um extenso questionario  
sobre instrução e um outro especial para des-  
ponder como membro da "comissão" da escolas  
municipaes.



Confesso que me acho com boa pouca competência para responder...

Ah! se eu fosse a responder, sem me preocupar com a rubrica de tenente de infantaria!...  
Vereemos.<sup>(1)</sup>

Boimlora = 17 de janeiro [2ª feira] =  
Realizou-se hontem, finalmente, a conferencia do João de Deus, como no volume anterior ficou projectado.

Mas como custa a realizar uma coisa destas! Afinal, tudo correu muito bem, do que eu pensava; mas... o trabalho que dá!

De porta em porta, andei eu, procurando gente influente nas varias associações de Boimlora, especialmente nas democraticas.

— O João de Deus, a comitê do Proleganda nem ali foram uma conferencia... Soué bem né... é uma obra meritória, aquella escola... e depois... porque é uma conquista liberal...

Éra preciso a isco do liberalismo para me-ther zegar o comitê; e na verdade, eram as hostes democraticas, as que maior representação tinham.

<sup>(1)</sup> Officinas vol. no Masso V - 22.



Sempre foi na casa da camara, na sala nobre, profundamente iluminada, e com certos ares de cerimoniaosa attenção.

Escrevi. Do menos, não se perder o trabalho.

Também-hontem o João de Deus escreveu-me: <sup>(1)</sup>

" Meu querido amigo:  
 " Ambécigo-me os meus agradecimentos pelos  
 " favores e preparativos para a palestra do domingo,  
 " no camara municipal. Bem haja!  
 " Vou amanhã no sagido da tarde, e tentou  
 " como hospedador-me no hotel Avenida. Comunico-  
 " me isto para hypothese de você julgar convenientemente  
 " escrever-me de qualquer coisa.

De todo o coração

(1) João de Deus

Lx - 14 - I - 10

Na verdade, conseguí mexer tudo e — o que é uma gloria... — conseguí interessar um pouco, um mestre!

Refiro-me ao Dr. Dias da Silva, presidente da Sociedade de Dejezo e Propaganda que,

<sup>(1)</sup> Na Coll. Cartas - II, 77-A



sem duvida, tem mostrado uma boa vontade que contradiz até, a sua qualidade de cathedra-tico...

É tanto que até-hontem, elle, o Fernandes Costa e o meu tio Alvaro de Silva, foram á estação, ao lado, apegar o João de Deus. E hontem foram ao hotel para o acompanharem para a camara, como guarda d'hora...

Gostei.

Mas vamos á ressa: a pele estava cheia e tinha de tudo: desde o leute ao operario. Presidiu o Dias da Silva que convidou para secretarios o Antonio Thomé, reitor do Lyceu e o Antonio Leitão, que é vice-gesidente.

Esta ultima escolha foi intencional porque o Leitão, o Carvalho (tenente) e os outros dois membros da comissão auxiliar fizeram um jogo de guerra á conferencia!

Sacrilégio?

Parece... É tudo porque o presidente do De-  
fezo e profaganda é o Dias da Silva e quem o Leitão não pode ver.

Coisas...

Mas a conferencia realisou-se e com certo êxito. O Dias da Silva fez um pequeno discurso e depois o João de Deus começou a con-



ferencia que aqui não cito porque a guarda no  
 numero do Dejeza que a ~~comissão~~ ha-de trazer, tal-  
 vez ausente. <sup>(1)</sup> Foi subarbitrado ao titulo de "Ojas  
diu-escola Joao de Deus e o ensino da gramma  
infancia.

No fim foi abraçado e congratulado por  
 muita gente, e continuou a congratulado pelo Dr.  
 Dias da Silva

Gostei de tudo.

Agora, uma nota necessaria:

O conde de Meusarás assistiu, e no fim foi  
 o congratular, dizendo-me que não tinha gos-  
 tado... Hoje, o Joao de Deus, indo a casa delle te-  
 re a explicação do caso: achara o conde que elle,  
 Joao de Deus, fizera, encubertamente, o jogo  
 dos republicanos, que falava de modo a agradar-lhe  
 e dar-lhe mel pelos beiços, que ficava tambem  
 inimigo da Escola, e...

— ... no fim, ficaste rodeado pelo lixo repu-  
 blicano da terra...

O lixo republicano!

Em nudo e gramma occasião, o Sr. conde  
 me' as lagarí.

---

(1) No Masso V, 23.



Coimbra = 25 de Janeiro {3<sup>ª</sup> feira} =

Echos da conferencia:

Os jornaes falaram com glórias elogiosas.  
O João de Deus foi satisfeito. O conde de Meas-  
nhas continua inimigo... E hoje recebi um bi-  
hete: <sup>(1)</sup>

" Meu Ex<sup>mo</sup> Amigo:

" Escrevi hoje ao Dr. Dias da Silva e a seu tio reu-  
" nando os meus agradecimentos pelos favores e at-  
" tencões que recebi no dia da occasião da conferen-  
" cia.

" Peço-lhes tambem o patrocinio e a cooperação  
" realisa da Sociedade de Defesa e Propaganda de  
" Coimbra para facilitar a accão do Comi.<sup>ão</sup> das Eco-  
" las Measnas. Intervento, voce, provavelmente,  
" no que puder.

" Do caracã

" (c) João de Deus

" Lx<sup>a</sup> 24 - I - 10.

---

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 77-B

Coimbra = 25 de março [6.ª feira] =  
 Sempre tivemos em Miranda do Corvo uma  
 "Comissão auxiliar" das Escolas novas!

Buscou, mas...

Em fins de dezembro ultimo, escrevi ao Galix-  
 to Mendes, recebedor de Miranda, para tratar do as-  
 sumpto, como no vol.º anterior ficou [H.º 322]. E elle  
 na verdade, em 14 de janeiro escreveu-me, di-  
 zendo que arranjara uma comissão de tres bo-  
 charis, idoneos e illustres...<sup>(1)</sup> e declarava-me  
 com a mais ingenua franqueza que determinava-  
 se em o parvo...

Em 16 veio o João de Deus fazer a conferen-  
 cia e eu estava convencido de que lhe falara no  
 assumpto; no entanto, zelo pium e zelo não, em  
 24 de janeiro mandei-lhe a seguinte carta:

"Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo:

" Estava convencido de que lhe tinha perguntado  
 " o que era necessário fazer para a instalação de  
 " uma comissão auxiliar em Miranda do Corvo.  
 " Hoje farei, em lithete desta terra, inquirindo Je-  
 " lo que tenho feito, veio provar que me esqueci...

<sup>(1)</sup> No Coll. Cartas - II, 76



" O caso é este: em Miranda do Corvo concen-  
 " quio-se que 3 bachareis se constituissem em comis-  
 " são auxiliar das Escolas-noveis, e eu fiquei en-  
 " carregado de ser o intermediário.

" O que é necessário fazer para legislar a comis-  
 " são ?

" Peço-lhe informações para as transmitir; jul-  
 " go-os com excelente vontade e desejam até uma  
 " missão logo que possa ser — e bem necessaria é!

" Quando tiver um bocinho de tempo que me in-  
 " forme.

" etc, etc.

(c) B. Pimentel

Da volta do correio tinha, juntamente com o  
 regulamento das comissões, um postal que di-  
 zia:

" « Meu Pr<sup>mo</sup> Amigo: quando-lhe hoje o n.º 1 do 2.  
 " serie da "Instrução de Povo" onde você encontrará  
 " o regulamento das Com.<sup>ões</sup> auxiliares. Lá verá a  
 " maneira de estas se organisarem, o que servirá de  
 " esclarecimento sufficiente para os seus amigos de  
 " Miranda do Corvo. De coração, (c) João de Deus. »

De modo que, no mesmo dia, escrevi ao Ca-  
 lixto Mendes, não só mandando instruções

mas reclamando mais dois membros para a comissão, como se verá:

\* Coimbr<sup>o</sup>, 26-I-91o

Meu caro amigo:

Di hoje lhe escrevo porque só hoje consegui os esclarecimentos necessários. O João de Deus esteve ali no dia 16 mas não consegui uns momentos para com o sr. conversar sobre o nosso caso, de modo que lhe escrevi e só assim obtive os esclarecimentos de que precisamos.

Mas vamos ao caso: diz o art.<sup>o</sup> 2 do Regul.<sup>o</sup> das comissões auxiliares, que estas devem consistir-se de 5 membros (presidente, secretario, thesoureiro e 2 vogaes); só excepcionalmente, quando não fôr possível obter maior numero, poderão constar algumas de 3 (presid.<sup>o</sup>, secret.<sup>o</sup> e thesour.<sup>o</sup>)

Ara ali, certamente, o meu amigo arranjará as cousas de modo que a comissão tenha os 5 membros, sem prejuizo, e' claro, dos cidadãos e senhoras que queiram ser subscriptores o que não será difficil conseguir com algo de boa-ventade.

Pelo art.<sup>o</sup> 8 do cit.<sup>o</sup> Regulam.<sup>o</sup> os meus amigos, reunidos, escolherão os cargos; e feita a relação respectiva, com os nomes por extenso, e a designação dos cargos, mandará. m'a-hão para eu logo



" a seguir ao João de Deus, para este admissor a no-  
" meação legal.

" Isto, para agora, é o essencial. Logo que venha  
" a nomeação, tratá-la-ha da inauguração polemi-  
" ca dos trabalhos e para isso convém levar ali o pro-  
" prio João de Deus que de certo acceta de bom grado  
" o pedido. Mas, para isso, neste intervallo que fa-  
" rei para por certo, os meus amigos não arranjarão  
" do subscriptores, para constituiram o nucleo de  
" propaganda e accão nesse concelho que será para  
" o futuro quem eleggerá as outras direcções da comis-  
" são e para isto basta que sejam, pelo menos, 20  
" subscriptores (art.º 3). Convenem que trabalhem já  
" neste sentido porque, logo que sejam nomeados le-  
" galmente, o presidente da comissão deve (art.º 8,  
" unico) convocar uma reunião no primeiro ofun-  
" tamento para assentar na propaganda e reali-  
" zar; e a essa reunião, que será, na verdade, o  
" inicio dos trabalhos, é que deveria assistir o pro-  
" prio João de Deus que melhor elucidaria todos  
" acerca do assumpto e com o qual a direcção d'  
" ali travaria relações que seriam proveitosas.

" Ora, como comprehende, seria do maxima  
" vantagem, que os subscriptores fossem em gran-  
" de numero e entre a gente mais colada da ter-  
" ra, mas sem metter muito thalassas (que está



"especie de gente é muito danoso...") Como o  
 "meu amigo não está gozando por tudo umas questões de  
 "dias; desde que me mande os 5 nomes com os  
 "cargos, mandando-a logo ao seu destino e creia que  
 "na primeira reunião mensal da Associação  
 "faz-se a respectiva e legal nomeação.

"É concorda o meu amigo que seria de tem ja-  
 "ra o terra, a festa a que me refiro: reunir pela,  
 "os 20, 30 ou 40 subscritores, reunidos com as fa-  
 "milias, sob a presidência do presidente da Direcção  
 "discutiriam a propaganda necessaria, os trabalhos  
 "urgentes, e ouviriam uma conferencia do Goad de  
 "Deus.

"É no fim, é claro, a completamente jubilarada,  
 "para animar as artes, para o que, generosamente  
 "se oferecerá algum mirandense rico...

"Trate d'isso! trate d'isso! Paezta nesta cousa a  
 "sua alma e o seu esforço. Façamos alguma cousa  
 "pela emancipação do povo!

"Um abraço, etc, (.) D. Pin. L. »

A carta foi, circunstanciada e animosa. O  
 Calixto, arrebolado com a recepção das contribui-  
 ções não ~~se~~ tratou com a necessaria beari-  
 dade o assumpto; no entanto, por fim de fe-  
 vereiro veio a minha casa e trazendo triumpho.



haute a lista de direcção e uma lista de subscri-  
tores. Finalmente!

Escrevi logo ao João de Deus:

« 25 fev.º 910

" Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo: .

" Os meus irmãos de Uirandá do Barro, resol-  
" veram-se a trabalhar e constituiram-se em comi-  
" são auxiliar dispostos a arranjar grande numero  
" de subscritores dentro do concelho.

" A comissão ficou assim:

" Presidente: bach.<sup>al</sup> Joaquim Gonçalves Paul, ad-  
" vogado e notario.

" Secret.<sup>o</sup>: Mario Augusto d'Almeida, estud.<sup>te</sup>

" Thesour.<sup>o</sup>: bach.<sup>al</sup> Francisco Augusto da Costa e  
" Silva, coadjutor da freguesia.

" Vogas: bach.<sup>al</sup> José d'Almeida, medico

" : Calixto Mendes, recebedor do concelho.

" Queira o meu Amigo agora, fazer o possível  
" pela legalização desta comissão auxiliar pois es-  
" tou convencido que trabalhará.

" Já se reclama até a sua pessoa, nenhuma pes-  
" são de inicio de trabalho, e eu, sem procuração  
" sua, fui animando essa esperança convencido  
" de que lá posso dar, um dia, uma fugida, e dizer  
" umas cousas que lhes pareça de alta utilidade.

" .....  
 " Queira mandar, etc, etc

(c) Document . »

Tudo foi lá em meo, e não voltei a ter respos-  
 ta. Hoje, já, recebi umas especie de officio das  
 Escolas-moças assignado pelo secretario Elyzio  
 de Campos em que me diz que no mesmo car-  
 reio envia a nomeação da comissão para o Dr.  
 Paul e em que me agradece a intervenção, de-  
 diando para eu continuar a "dar-lhe (a comissão)  
 o meu calor" para se não perder o enthusias-  
 mo, etc, etc. (1)

Resumo: temos comissão auxiliar em Mis-  
 randa do Barro.

Custou, mas...

... o que sahirá daquelle gente?

Eu farei todo o Journal, sem duvida, darei  
 todo «o meu calor» segundo a expressão do Pa-  
 dre Elyzio de Campos, mas... vencerá a nobri-  
 za e a inercia?

Veremos se a obra sahe em termos.

---

(1) Na Coll. Cartas - II, 82.



Nota:

Em 10 de abril fui transferido violentamente para Defensoria 22, em Paralegry.

De então para cá a minha vida tem sido uma continuada trabalhada de cousas variadas...

Trabalhos, perseguições, o demônio.

Em 5 de outubro proclamou-se a república e eis que, em vez do sossego, mais trabalhos me estavam reservados!

Por isso o que se segue é uma simples recapitulação da minha vida desde abril, feita aos poucos, quando me pinto com vagar e disponibilidade para escrever sobre cousas que ainda me causam uma dolorosa impressão.

Coimbrã = 20 - dezemb - 910.

A minha transferência para  
Infanteria 22.

No dia 10 de Janeiro, chamado á secretaria do regimento, o tenente-coronel João Chrysostomo Pinto deu-me o papel da minha informação annual para della tomar conhecimento.

Boa ou má, declarei que ia reclamar, e na verdade, tres dias depois entreguei uma extensa reclamação que foi julgada, sem mais nem menos — improcedente.

Reclamei de novo para o Conselho de promoções, passado novos tres dias e a reclamação lá foi, pelas vias competentes, para o venerando Conselho que passado mais de dois meses a julgou improcedente, mantendo a informação dada pelo coronel Duarte Ineuz.

Informação e reclamações estão no volume  
A minha vida militar e de Jodan per admira-



das e comemoradas. São documentos preciosos da minha vida...

Preciosos?... Eu sei!... Do menos mostrei ali uma psychologia independente e um espirito avançado, bem em contraposição com a baixaria dominante.

Bellos documentos! Hoje, que perennamente escrevo sob um regime republicano, ainda me orgulho alguma coisa... Eu tive, então, coragem de fazer aquillo!

Custou-me caro, e' certo; mas, meus queridos netos: joucos o fariam...

Vamos contando.

As reclamações fiz uso de dois nomes, como testemunhos das minhas qualidades: o de Albano Mendes de Fournes, então commandante de caçadores 3 e o do ten.<sup>te</sup> coronel Pego Chagas, commandante do D.N.T. 23.

A este ultimo falei eu, pedindo authorisação; mas aquelle escrevi contando o caso e d' elle tive uma resposta risurosa que conservei.<sup>(1)</sup>

No entanto, não me fiando muito na justiça daquella pobre gente do Conselho Reverendo, escrevi uma carta ao coronel Alfredo Au-

<sup>(1)</sup> Coll.<sup>ta</sup> Cartas - II, 77.



queto de Barros, de que me veio me arrependi.  
 Este coronel era então chefe d'uma direcção do mi-  
 nisterio e devia ser o secretario do venerando  
 Conselho. Este facto me levou a escrever-lhe.

22 - I - 910

Meu Ex.<sup>mo</sup> Coronel:

Como sei que V. é meu amigo e como começo  
 a ser benevolencia, dirijo-me hoje por este meio  
 com o fim de lhe pedir um favor que incide sobre a  
 minha tranquillidade e a de minha mulher e filha.

É o caso que por informações confidenciaes e  
 surtidas de todo justificadas, parece positiva a re-  
 solução do meu commandante de regimento em  
 me não fazer d'aqui, assim como a um capitão do  
 mesmo regimento Alfredo Eduardo de Cruz.

Não sei o que determina agora este estado de  
 cousas; é certo que eu, sempre reservado com o Sr.  
 Coronel, nunca me fiztei a um certo numero de  
 cousas; nunca frequentei com submissão e reve-  
 rencia a secretaria e gabinete d'elle; nunca fiz co-  
 ra nos louvores e applausos ás distribuições infames do  
 jornal O Portugal que é o director espiritual de gran-  
 de parte da officialidade... Mas é certo tambem  
 que o meu procedimento não tem sido nem cor-  
 recto, procurando cumprir os meus deveres, em-  
 bregando-me ao estudo de varios ramos de conhe-  
 cimentos especialmente historia; e vivendo (fora  
 do quartel) unicamente em minha casa, com  
 minha mulher, com a boa vontade de quem está  
 resolvido a procurar na familia, o sossego e o bem  
 estar da vida.

Ora deu-se agora o caso de, nas informações  
 annuaes o Sr. coronel inferir de mim o d'os.



se Sur. cofitação, de uma forma tão falsa (jermita-me V. o terreno) que nós reclamávamos.

O Sur. coronel deu as reclamações por não procedentes e nós reclamávamos para o Conselho superior de promoções.

Estávamos convencidos de que, quanto ás reclamações, o Jerigo não é grande porque teríamos bem sabido a falsidade das informações; mas onde ~~está~~ está o Jerigo é no que possa haver de secreto ou confidencial ou mesmo no que possa haver sob o ponto de vista da intriga e que a informação fosse alguma coisa amaldiçada que provocasse uma incomodabilidade pela qual nós devêssemos sair.

Ente, meu Coronel, é que é o Jerigo; e é por elle que eu escrevo a V. para que V. com a sua amizade vise se alguma coisa poderia fazer no sentido de evitar a que houvesse uma transigencia.

Sabe V. como isso seria para mim um prejuizo cofital...

Compreende V. que muito me custa servir de degrão para o Sur. Coronel in para Lisboa, com mandado a municipal.

V. ha-de desculpar esta pobreza, etc, etc.

A carta foi e o cofitão Alfredo Cruz escreveu ao Pinto de Magalhães, para ver se pela Maçonaria se arranjava... justiça.

Correram dias. O Juiz, como creança que amou não me falava; a officialidade, servilmente, dava-me mais manjeira e evitava-



nos, como se evitam os acirrados perigosos...

Havia pelo quartel um mal estar geral. Os sargentos murmuravam, os cabos e soldados republicanos evidenciavam-se alguma coisa, e nós dois com os officiaes de confiança — joucos, bem joucos — conspirávamos...

Escrevi ao Selder Ribeiro sobre o caso; o Luis d'Oliveira Franco escreveu ao Bandido do Reis; mas nada se sabia.

O Inuus foi chamado, a certa altura a Lisboa e eu, pelo sim e pelo não, tornei a escrever ao Barros.

13 - fev. 910

Meu <sup>o</sup> meu Coronel:

Não tornaria a escrever a V. Ex<sup>a</sup>, se não fosse agora surgir um boato mais ou menos inquietador. Esse boato justifica o que eu mais ou menos previa na carta que he tenho escrito: é que a informação que o Sr. Coronel Inuus deu de mim não era mais do que um pretexto para que « por portas traversas » arranjasse a título de incapacibilida de, uma transferencia não só para mim, como para o Sr. capitão Cruz.

Porque, creio o meu Coronel, o unico desejo do Sr. Inuus já varias vezes expellido em conversas com pessoas que aghora de tudo não guardam o segredo de forma que se não saiba — é a nossa partida do regimento.

Desculpe V. o desabafo, mas o boato a que me refiro é proveniente da chamada a Lisboa do Sr. Co.



romel que, segundo os jornaes, teve tambem uma conferencia com o ministro do reino.

Por isso vejo a V. se me elucidava sobre alguma causa para que eu possa ao menos saber com o que posso contar.

Eu sei! Hoje tudo se inventa e (o que é peor) tudo se acredita. E quem sabe o que se terá dito de mim!...

Termino, meu Coronel, etc, etc.

Então, a resposta não se demorou e elle foi de molde a fazer-nos abrir a bocca de espanto e de indignação. Depois d'um yologo, diz: <sup>(1)</sup>

14 - fev.º - 910

De jorem vale para o caso a minha opinião, então, independentemente do P. procurarei fazer em seu auxilio, devo dizer que graças á esculhase d'uma dispendiosa descalida, não podia o Sen. dizer mais em debriamento da sua causa que vejo mal encarado por todos os lados.

E d'ahi a dias minha paga escreveria o seguinte que confirmava a carta do Barros:

... O Barros disse-me que a teu marido não tinha agradado a informação do Inuus e que

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 78



tinha feito uma reclamação. Mas que era em tais termos que o podia bem prejudicar; que lhe parecia da parte do teu marido uma má disposição contra o Inês para escrever tão asfereamente. Agora, o resultado, vamos a ver... etc, etc.

É nesse mesmo dia, 18 de fevereiro, o Selder Ribeiro responde-me <sup>(1)</sup> dizendo que o Inês quando foi chamado a Lisboa pediu lá ao ministro para nós sermos castigados.

Bom Mathias Inês!... Quando foi de dita dura franquista bem bemaste com os republicanos, bem te ofereceste para a república.

Agora, estás ahí a fazer de juiz de instrução criminal, é esgana que um te cáia do céu para a degola...

O tempo foi correndo e no 23 a mesma resposta de todos... Nada de desagradar ao Inês!

Finalmente!

Em 30 de março recebi uma carta do Barão <sup>(2)</sup> dando-me parte de que a minha reclamação fôra julgada improcedente «sem mais procedimento algum.» É arruando em conselho dig-me causas destas:

(1) Coll. Cartas - II, 79

(2) Coll. Cartas - II, 83



.....  
 Mas devo observar que as allusões mandadas feitas na sua exposição ao C.<sup>to</sup> não ficaram espreçadas;  
 .... Julgo mais próprio da sua humildade procurar o melhor meio de captar a consideração dos superiores (note que digo superiores) e não só do C.<sup>to</sup> e se vê que o não pôde alcançar é preferível não fazer p.<sup>o</sup> nos cargos..... etc.

.....  
 (\*) Barros

Deram parte, os honreiros; mas se elles deram parte mais parte dei eu, e, francamente, fui aos ares. Lembrou-me bem que jantei dias terríveis, não dormia bem, andava impressionado, tethudo...

E' claro que agradei logo ao Barros minha carta que por uma aparente humildade ia uma clara ironia. Questão de tres jridos e mais nada. Bone o Barros, juiz justo.

Não é meu francez, o velhote...

D'ahi a dois dias, se tanto, minha sogra escreveu e mandava uma carta que elle, coronel, lhe escrevesse em 22 de março annunciando-lhe que a reclamação ficava em nada e terminando pelo desejo de « que o rapaz fizesse mais as coisas para a outra vez... »

O rapaz, sou eu...

Mas a carta de minha sogra dá mais explica-



ções que é interessante archivar e que são resul-  
tado do que o Barros lhe disse.

.....  
Se não fosse o Barros por nesso amigo e muito  
ter estimado seu Paé elle (eu) teria de ir para outra  
terra. Não imaginas a má impressão que causou  
tudo o que seu marido escreveu. Quando deram os  
papeis ao Barros disseram-lhe: Leia, este official  
está a precisar ser suscitado...

O Barros vendo que se tratava de seu marido  
começou logo a calcular a quem havia de descri-  
buir, ~~mas~~ que fosse mais benevolente. De todos os  
dizeres faziam commentarios poucos agradaveis.

Elle tinha-me dito: positivamente é transferido  
do regimento; o que é necessário é evitar que ve-  
nha alguma coisa a mais...

Nesse dia tinha o Taveus falado ao Barros e dis-  
se-lhe: tive uma reclamação no meu regimento  
que me deu um grande desgosto.

O Barros não lhe disse que era tanto das nos-  
sas relações. Já não que o Taveus falava sem saber  
que me havia de constar. Fez elogios a seu marido  
que era um official recto mas um genio exproisito  
que não gostava de convivencia (e isto não ofendi)  
Eis elle tinha dado aquella informação porque elle  
tém que dizer alguma coisa segundo as informa-  
ções que lhe dão. Elle disse: « quando casou, já  
estava que tinha já a mulher, já a conhecida das  
de criança, sempre que o via perguntava-lhe fa-  
miliarmente já a mulher, mas depois deixei de o  
fazer porque me pareceu que não gostava e regarei  
que não me perguntava já minha familia e  
pareceu-me que me evitava. »

Acrecentou que em diversas occasias que elle



dizia perennemente seus desejos cumpria que elle não fazia por lhe agradar.

Para elle (Jureus) era um prazer fazer-se isto com o marido da filha de Licínio que elle tanto estimava. Disse ainda que se não importava que elle ficasse no regimento mas elle é que se não sentirá bem...

O fiasco tudo no momento deveu-se ao Barão João muito que trabalhava para isto.

.....

Bello documento, está! Como o Tartufo se revela ali, naquellas lagrimas de crocodilo!...

O malandro!

E depois, o outro, a dizer que tudo lhe devemos, que tudo fez!...

Enfim...

Ora isto tudo coincide com o seguinte: o relato da minha reclamação foi o general João Maria Pereira; este general tem uma sobrinha que vai casar com um cadete que no anno lectivo passado acabou aqui a estudar, chamado Jorge de Carvalho, de Santiago de Cacem; este cadete escreveu-me para, em nome do general, me dizer... o quê?

Que tinha gostado da minha reclamação, que gostava de ver os rapazes assim a dizer as coisas, que eu mostrava por instruido e que o unico defeito que tinha era ser um pouco fofo.



te para os tempos que iam correndo, que se não fosse a data de velhotes que havia no Conselho tal vez o Inuus se visse em bolandas...

Eté!....

Como ligar com isto, de que eu não posso decidir, com as galuras mausas do Barros?

Comentários, quem quizer que os faça. Se eu os fosse a fazer, levá-los ali um dia inteiro a escrever... Os dias que eu então jancei, na duvida se sobre mim cahiria um raio de justiça se um raio... dos diabos?!

Aquelles dias!... como eu julguei que ainda houvesse quem catesse a direito para olhar a galões!... Que ingenuos...

x

Chegou o dia 10 d'abril... Domingo, dia alegre, sol vivo e quente, as arvores a rebeitar com força e alegria, os palmeiras a reverdecer... do quartel, tudo na mesma; nada de anormal ou do extraordinário.

A certa altura, como a ordem estava demorada, comecei a pensar em me safar... disto, uma ordenança chamou-me á secretaria; eu entrei e o tenente coronel com o olho a lusia mas com cara condescendente entregou-me uma guia para eu ir receber itenerário ao quartel-



general, 2º Regimento Infanteria 22 ... e vagarosamente esfregava as mãos ...

— Portalegre, não é?...

— É, é Portalegre ...

Eu fiquei-me afarrambado na mesma, mas o bague recebi-o bem em cheio.

Está fora, no corredor, senti-me amachucado!... Portalegre!... Então era essa a resolução do Conselho?... O Conselho não resolvera não dar mais algum procedimento?...

O que houve?...

Sahi aturdido... Officiais — exultando o adjuante da administração militar José Fernandes Duarte — puniram-se... e eu saí do quartel como um condenado.

Afinal, o Inês, não contente com a resolução benevolenta do Conselho, exigira a transferência do capitão Cruz e da minha esposa, como republicanos combatentes. Isto me afirmou o Barros, em 20 d'agosto, quando fui ao ministério da guerra tratar da minha inabilidade.

E ali está... Para eu não era, no fundo, uma questão política? Queris ou não queris a nossa saída do regimento?

Conseguiu-o, é certo, como conseguiu minha causa. No menos, jogou-o já.



Facto consumado, sujeitei-me, e' claro, pre-  
nendo já as terriveis conseqüencias e que elle  
me exigia.

Fui receber itinerário ao quartel-general, vi  
a cara de indifferença do chefe do estado-maior, ti-  
ve os 10 dias de demora e á tarde, quando sahia  
a passeio recebi uma carta commovendo de Fer-  
nandes Duarte <sup>(1)</sup> — unico signal do protesto de  
uma corporação insinua!

Onde chega a consciencia de cada um!...

x

Daqui começaram os meus erros... Não dei-  
xei sobre o caso passar as 24 horas do esboço e  
cahi em escrever a meu Tio José Pinheiro. Se  
tinha deixado passar um ou dois dias, não lhe  
chegava a escrever.

Mas enfim... escrevi-lhe! Não conservei co-  
zia mas dizis-lhe que era uma illegalidade a  
minha transferencia pois que in contra a decisáo  
do Conselho; se tinha outra origem, mas não jo-  
dia por penas folicas e a esse respeito dizia qual-  
quér coisa que não correspondia bem á verdade,  
como o meu afastamento da questáo republica-  
na, a minha ponderancia sobre a massa jo-

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 84



gular da minha terra, etc, etc; e terminava por  
me pedir para elle me transferir para o D.T.T. n.º  
23, onde, segundo meus disposições do Vascoellos  
Paró, pediam estas dois subalternos.

Fiz mal... Meu tio ficou-se a rir...

— Estes republicanos!... Tesos, terram, fazem  
asueiras, mas... em thes cheirando a chamusco  
agarram-se a toda a gente!...

Eu sei... E eu devia ter juizo... Com este meu  
tio estas, devia ter tido mais cuidado.

Enfim, a carta foi. Nunca ella fosse!

Escrevi ao capitão Alfredo Cruz (que estas es-  
tava em Liria, circumstante) vibrando, é claro,  
na maior indignação.

Citados de nós todos...

x

Os jornales falaram, é claro, com mais ou  
menos razão, com mais ou menos verdade. Se  
luz nós voltaram-se os olhos confundidos de  
meio mundo porque o outro meio gostou.

O padre Antonio da Costa Gaitto, reccionário  
conhecido, andou badalando pela cidade a nova  
da minha transferencia, alegrando. E nos centros  
militares de esquadra lastimava-se, enfim, por  
juder, mas achava-se que tudo fôra pelo me-  
lhor...







verdade que dentro da divisaõ me jagam as  
passagens para ir á junta? & ou não é verdade que  
nunca fui áquellas terras alentejanas? & ou não  
é verdade que Badajoz fica ali á mão de reusar? &  
ou não é verdade que me vale a pena viajar á cus-  
ta dellas?

& tudo verdade. Logo...

A conclusão é absolutamente logica...

De modo que sigo para Portalegre, touriste políti-  
co, viajante á força como o medico de Molière.

& conservando o bom humor que sempre con-  
servo e tirando o partido que sempre tiro de todas  
estas cousas — farei uma viagem proveitosa e diver-  
tida. Eis cabalmente referendos a sua jergueira  
attenciosa... etc, etc.

.....

Seis mostrar alegria, como quem resiste á  
tristeza facilmente. Pobre de mim!...

No dia seguinte, tive de responder a uma  
carta de meu tio Jose... Elle escreveu a meu  
Pae uma longa carta cuja grossa conclusão:

.....

... recebi a carta do Belizário na 2.<sup>a</sup> feira, nesse  
dia jasei zier e só sahi á noite, no carro fechado  
para ir á reunião do Centro onde devia ir o Minis-  
tro das Obras publicas que é inimico do da Guerra  
com quem não tenho relações de nada. Infelizmen-  
te não foi á reunião. Também não lhe jenda falar.

... Hoje para não perder mais tempo fui assistir  
ao almoço do D. João e expuz-lhe o caso por me  
lembrar que não morreria ninguém para a tal



Junta sem elle por ouvido. Ficou reunido admirado com a transferencia de Belizário e ficou de hoje mesmo procurar o ministro da Guerra afim de saber qual a verdadeira determinação desse caso, dizendo-me que faria tudo por elle excepto se a transferencia fosse por se provar ser elle republicano porque nesse caso nem elle insistia nem o ministro transigia.

Com respeito a elle por rogal da Junta (sic) o Sr. João está comprometido a collocar lá um tenente que dizem ser todo progressista recomendado pelo Padua e pelo Costa Lobo (!)... Em ultimo caso tratar-se-hia de obter que o Costa Lobo e o Padua se não melindrassem em o ser recomendado por Joberido, aulbora, para ficarem bem collocados com o Joberidante não desistam do ydido. É um caso licudo.

O Belizário tem fama de ser republicano e se no ministerio ha alguma prova, não se obtém nada; se for mera suspeita ergo desfazer qualquer satisfaria.

Mas elle que parece e seja bem; eu não quero ofen-der-me ás suas ideias nem mesmo quero saber quão ellas sejam, mas o lugar que elle Joberide é de confiança; os medicos em geral fazem na Junta gran- de numero de favores politicos e o que eu não quero é que elle me deixe depois comprometido com o Jfãz ofendo-se a alguma Jberença que elle tenha de Junta.

O que é preciso é ~~se~~ sustentar que elle não é republicano; de contrario ninguém lhe vale e em nome lá do que elles quizerem elle ha de ter pou- que pensabérias grossas pelo mesmo supranão se não mudar de regimen que uns dizem estar para breve e outros que não é ainda na nossa vida.

(1) Este tenente deve ser o republicano aconso do Sr. Alberto dos Santos Pereira Monteiro, do 23



O que infelizmente é certo é que o Invaso é tido nas regiões officiaes como base official, desceglimadas, e de toda a confiança monarchica e desde que o conservam meus comendados é porque acreditam nas suas informações confidenciaes ou não.

Não imagina quanto isto me tem enojado; eu estou desgosto a fazer tudo pelo Belizario; mas no caso de elle se manifestar republicano não conseguirei nada, nem outro qualquer, sendo tolhe o meu sacrificio.

Não entanto não é caso desesperado, namos a ver as informações que o D. João obtém; e esta semana tenho de mandar um relatório ao Sebastião Telles sobre coisas do jornal e vou pessoalmente, de Jofonito para lhe falar no caso.

Espero de lhe dizer que farei incondicionalmente por elle, quanto possa, jamais (sic) tendo-me elle obrigado.

Elle multindrou-me deveras com duas cartas que me escreverem ha tempo e que me fez mudar de orientação a seu respeito; pois lembrando-me delle muitas vezes eu pensava em trabalhar para que elle fosse digno pois sempre poderia fazer melhor figura <sup>(1)</sup> e ganhar alguma coisa pois que eu não tenho filhos e para mim nada mais quero.

Não entanto, nem caso destes, farei tudo de parte e farei quanto possa; e só considero o caso indubitavel se houver prova de que elle é republicano não porque me importe com isso, mas o ministro é que não cederá e qualquer outro procederá para com elle por igual forma.

Eu quando pedi a transferencia delle para ali só me comprometti com o Sebastião Telles de que

(1) !!!...



elle não era republicano e nada mais. Se eu disse a verdade, bem vai; no caso contrario, melhor será pensar-se em lhe arranjar outra vida antes que sopra alguma perseguição de mais. . . . E parece-me de bom conselho que pelo menos quem é militar e precisa de o ser, se não deve manifestar contra as instituições vigentes seja em ellas que se fôr.

. . . Morte-lhe esta carta; tentei mais escrever-lhe mas não posso mais. . . etc, etc.

É um interessante documento de psychologia . . . monarchica. N'gante uns commentarios pinceros, ha em toda a carta muita coisa.

Resposta:

15-abril-86

Querido Tio:

Em primeiro logar deixe-me dizer-lhe com sinceridade e franqueza que a carta que escrevi, me fez malgusantos, uma quasi revelação.

Desde já lhe afirmo que não sabia que alguma vez, em cartas, o melindrase; quando?

Quando em Valença lhe escrevi sobre aquelle destino que afinal se convertem em ociosa licença?

Quando lhe escrevia sobre cousas historicas acerca das suas datas memoraveis?

Não o sei bem.

Nas primeiras, se alguma coisa disse de mais violento — isso não era mais do que uma afirmação sincera de principios; nas seguintes não fiz mais do que criticar, com a liberdade que sempre ha nas criticas litterarias.

E deixe-me acrescentar-lhe que para melindrar



é preciso que haja influências; e sendo assim não andaríamos nósahi, constantemente, a melindrar nos com tudo?

Outra revelação foi o seu desejo de me fazer delgado; e este desejo, tinha que lutar com o meu feitio que se opõe a todas essas formas de ser da nossa política, e que não aceitava, certamente, esse seu desejo, á parte a boa vontade d'elle.

E agora vamos ao assumpto meo.

Primeiro, cumpre-me agradecer-lhe a boa vontade que tem desde já mostrado e affirmo-lhe que tenho bem sei que o caso é um tanto ~~em~~ escasos do (como dizem os Escol) e por isso lhe devo falar com a maior lealdade para que não julgue que eu quero só aproveitá-me de sua influencia.

Diz que eu tenho fama de republicano; pois eu devo dizer-lhe que não é bem assim: eu tenho fama de revolucionário (que é mais alguma coisa); e no dizer do coronel e varias pessoas d'aqui eu, não só sou revolucionário, como também com influencia e prestigio suficientes para arrastar para a meu o movimento para a revolta e com o regimento, chusmas de milhares armados.

Outro cumpre-me que isto, e nem verdade, só me eleva: para ser assim, teria de ter prestigio e o prestigio não se consegue sem caracter — o que não succede a elle que amanha, apesar de todas as suas formas, se fosse preciso, garantio-lhe que não levava um soldado para a rua.

Houve no 23, ha tempo, uma revolução durante a noite, por certos infundados; levou-me a curiosidade a percorrer o quartel para ver o moral das tropas; pois nem me lembrava ouvir eu dar vivas que não eram precisamente á monarchia e suas... sabe a quem? ao coronel, dizendo-se em altas vo-



zas que elle jagaria todos os males que tem feito. Eu conseguí passar sem ser visto; e no resto do regimento, o moral era quasi o mesmo.

No entanto, no gabinete, ouvi-lhe em dizer ao general (que logo se refugiou no quartel) que o regimento faria o que se lhe dísse, que elle mandava ... etc.

Mas vamos a concretisar os factos:

Ha evidente confusões do D. João acerca da vaga ...

.....  
 Alguns, quanto ao serviço no D. T. T. não é somente a junta; ali todo o trabalho é de secretaria e mesmo quando me chegasse a vez de fazer parte da junta, (3 meses no verão) eu cederia o lugar ao outro porque não tenho necessidade de me encommendar. Já lá estive em 1808, por indicação de serviço, mez e meio, e bem vi o que aquillo era; só tenho a consolação de poder afirmar que não fiz injustiça alguma e não deixei fazer outras. Alguns de republicanos, os filhos dos conventionalistas, iam ficando agitados como é facil provar.

Porém, com a presença leal que sempre fiz, vejo lá bem que não se confundem; já me tenho eu e essa fama eleva-me a creatura de influencia nas hostes revolucionarias; o Trecho no ministerio pediu mesmo um castigo para mim e chegou a agarrar-se ao Duello Brayanar, Vasconcellos Porto e até, creio eu, ao conde d'Agueda; de modo que, se vier que ha os credulos não se use mais no caso porque, com licença da junta de 2 meses que tenciamo pedir logo que chegue a Portalegre ou Jousanai a serio na melhor maneira de me livrar desta infame carreira militar onde estamos sujeitos ás furduras de qualquer analfabeto mau e covarde.

Todos os commandantes que tenho sido me consideraram e alguns me distinguiram muito.



Alguns, quem mudou? Eu, ou o commandante?  
lá?

Quanto a provas de eu ser republicano, nada di-  
go: provas arranjadas a Inquisição para provar as  
cousas inverosímeis; provas arranjam-se conforme  
a conveniencia. Só resta saber a sua veracidade.

Provas, hoje, no ministerio, a tal respeito, bas-  
tam as galanuras d'um agalado: é a razão do estado.

Quem se liura de uma cousa destas? Tenho eu  
culpa de o Ineus ser um covarde e um falso? Por  
isso eu ho muito quero em mudar de vida. E, a  
não arranjarem agora logar no districto vou submetendo  
com licenças até algumas cousas ver que me conve-  
nha fóra dessa classe que é hoje, acredite, uma classe  
miseravel.

Basta ver: o Ineus é considerado como monar-  
chico de confiança! Ah!... como indigno isto! Não  
imagina como me revolta essa confiança nelle, pe-  
bendo eu, como todos no regimento, o que sei! El-  
le, que, quando matáram D. Carlos, com lagrimas  
pediu aos officiaes que se não manifestassem con-  
tra a revolução porque deviam seguir as ordens do  
novo governo! Elle que, quando aqui veio o rei,  
meu o foi cumprimentar e disse aos officiaes que  
não valia a pena ir lá, que ninguém nos ligava  
indignancia. (sic). Elle que, quando ho prevenções  
em Lisboa, recommenda aos officiaes de inspecção que,  
se houver alguma cousa, que lhe mandem o case  
uma força com um pargento de confiança para o  
escoltar!

Elle que é um ignorante cuja disciplina é tal  
que deante dos subalternos são algumas injurias  
e obscenas aos majores (como eu sei); que rece-  
be no gabinete meretrizes e antigas creadas, o que  
já faz com que o gabinete seja almechado pelos pol-



dados, de ... açaige! ... Eto, ete, ete. Se eu começasse  
 de aqui a desfiar o rosário levaria até á noite ...

Creio que, a respeito da parte raria, tel-o elucidado o suficiente: a fama, é um facto; as provas não sei o que haverá, no campo de que serão feitas ou tiradas por testemunhas; o serviço no D.T.T. 23 é de recreativa e não é tanto de confiança como julga que é até uma maneira de tirar o commendo e officiaes surditos de republicanos; e a regra no mundo existe e dentro do regulamento pode ser preenchida.

As minhas ideias, essas, não as reservei de sempre e se agora agarrei a fama, foi exatamente porque sobre mim estiraram injustiças; estas não fazem mais do que temperar os caracteres e qual nos áquelle a quem as injustiças perseguem: ou se avilta para transigir ou se vende para se manter.

De tudo isto o bis tirará as conclusões que me lhes he parecer, no campo de que eu não quero que se comprometta.

Ninguém vê no alva dos outros e por isso nada de compromettimentos.

Os agradecimentos, pois, etc, etc.

— B. L. —

O que é certo é que esta carta teve o cuidado de fazer cair no silencio o meu caso. Ninguém mais falou no assunto. Foi caso liquidado ...

Oh! ... que muito tinha para dizer aqui, se não tivesse este volume tão honrado! ... Muito e muito diria ...

No dia 19 d'abril, no offido das 11 horas



manhã embarquei para Lisboa e de lá deixei  
a mulher e a filha, e d'aíde segui-me, no dia se-  
guinte para Portalegre.

Na estação estavam a despedir-se de mim  
tres officiaes: o capitão Manuel Teixeira de Mo-  
raes, o alferes Luis d'Oliveira Franco e o aspi-  
rante de administração militar José Fernandes  
Duarte. Um imbedido levou uma carta do te-  
nente Manuel de Sibus Piedade que não foi por  
que tinha que fazer...<sup>(1)</sup>

O Franco, por experiencia, no resgata disse  
no quartel a varios:

— O Pimento vai amanhã no rajido...

Alguns ouviram o silencio. Outros si-  
guas indecorosas de covardia como no Motta  
e Luis de Castro que se riram da despedida, di-  
zendo que eu voltava breve... Um homem, o te-  
nente Luis Guilherme Alves de Carvalho que  
foi mais franco:

— Homem... deixal-o ir... eu já não estou pa-  
ra me comprometter...

x

E eu lá fui, para esse bleuetto que de gois  
me havia de provocar patyras em verso, fazendo

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 87



reacender em mim essa veia poética barata que  
em ho muito julgára extinta...<sup>(1)</sup>

Alguns cousa faz o destino!

O que eu passei em Portalegre não adianta  
em cogitão é tarde; aqui só tratarei da minha  
transparencia e dos esforços para ser colocado no  
D. T. B. 23 — caso se isso fosse possível.

Ilusão!... Pensei que tal cousa seria pos-  
sível, e acreditei, infelizmente.

Mas voltemos.

Nos poucos dias que estive em Portalegre re-  
cebi consolações varias, das quaes destaco tres:

Uma de loja mercatoria regular Redempção,  
em officio, assignado pelo Sr. Octavio Henri-  
ques Cardoso; outra do Auditorio José d'Almeida,  
com uma assignatura rubricada, das causas das  
devidas; outra do meu amigo conselheiro de  
quarto Augusto Bivar Salgado, de Thomar, onde  
está tenente.<sup>(2)</sup>

É no dia 1 de maio, á tarde, já via para  
Evora, á junta. O capitão medico do 22, Guer-  
reiro, deu-me amavelmente o attestado e en-  
lá fui sem dificuldade apanhar os 60 dias de

(1) Ver Mais versalhada.

(2) Coll. Cartas, II, respectivamente nº 87-A, 88 e 90.



ordem, na rede da 4.<sup>a</sup> Divisão Militar. Passados  
 uns dias em Lisboa, voltei para Coimbra onde  
 me dispuz a jantar, o mais jocosamente joco-  
 sível, a licença agarrada.

Em Lisboa, meu tio José Pinheiro, com  
 uma noite falei um pouco de fugida, fugiu um  
 pouco, com certa parte do cargo, e perigo...

Que não mais que também, mas dizendo  
 que eu referia a sociedades secretas, que o Juízo  
 era disciplinador... e terminamos por dizer:

— O que é facto é que não há quem tome a  
 responsabilidade...

Eu olhei-o de alto a baixo e tive vontade de  
 lhe perguntar:

— E quem quem não se responsabiliza?...!

Mas eu calculei o caso e deixei correr. Tão  
 convencido vinha que os 60 dias eram um tempo  
 infinito que durante alguns dias de Coimbra  
 não gausei no futuro!

Metti-me na biblioteca da Universidade a  
 trabalhar e nos intervallos manuseava o Mandu-  
 go que em frente corre, meus meus meus,  
 meu conjunto pessoal de porão.

Até que, em certa altura surge na scena re-  
 mi-cômica (se não fosse uma galiteria, seria  
 comica completa...) a figura de fúria, enco-



lhida e dubia do dr. Costa Lobo — etérna preten-  
dente a uma chefia do partido progressista e já  
agora, ludibriado, pretendente.

Como surgiu elle, o Costa Lobo?

Muito simplesmente: meu zae, em mes-  
dos de maio esteve doente e o Lobo veio vel-o a  
casa. Falaram em mim, meu zae contou-me a  
receita preferida puzada do Distrito e elle ló-  
go se ofereceu, como amigo íntimo do ministro  
da guerra...

D'ahi a dias foi elle a Lisboa e mandou dizer  
que trataria de tudo; meu zae, mesmo já, teve de  
lá ir tambem e no dia 26 de maio recebo esta  
carta de meu zae, bem satisfatoria:

Em 25-5-180

Segundo elle (o dr. Lobo) que contou esta resolvida a  
tua collocação ahi no Distrito apesar do ministro dizer  
que é um exemplo que pratica sem precedentes pois  
os Districtos que tem dois subalternos não só Lisboa e  
Porto, mais nenhum tem....

As informações foram que cá havia tanto de falta  
do Juizo como d'outras procedencias tinham o mi-  
nistro em tão suas disposições couzigo que foi uma be-  
ltahe o alcançar-se o que se desejava.

Tens que esperar ainda algum tempo mas caso o  
Ministerio caia breue, elle resolve esse assumpto au-  
tes de sair.



Mas antes de mais nada, quero saber o que foi a batalha que elle teve... Viu a papel-o em re-  
 tentero: O Lobo mal conhecia o ministro da guerra, o Mathias Nunes; foi falar-lhe acompanhado pelo D. João d'Alarcão; pediu-lhe com efeito para eu ir para o Districto, mas na presença da Jergunta — "se eu era republicano?" — o Lobo titubou e disse que não sabia, só se fosse por influencia de um tio que eu tenho em Coimbra...

E posto assim a batalha...

Os litteres!...

Eu, de nada sabendo, e' claro, procurei-o e agradei-lhe o favor... Elle largamente dissertou sobre a missao politica do exercito, sobre a disciplina, sobre a forma de lidar com pederestras e terminou por chamar pederestras aquelles que queriam emendar d'instituições...

— E eu estou convencido de que o Belizario sabera cumprir o seu dever...

— E' claro, meu dr....

E ficamos na mesma. Elle me viu e eu na minha. Conservei-me inextinguivel...

(As vestras annunciara-se a vinda do magnifico Candido dos Reis...)

E o tempo passou. Passou mais; ia a passar junho e as ordens do exercito sem dizerem



alguma coisa! Depois annunciá-se queda do ministério e... nada!

Telefonei para o Dr. Lobo, e lembrei-lhe o caso. Elle de lá que não, que não, como trabalhada que me fez d'atralaia pela ginzeira meç...

Pela ginzeira meç tive uns rebates:

— O malandro comeu-me!

E na verdade comeu-me. O ministério foi a terra, e no testamento nada veio. Subiu Teixeira de Sousa, com o Raloso Botelho para a guerra. E eu no fim da licença, contando em palavras de políticos!

Lembrei-me de recorrer a nova junta para ir embeter tempo e requeri para a junta de 4 de julho em Coimbra, com attestado do Cruz Amante, alcaideado do Costa Lobo e seguindo as más linguas, avante do mother do mesmo...

Eu ederei... do embretanto, uns tarde, surtia para casa lendo uns "Carta politica" do Chagas, encontrei o Lobo.

— Sim. dr., boa-tarde...

— O meu amigo não se afoguenta com o seu caso... Bem né, até foi meether... Como isto não é um caso politico, com estes é que é certo eu amarijar tudo...

— Pois muito obrigado...



— Não ha duvida. Tenho officios eunuchos!  
Fique descaucado...

Eu ri-me, mal elle reagiu. Officios eunuchos,  
o estúgio! E continuei a leitura da "Carta."  
E eu á esgêra...

Ah!... nunca eu esgêrãse! No vespera da jun-  
ta, em 3 de julho, uma ardevança a cavalo ja-  
rou-me á carta e entregou uma nota da diri-  
ção que aqui vai junta e á qual tinha affezso  
o attestado do amante Amante que eu tambem  
conservo como um attestado... historico.<sup>(1)</sup>

Eis o desfecho.

Não comumentô. Revoltêi-me, é claro, des-  
minuei de gois, etc, etc; e no dia 5 de julho de no-  
vo embarquei para Portalegre...

x

O que foram esses dois puezes que de novo  
jamei em Portalegre, dil-o-pei meubra carta,  
mais adeante.

Trabarei só do caso da minha transparen-  
cia para o D. R. R. n.º 23 — transparençia que eu  
ingenuamente puzoz caloz de se realizar.

Meu Paê escreveu ao Simões Baião, ami-  
go d'elle ha muito e que estava então governa-





# 5.<sup>A</sup> DIVISÃO MILITAR

## / REPARTIÇÃO

N.º 1384

Coimbra, 3 de Julho de 1960

Ao Sr. Tenente d'infantaria nº 22 Belizardo  
Pimenta

Coimbra

Do Chefe do Estado Maior da 5.<sup>a</sup> Divisão Militar.

Senhor Tenente General com o  
Lance da divisão, encaminha-se um de dizer  
o V. G.º que pela Secretaria da Guerra foi  
indeferido o seu requerimento em que  
pedia para ser presente a Junta do  
Hospital d'infantaria que se encontra em  
serviço, amanhã.

Desolve-se o atestado medico, que acompa-  
nha o alludido requerimento.

Atte. Tenente General  
m. g.º



ATLIM OAZMIO 18

CAOY 147811

1880

ATLIM OAZMIO 18



dar civil em Leiria; tencionam falar ao governador civil que viesse para aqui, etc, etc, e eu já li desotadamente para Portalegre...

Agora tem a palavra as cartas pois por ellas se faz a historia sufficiente: vai desenvolver-se o drama...

De meu Pai, em 5 de julho recebi a grueira, referente ao projecto de eu ir provisoriamente para Infanteria 7, em Leiria:

«Sou tambem hoje escrever ao Conselho José Lobo para reforçar o meu pedido de tua transferencia para Leiria e mais tarde tratarmos do negocio aqui.

Recebi carta do Vis José em que me diz que o irmão do Belgium, o Chrisfalo, escrevera ao Jardim, governador civil aqui, a seu respeito e como eu disse ao Vis José que ia promover a tua transferencia para Leiria elle diz-me hoje que sendo muito amigo do Dr. Simões Baião me escrevera tambem a reforçar o meu pedido, pois o Vis José tem feito favores ao Baião.

Como o Dr. José Gaspar de Mattos vem para aqui como administrador do concelho e elle é muito amigo com o Jardim, agora elle vier, em combrio, com o Vis José para o Belgium escrever de novo ao Jardim para a tua colocação nas reservas e n'essa altura eu vou com o Gaspar de Mattos ao Jardim a ver se este consegue isto.

Parce-me por isto um pouco mais facil do que com os progressistas.

Diz-me estás concorde com isto mesmo para eu escrever ao Vis José.... Quero ver se faço isto antes das eleições.



Diz se concordas com isto.

Não heyphese de não haver vaga em Leiria, então escrevo ao Tio José para o Aljeim escrever novamente ao Jardim e eu aqui vou falar com elle e mesmo com o Dr. Vicente Rocha....

.....

Em 8 de julho:

Por enquanto não ficas ao commandante (Jacinto Pacheco, coronel) para escrever para Lisboa, nem ver o que fazem o Dr. Baião e Dr. José Gaspar de Mattos, e não ser para prevenir o Tavares (o major João de Sousa Tavares, chefe do gabinete do ministro da guerra) da intriga do Inês e do tal Honorato de Mendonça, porque está já de offôr qualquer obseculo; mas vamos a ver as mobilias que ficam de Leiria.

Quanto aos Aljeims não heyphido nenhum d'elles para a transferencia para Leiria; apenas o Chrisfido escreveu ao Jardim a recomendar-te.

O Tio José, nem com carta que recebi hoje diz-me: «Vamos a ver o que diz o Dr. Baião e depois parece-me agora mais facil, mesmo por minha intervenção, conseguir a colocação em Coimbra do que com os progressistas.»

Quanto aos Aljeims, tu nada tens com elles; o favor é feito ao Tio José, caso elles possam influir em qualquer coisa ou conseguir o que se pede; e é ao Tio José que elles pedirão a recomendação e não é o Tio José que te vai pedir nada; assim, em relação aos outros, a divida é minha e só a mim pode não pedir nenhuma de serviços e nada a ti.

Não faças nisso nem te preocupes com essa gente. O Tio José o que deseja é collocar-te em Coimbra; o resto é com elle a conseguir e tu ficas com



pletamente livre de cuidados. Do que houver  
te darei parte.

.....

Em 12 de julho:

« O Dr. Bayão escreveu uma carta ao Vis José que  
me diz hoje o seguinte: "acabo de receber uma car-  
ta do Bayão, o mais amavel Jomuel, parece que  
« elle gostou que eu lhe fediara e depois de se referir a  
« sua carta termina assim: fique certo que trabalha-  
« rei no caso a valer."

O Vis José diz-me mais que está certo que o fará e  
ho-de ser antes de 28 d'agosto, cá por causas da politica  
que elle não desconhece. Enfim parece que as causas  
estão bem encaminhadas para termos que esperar.

.....

No entretanto eu ia dizendo a minha mulher  
em cartas que lhe escreveria cousas mais ou  
menos como estas:

Em 7 de julho:

Recabi carta de meu Pai dizendo-me que meu Vis  
José quando soube que elle escreveu ao governador  
civil de Leiria mandou dizer que tambem lhe escre-  
via, referendo o fediado; e que, sendo meu amigo  
de um irmão do Aljeim lhe ia fadir por mim para  
Coimbra! Percebes esta gente? E' um divertimento  
completo!

Pois já cá vem elle bem que já me não come.

O commandante combina a ter comtigo umas  
cartas de parencias o que dá no gôto a uns certos officiaes  
thalassas, pois esta raça de gente existe em todo a  
parte.



Em 14 julho:

Queda tudo assim... Hoje recebi meus cartas de meu Paé, de Maranhã; e quando julgava que elle me daria noticias claras, nada diz...

Refere que meu tio José the diz-me que o governo da civil de Leiria é muito amigo d'elle, que the respondera aresvelmente, que nem mais que bairrem... e tudo ficou na mesma!

Se não estivesse já afeito a estas causas, teria hoje um dia de desespero. Assim... fiquei na mesma. Se as causas se hão-de cumprir a eu nunca hei-de ver o que quero e desejo, se hão de ver os cartuchos aquelles que tem de vencer, se eu hei-de ser sempre creatura lançada á margem como inútil e inútil, para que hei-de patir da injuriabilidade fatalista que hão de ver afinal a morte, já agora, da minha vida?

Senho que avarstar a vida assim, as excitações, mal julgado. Adeante.

Continuemos, agora, chronologicamente, que é a melhor forma de se ver desenvolver a comedia. Assim chamai-the drama... Não, afinal não é: é uma comedia e uma baixo-comedia...

Em 17 de julho: (de meu Paé)

O tio José já falou a bem respeito directamente ao Teixeira de Sousa e disse-me que tinha jedido tambem ao Baião. O tio José disse meus ao T. de Sousa que para elle nada jedia e apenas jedia a sua transferencia de Portalegre para Leiria até poderes ser collocado em Coimbra.



Alguma tenho todas as esperanças. Vamos a ver.  
Tenho que esperar, que estas cousas não sempre de-  
meradas.

.....

Em 18 de julho: {para minha mulher}

Escrevi também, com um certo interesse, os jor-  
naes do dia para ver a ordem do exercito... Ainda  
eu cabi mais uma vez em esperar ordens do exer-  
cito! A minha creancice!...

Mas enfim, li a ordem; e claramente, nada ha-  
via que se parecesse com uma transferencia.

Estou aqui muito bem, no Alentejo, com a ex-  
tensa planicie para recrear a vista, com a serra  
cheia de castanheiros verdes que escurubram as en-  
costas, sem convivio de familia, sem amigos...

Estou aqui muito bem, acumulando odios e re-  
premiendo injetos de revolta que só uma razão me  
impede de manifestar.

Estou aqui muito bem, abatendo o espirito suc-  
cessivamente, fazendo-o descer dum pouco de mo-  
derezia que tinha a um aultamento coudesceuden-  
te. Estou aqui muito bem, estou...

Elles assim entenderem... Tanto mais estranho.  
se será a vingança quando um dia aquelles a  
quem se chama a caualha vierem para a casa.

E então ver-se-ha.

.....

Em 19 de julho recebi um litheta do tenente  
Antonio José Rodrigues <sup>(1)</sup> a respeito do tenente

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 99



João Firmino Maia Magalhães, do estado maior.  
 Este rapaz, republicano antigo, excitara um lo-  
 gar no gabinete do ministro; eu perguntei ao  
 Rodrigues se elle mereceria confiança para se lhe  
 falar no meu caso. A respostaahi fica archivada  
 para mostrar bem a intransigencia de juici-  
 jos do Rodrigues — um dos bellos rapazes que te-  
 nho conhecido.

Mas continuemos...

Em 19 de julho: [do minha mulher]

Tambem eu recebi noticia de meu Pae para  
 que esperasse! Minha e meu tio José o dizem que  
 falou ao proprio Teixeira de Sousa e que lhe pediu a  
 minha transferencia para Leiria! Mas que espe-  
 re...

Ora não: meu tio falou ao Teix.<sup>o</sup> de Sousa e eu  
 mey de aproveitar a occasião para lhe pedir logo a  
 transferencia para Coimbra, pedir para Leiria! E  
 depois?... Depois, pede-lhe para Coimbra?...  
 E eu que tenho paciencia, que espero...

Hei-de esperar muito...

Depois de tanta influencia, de tanto pedido,  
 e quanto cavatha ha nos partidos monarchicos, o  
 tio José vai ao Teix.<sup>o</sup> de Sousa e pede-lhe para eu ir  
 para... Leiria!

É interessante.

Em 21 de julho: [do meu Pae]

Remetto-te a copia da carta do tio José ao Pae  
 e da resposta desta ao tio José.



Quando fui falar ao Jardim e elle disse-me que estava ao meu dispor para tudo. Eu contei-lhe o que me passou desde o principio, com o Inemus e que já tinha pedido ao Baião para a sua transferencia para Leiria mas o que eu desejava era a sua collocação aqui no districto.

Elle disse-me que era amicus in re (sic) do Ragozo Botelho e do Tavares e que estava pronto a pedir-lhes isso com o maior ardeor.

.....

O tio José está á espera de saber alguma coisa mas não ponde ainda nada e quando falar com o Teix.º de Sousa talvez lhe fale a seu respeito e pedindo para a sua transferencia já para Leiria porque para aqui é preciso metter nisso o Jardim.

Eu tenho a certeza que isto se ha de resolver antes das eleições.

Quando me escreveres manda-me a copia das cartas do tio José e do Baião.<sup>(1)</sup>

Em 22 de julho: (para minha mulher)

Meu Paé escreveu-me dizendo que o governador-civil lhe promettera a minha collocação no districto e breve; pediu a citação da lei em que me fundei para tal pedido e manda-me a copia de uma carta que o tio José escreveu ao governador civil de Leiria; começa: « Permitta-me o meu bom amigo que venho, de joelhos, mãos erguidas e othas supplicante, implorar um atomo... etc, etc. »

Farçantes! Hypocritas!...

Tenho para que meu Paé anda nestas causas e demais a mais com gente que não gosta d'elle e

<sup>(1)</sup> Não conservei as copias e fiz mal.



que torna como triumpho politico o yedido que agora faz. Mas vamos a ver o que se consegue.

.....

Em 24 recebi uma carta do Floro Henriques a respeito de uma hypothetica intervenção do Marinho e Sousa, então ministro da marinha, por intervenção do Fernandes Costa.

Intervenção garada. <sup>(1)</sup>

Em 24 julho: [de meu Pai]

Em vista da tua carta, fiz também uma exposição ao Jardim, para a sua collocação aqui, acrescentando tudo quanto me dizes e também mesmo de tarde, o Jardim chamou-me pelo telefone para me dizer que também mesmo mandara para Lisboa o meu yedido com o maior cuidado.

Vou prevenir disto o Vis José.

Sobre a sua transpencia para Leiria nada mais tenho a dizer.

Em 26 de julho: [de meu Pai]

Escrevo-te para te dizer que o Baião disse ao Vis José que o ministro lhe dissera que alguma houvesse vaga em Leiria de transpencia para lá mas que actual mente não ha vaga.

O José Jardim já escreveu ao ministro a pedir a sua collocação aqui; o Vis José vai pedir isso directamente ao Sr. de Sousa e eu hoje escrevi ao conselheiro José Lobo a pedir a mesma coisa. Se for

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 100



preciso metter-me tambem o Alfoim. E' impossivel que  
com tantos auxilios se não conseguia a collocação.  
Quando pegredo sobre isto.

Em 3 de julho: (de meu Pae)

O Teixeira de Sousa escreveu ao José Jardim e es-  
te mandou-me a carta para eu ler; diz que tinha  
recomendado bem o pedido ao ministro da guerra; e  
o Vis José escreveu-me dizendo que falara tambem ao  
Teixeira de Sousa e que esta dissera que o negocio está  
na bem subreque visto o Jardim tanto se interessar.

Parece pois que as cousas estão bem dispostas.

Em 3 d'agosto: (de meu Pae)

Remeto-te essa carta do Dr. Baião para veres o  
que elle diz. <sup>(1)</sup>

Para por franco com elle disse-lhe que tinha pedido  
por intermedio do José Jardim, José Lolo e Vis José  
a sua collocação nas reservas visto a probabilidade da  
demora nas vagas em Leiria e pediu-lhe para que,  
quando fosse a Lisboa, fizesse ao Teixeira de Sousa ou  
ao ministro da guerra.

Em 6 d'agosto: (de meu Pae)

Hoje mandou-te essa carta do conselheiro José Lo-  
lo para tu veres o que diz o ministro da guerra <sup>(2)</sup>,  
mas eu quero ver se consigo a sua collocação aqui an-  
tes das eleições porque ou o governo ganha e já não  
quero volver do pedido ou perde a causa e vou-me tudo por

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 104

<sup>(2)</sup> Não a conservei nem copiei. Tambem fiz mal...



agora abaixo, tendo-se depois de aceitar nova candidatura com os que vierem.

Falei pois ao Jardim que foi honrarem Jure Lisboa e agora ha pouco recebi um telegramma d'elle a pedir-me o seu nome e situação. O homem naturalmente quer ver Jure Coimbra com alguma noticia boa.

Em vista d'isto acho ~~conveniente~~ conveniente não ir ao Jure... etc, etc.

Em 7 d'agosto: [de meu Paé]

Escrevo-te á pressa, unicamente para te dizer, em aditamento á minha carta d'hontem que chegou de Lisboa o Jardim e me disse agora mesmo que falou com o ministro que lhe disse com toda a franqueza que a dificuldade que tem havido e' devido a umas notas que o director geral (placatório de liccendencia) lhe mostrou sempre que se fala em si.

Essas notas são antigas, do tempo da greve e agora do Jure; mas o José Jardim diz que lhe doez tudo, que fez ver quem era o Jure e que embora houvesse algum fundo de verdade nisso tudo, a maior parte eram calumnias (sic) sem provas, e de Jure para transferido para o districto de baixo de responsabilidade d'elle, Jardim.

Em vista d'isto, o ministro pediu por cima do director geral e comprometter ao Jardim effectuar isso em poucos dias. etc.

Em 8 d'agosto: [para minha mulher]

Hoje recebi carta de meu Paé, contando causas. O ministro esbarrou sempre com o director geral que mostrava sempre as informações do Jure e do tempo da greve... O governador civil, Jure, lá



disse que se responsabilisava por mim, mais isto  
mais aquilo ... Mas já me custa acreditar.

Em 10 d'agosto: (para minha mulher).

Ilustre, é noite, ao passar distraidamente os  
olhos pelo Seculo, dei com uma ordem do exercito,  
extensa, condensada, ouzando quasi meia columna;  
a primeira fez-me um bafejo no coração e imme-  
diatamente os meus olhos procuraram o fim das  
transferencias ...

E eu tão tolo que ainda cheguei a correr a braga da  
illusão! Olhei, na verdade, lá, ali, e percorri final-  
mente toda a ordem com attenção, linha e linha, no  
meu nome, mas ... qual!

E eu ainda esperava? Que tolice ...

E' certo que todos vivamos d'illusão e ma-  
quelles momentos julgava ver lá meu cambinho,  
escondido modestamente o meu nome ...

Vamos a ver o que diz meu Pai e resolutamente  
evitados já a inatividade. Do mais, durante  
os seis meses de canço.

Em 11 d'agosto: (para minha mulher)

Quando ás minhas cousas ... sei lá! O que qui-  
zadamente me incomoda é o não saber o que me  
jádo acontecer amanhã, isto é, se sou transferido, se  
não sou transferido, se hei-de ir se não hei-de ir á  
junta, etc, etc. Esta incertidão irrita-me.

E ver eu tanta creatura cujos pensamentos são  
baixos, estarem bem cotados, refeitados, esbrioados!  
Esse cavalheiro<sup>(1)</sup> que ali te disse ter desejo de me visi-

<sup>(1)</sup> O ten.<sup>te</sup> d'inf.<sup>te</sup> Celestino Garcia Gomes, de Esc.<sup>ta</sup> Praticos.



tar, afinal o que é? É um baixo denunciante, é um delator vil que nem ao menos na denuncia junta a nota da verdade.

E no entanto vamos ao ministro da guerra e se se perguntar por elle é um côro de louvores que logo se levanta:

— É um excellenté official! é um bello rapaz! é um caracter de diamante!

Esté, etc. Isto é tudo a junctura do regimen em que se vive.

Adiante.

Em 11 d'agosto: (de meu pai)

O tio José escreveu-me confidencialmente, dizendo que o Teixeira de Sousa lhe dissera que a dificuldade que tem havido é por causa da informação do Inez que diz que tu és um grande republicano; mas tem bem disse ao tio José que o Jardim se empenha muito por ti e que se trata disso a valer.

Diz mais o tio José que se as coisas demorarem nas ter com o Aljoim para este impôr a valentona a sua vontade. O Jardim diz que o negocio se faz e que é questão de dias.

Quanto ao que elles de reunir exigirem não te afogues com isso, em cá me aguardarei.

Estávamos misto... E eu sem protestar... O tempo muda muito os homens, e eu estava então de cama, com uma angina e os ardores amarelados com aquelle maldito Alentejo. Tudo se juntou: até o quarto infame do hotel, uma esfelunca



perdida onde ia morrendo... de Javãr! Até me puz  
nervos como se João não me volvesse respectivo...

Continuando. A 13 d'agosto nova carta explica-  
tiva do Antonio José Rodrigues <sup>(1)</sup> sobre o caso de  
uma Pygoteica intervenção do Sr. Almeida Magalhães a meu favor.

Como parece tudo ia bem, eu não escrevi logo.  
E voltamos á correspondência:

Em 13 agosto: (para minha leitura)

Hoje recebi mais carta de meu Pai em que me  
diz que também o Sr. José lhe escrevera dizendo con-  
fidencialmente (!!) que falando com o Sr. de Sousa,  
este lhe dissera que a unica dificuldade eram as infor-  
mações do Insens, mas que elle (Sr. de Sousa) desejava  
que a causa se fizesse tanto mais que o governador civil  
se responsabilisara por mim.

E eu sei tudo isto e não meando dizer que surge-  
dam, que não responsabilidade d'alguem não vai a ou-  
tras causas que me não se'alema!

Eu sei tudo isto e calo-me indignamente!

Como o regimen em que vivemos corrumpo os ca-  
racteres! Como parece que todos agostam em similões  
quem não tem a consciencia á venda!

Enfim... diz meu Pai que é em breve. Eu cá espero  
como tenho esgerado.

Ah!... Um ou dois dias depois desta carta que

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 105



mostra bem o meu desalento que ia a resvalar já  
 um pouco para um cynica indifference, recebi um  
 cartão postal do capitão Alfredo Cruz, de Aljô, no  
 serviço do D.P.T. n.º 13 e que me dava umas surri-  
 dela de lerio...<sup>(1)</sup>

Eu, naquella altura estava excessivamente aban-  
 dido pela doença que me reduziu a uma extrema  
 fraqueza; o moral estava o mais embaixo possível.  
 E eu não sei se canei quando li que um dos memb-  
 ros que a levava a escrever-me era animar-  
 me «ao menos» com a «firmesça da persistência  
 nos trabalhos que têm de conduzir-nos á realisação  
 das nossas aspirações que não as de todos os ofri-  
 midos. Etc.»

Elle, homem d'idade, cansado, cheio de cabelos  
 brancos, dando lições de amicus e lris á gente  
 nova!...

Enfim, não se imagina o meu estado. Só eu  
 o sei Jorge Zor lá Zassei.

Pois em 18, dizia-me meu Pai:

Em 18 agosto: (de meu Pai)

Quando fui novamente a procurar o Jardim. Dis-  
 se-me que deixou tudo em Lisboa muito bem disposto  
 e que só d'ora em diante se responsabilisava  
 por ti. Mandou um telegramma, também mesmo

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 106



ao ministro pedindo urgência na sua transferência.

Parece incrível que com tantos pedidos e bons, ainda o ministro não resolvesse o assunto.

Esperemos a próxima ordem do exército.

Na nesse mesmo dia, estava eu conversando com meus noivos no quarto — já eu andava a pé — quando me chegou um telegramma...<sup>(1)</sup>

Um telegramma!... Eu nunca gosto de telegrammas, mas então, destes...

O melhor é continuar com as cartas que dizem tudo:

Em 18 d'agosto: (para minha mulher)

Meu Pai escreveu-me e na carta dizia que o governador civil afirmára estar o caso resolvido e em minha causa para a primeira ordem do exército...

Pois bem. Estava a escrever isto quando fui informado pelo chefe de meus noivos e no meio da conversa chegou-me um telegramma de meu Pai que dizia: «Ingenieur Coimbra, diz-se te convam Thomas provisoriamente. Responde já.»

Eu já estou tão esbafoado e há uns quinze dias tenho passado por coisas que recebi o telegramma es-  
mo a coisa mais natural deste mundo...

Respondi logo indiferentemente: Pode ser Thomas como quem diz: faça o que quiser que tudo me é indiferente.

Ingenieur in para Coimbra! Porque?... Ingenieur!  
nel!... É que eu cheguei...

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas — II, 107



E não hei-de eu acumular odios sobre odios e sobre quem tem sido o causador de tudo isto, creturo infirma que é vergante que jorbaça a uma classe?

Etê, etê.

Em 19 d'agosto: (do meu Paê)

Escrevo-te á pressa para te mandarem a copia de carta que o ministro mandou ao Jardim.

Por ella vejo que jor mais que se faz nada se consegue; escusamos de estar a remiar combe a maré.

O Jardim tem feito tudo quanto é jorivel, mas em não.

Copias:

17-8-910 (do ministro J.º do Dr. José Jardim:)

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. e meu prezado amigo:

Si o processo do tenente Pimenta com othos de ser agradavel a V. Ex.<sup>ta</sup> instantê pedido de V. Ex.<sup>ta</sup> mas encontrei o seguinte: o coronel informou mal do tenente, com respeito ao anno findo; o tenente reclamou; o conselho superior de promoções (composto de 5 membros) allegou o caso, ouviu reclamante<sup>(1)</sup> e reclamado e manteve a má informação jelo que<sup>(2)</sup> o tenente teve de ser transferido.

Desse tenente tem-se impossivel collocar-o agora em Coimbra por prejudicial á disciplina.

Podaria poder-se-lhe favorecer o recomendado de V. Ex.<sup>ta</sup> transferendo-o para Inf.<sup>te</sup> 15 - Thomar, que fico mais jerto e é melhor do que Inf.<sup>te</sup> 22 - Portalegre.

Si não me encontrei sobre estas disciplinas pois muito desejava deferir a recommendação de V. Ex.<sup>ta</sup>.

(1) !!!...

(2) !!!...



Sem com muita consideração e estimo, de  
 S. L.º, ott.º, etc, etc  
 J. W. Rago Botelho.

18-agosto: {do Dr. Jardim para meu Paes:}

Envio a carta que acabo de receber do Ministério da  
 Guerra. Parece-me que convém contentar-se o nosso  
 recomendado por agora com a passagem para Thomar  
 e no principio do anno proximo voltaremos á carga.  
 De S. L.º, etc, etc.

José Jardim.

E aqui está em que dei tanto trabalho e tanta  
 falta... de vergonha!

Por favor Sr. Thomar...

Em 19 d'agosto: {para minha mulher}

Eu ando bastante desorientado depois de mey e  
 meio de angustia e de esgana... Andei a enfiar mey  
 e meio, andei a arruinar-me — porque eu tenho  
 a certeza de que vou a caminho disso — para que,  
 quando eu tranquilamente passava na saída, vir  
 este tremendo desazegano: «é impossível ir para  
 Coimbra!»

Estou mesmo arrependido de haberem ter resolvido  
 o meu Paes que «fodia por» Thomar; estou arrepen-  
 dido de lhe não ter dito logo que se fizesse qualquer  
 especie de combinação de transferencia e hoje mesmo  
 ia um requerimento para ser presente á Junta em Lis-  
 boa para passar á invalidade.

Ófimal o que fui fazer?

Disse que sim; pedindo que non transferido ven  
 ahí uns dias (a Lisboa) e depois tenho que me afereir.



tar em Thomar e já me quê? Meias quize em vinte dias d'espera já ir á junta a Coimbra.

E assim já me o verão... Tudo por causa de esperar, d'isto e d'aquillo.

Decididamente, já me a inabilidade me encançou; pois mesmo ainda em Coimbra se me parece esperar morrer... De pois, em lá fico em então, já me parece, partirei de lá; para um dia de maximum de desgosto, mas ao mesmo tempo cumpram-se os fados.

Eu não tenho de ter parte. Decididamente a minha vida anda com azar grande. Irei já me uma tarde e pronto. Cumpram-se os fados.

E agora não?

Neste estado d'excitação mas ao mesmo tempo de abatimento moral, recebi duas cartas no dia seguinte: uma do Helder Ribeiro e outra do capitão Alfredo Cruz.<sup>(1)</sup>

A do Helder fala-me acerca do Meia Magalhães e pelo que este me disse reza-me que o ministro me tentacionou colocar-me no Districto de reserva!

A do Cruz, é interessante pelo range que me causou o meu exílio da minha preferência. É um homem muito ingrossavel e de uma excellentissima fé. Accusa-me de ingenuo... elle, que é um dos maiores ingenuos de cabellos brancos!

Continuemos com a correspondencia elucidativa:

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 108 e 109



Em 22 d'agosto: (p. minha mulher)

O resgate d'ordem do exercito ... foi coisa que não appareceu. Por motivos imperiosos não se publicou, dizem os jornaes; os motivos imperiosos foram as convenções que se celebraram e um estado agitado de arreganho militar, não sei bem para quê...<sup>(1)</sup>

Manejos eleitoraes, de certo.

.....

E mesmo o resultado das eleições já é por si só uma revolução porque ninguém conta com as perizesas. Por isso, quem sabe? estas eleições por si só, talvez que venham a fazer, reversamente, a revolução; não a revolução nas ruas, sangrenta, devastadora, mas a revolução nos espíritos, mostrando á evidencia que o tempo das monarchias passou e que entre nós só o medo do exercito mantem no throno o rei.

Mas em hoje colou demais daubrinários... etc.

Em 23 d'agosto: (de meu Paé)

Vejo o que dizem a respeito da tua saúde e do reconhecimento para a Junta. Faltei já com o José Jardim que mandou um telegramma ao ministro para deixar o reconhecimento; escrevi ao José Lobo para elle falar ao ministro e vou escrever ao Vis. José para que vá logo falar com o Teixeira de Sousa.

Trata de ti, etc. etc.

Meu Paé, logo que eu lhe disse que requeri para ser presente á Junta por doença, foi isto que se viu... Cuchas, cuchas e mais cuchas.

<sup>(1)</sup> Era a revolução republicana.



Ona 24 d'agosto: (de meu Pai)

Estava agora aqui em casa o Dr. Costa Lobo com mil explicações e afirmeando-me que depois das eleições que ha de collocar-te, oulta com este governo, em qualquer regiminto ynto e que depois, se este ministério cahir, o que é certo, (diz elle) collocar-te em Coimbra, de qualquer forma! Estas causas ditas em vez de eleições...

Eu fui-lhe dizendo que não.

Ona 26 d'agosto: (de meu Pai)

O Vis. Joo' escreveu-me hoje; diz que se abiram ao Algoim e é Joo' elle que esgura collocar-te em Coimbra, (1) Joo' diz elle que o Algoim é quem manda no ministério da guerra.

Neste mesmo dia recebi uma carta do Maria Luiz githões, (2) muito amavel e correcte. Promette não esquecer o requeriminto e Joo' que diz a respeito da minha prescda collocada no D.T.T. 23, vê-se que o ministro nunca Joo' em collocar-me lá.

Esta é que me Joo' a verdade.

Continuemos...

Ona 26 d'agosto: (Joo' minha Memória)

O meu requeriminto já lá vai ha uns poucos de dias, mas Joo' uma carta que recebi d'um rapaz do meu tempo e que está no gabinete do ministro, vejo

(1) Joo' quando eu requeria insubridade!...

(2) Coll. Cartas - II



que elle ainda lá não chegou, o que mostra que ficou demorado em Évora.

Telegraphiei para lá e escrevi pedindo para a resposta ser dada telegraphicamente e escrevi igualmente para o ministerio, ao mesmo tempo, agradecendo e pedindo para que a resposta seja também telegraphica.

Como não dizes tudo de forma que só muito mais tarde fará com que não vá a junta no 2.º feira — o que de resto é o mais certo...

No dia seguinte, 27, recebo duas cartas do Meia Magalhães e outra do meu tio José.<sup>(1)</sup>

No primeiro pergunta-me o Meia Magalhães se eu sempre quero inutilidade ou se quero ir para Thomar! Isto no dia 27, ante-vezera da junta!... Já desanimado.

Lembro-me ainda muito bem da indignação funda que me causou aquillo...

A outra, a de meu tio, diz que o meu caso lhe tem dado trabalho e que se do Teixeira de Sousa lhe tem consentido as mesmas escandalosas comissões.

Adiante. Continuemos...

Em 27 d'agosto: [para minha mulher]

Não tens eu não em me queixar?... Recibi carta do ministerio da guerra, dizendo-me que o meu reconhecimento fosse deferido sem demoras até, mas ficara lá referido porque havia pedidos instantes para eu ir para Tho-

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 112 e 113



mas e não poderia bem o que deviam fazer. Ora  
vê lá...

É claro, telegraphiei logo, pedindo urgencia, dizendo  
que antes queria inutilidade mas não sei se tudo irá  
a tempo de eu ir á frente.

Estão a ver que foi trabalhado de meu Pai e meu Tio  
que não deram conta - ardeem de trausferencia.

Meu Tio está, agora que eu vou para a inutilidade  
anda agarrado ao Aljôim para me colocar em Coimbra.  
Agora é que não as pressas.

Em 28 d'agosto: (para minha mulher)

Ainda estava na cama, um soldado bateu-me á por-  
ta com o telegramma autorizando-me a ir á frente.  
Sou pois á tarde.

Estão jarto d'isto. Isto para mim era uma tentura.

Recebi tambem um cartão do Major Magalhães  
socorrendo-me. <sup>(1)</sup>

De modo que, á tarde desse dia 28, dia d'eleições  
geraes de deputados, eu sahi de Parabalagre, quan-  
do o pol cahia sobre o preséte da Pomba, num ale-  
gre e rubro joente.

Na descida, alonguei os olhos pela fancia e  
senti não sei que sensação extranha. É' jossivel  
que murmurasse: maldito Aljôim!

No entanto, não afiremo...

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 114



No dia seguinte, almoçado e almoceado, fui ao Quartel-general; d'ali segui para o Hospital da Estrella; e uma vez chamado á junta sobre os meus males, firmemente, com voz decidida. O meu estado levou aos de fora a não me deixar recuar: eu vinha arrasado de modo que os honras não mostraram relucância e eu fui julgado maior do serviço temporariamente.

Fui ao Quartel-general requerer para ir residir em Coimbra; mandáram-me ao ministerio da guerra e aqui comecei em uma complicada odysseia.

Não conheço nada d'aquelle complicada engrenagem; de modo que comecei a andar de redistribuição em redistribuição, e dentro de cada redistribuição de novo em novo — e em toda a parte o mesmo ar aggressivo que cá fora se encontra nos combates... Um tenente houve que, se não fosse as circunstancias, me teria ouvido alguma coisa desagradavel.

Diz o povo que se não deve bater em homem morto; pois aquelle molandrão bateu...

Só encontrei afabilidade no coronel Cunha Viana no chefe de uma direcção, ou redistribuição ou coisa que o valha — e que por signal me foi devida a respeito da minha residencia em Coimbra.



Elle disse-me até, com um certo ar de syncretia pela minha situação:

— Eu não tenho má vontade a seu respeito, antes pelo contrario; conheço muito bem a situação que the creáram; mas... he cousas... bem né...

E eu calado, e esfere.

— Em Coimbra... bem né, yodem julgar que é desconsideração...

Era o medo que o Inuus se julgasse desconsiderado por eu de novo cahir em Coimbra com armas e bagagens. Eu então zergueitei

— E o seu director geral?

— Não está... Eu, mesmo qualquer caso, assigno no o sua guia, pois é cousa corrente o assignar na falta d'elle; mas neste caso... recuso.

— Eu comprehendo, meu coronel.

— E' o diabo...

E ficámos a olhar distraidamente para os jeiz do mess. Eu via mais aquelle enface aos meus desejos e naquello momento, fui abaixo.

Mas, lembrei-me logo:

— E o seu Ministro?

— Sim, yde ser... Talvez consultando-o...

— Fazia-me S. Ex.<sup>a</sup> muito favor.

Elle assignou uns jeiz, mexeu meus livros e d'ahi a pouco sahio com o meu requerimento.



Foi então que, olhando eu as paredes do gabinete do coronel, esgarando a minha parte, entrou o Barros, o coronel Alfredo Augusto de Barros e que olhando para mim com o olhar fino e arguto, lançou-me a seguinte saudação:

— O seu, andam muito mal em tudo isto...

E eu peccamente:

— Então, meu coronel, nem todos podem andar bem...

E assim, peccamente, trocámos umas phrases até que a conversa se adoeceu e elle explicou a minha transferencia, como já referi acima, a pag. 32. O Inveno julgou-se desconsiderado com a resolução do conselho, confidencialmente informou de minhas cousas técnicas e mirabolantes, fez perguntas de minha estada no regimento e por consequencia, como era o coronel... E elle concluiu:

— O seu, é que não o pode levar...

— Eu sou incapaz de me dar com creaturas por quem sinto repulsaõ

— Deixe lá isso, homem! O seu, é muito novo e isso he-de passar-lhe...

Etê, etê... A conversa foi assim e desta vez o Barros que eu considerava muito, ficou para mim, moralmente, desconsiderado.

D'ahi a um bocaco entrou o Paulo Siqueira



e com ar alegre disse-me que o ministro da  
melhor vontade accedera.

— Muito obrigado a V. Ex.<sup>ta</sup>...

Fez-se a nota, assignou-se e eis-me livre do  
maldito ministerio! Despedi-me do coronel que  
afavelmente me desejou uma boa viagem e as  
minhas melhoras e desci a seguir as escadas  
sem olhar para traz...

Uma vez no largo, sob o entardecer suave que  
dá mais liberdade ao tom alegre do Tejo eu vol-  
tei-me para o terraço onde está o ministerio e  
de mim para mim disse:

— Quando é que irá abaixo essa Bastilha de  
cá-cá-cá?... Bastilha!...

Tornei um electrico e d'ahi a hora e mais eu  
embarcava para Lisboa.

Final, mes depois, a Bastilha cahiu ignobil-  
mente...

Coinhã = 20-dez. 1910 = a = 27  
de janeiro de 1911. =====



Em Portalegre por duas vezes:

A vinte de abril embarcando em Lisboa, eu de ténha ido acompanhar a Mulher e o Filho, segui num rouceiro comboio que durante um longo, um interminavel dia, me levou caminho de Portalegre.

Da viagem, naquella alegre dia d'abril, já quebe como qualquer dia de verão, eu deixei impressões em Grose e em verso...

Embão ainda cá de esginito desordenado, levando até uma certa curiosidade em ir ver o famoso Alentejo, essa rica provincia portugueza que se chama nos discursos "o rico celeiro do joiz..." Embão ainda eu joiz fazer uso do verso alegre e do joiz quebrado joiz que ainda os baldões da vida me não tinham quebrado o animo. Embão ainda a course cá beu, nunca jamais sanda-vel e ... Gago.



O que em verso escrevi está no livro extraordinário a que fiz o nome de Mais versalhada; o que sahio em prosa amena foi, se me não engano, algumas umas cartas para o asfinante José Fernandes Duarte e que me voluere responder se pode ler. No entanto, pelas cartas que escrevia a minha mulher se pode recordar sem esforço as impressões de chegada:

Em 21 d'abril:

Cheguei excellentemente, apenas com algumas vontade de comer — o que com facilidade foi satisfeito porque a senhora Ganga (grande e banniguda dama, atenciosa e amavel) tinha um jantar á minha joia que "me excel.<sup>ta</sup> dava um verdadeiro..."

A viagem é que é fastidiosa em excesso.

De resto só te digo que espero felicemente o dia da junção...

Em 22 d'abril:

Apresentei-me ao fisco e parece-me que amanhã tenho de ir em diligencia a Alfer do Chão.

O regimento não ha insalgações porque ha só 3 officiaes! De modo que, a não chegarem hoje dois subalternos que estão de licença, terei de ir a Alfer o que me não está a agradar.

O quartel é muito feio que o do 23. Só visto. Cheira mal por todos os cantos.

O officialidade recebeu-me com o ar de quem recebe uma avis-nãna, e parece-me todo ella inferior ainda á de coçedores 3.



Exclamamos... O regimento é autenticamente  
 um regimento de aldeia; se não fosse o comandan-  
 te por o Jacinto Eduardo Pacheco seria uma  
 bandalheira. Só um official, o capitão Urbano  
 Patrício Rodrigues, velho republicano, em tempos per-  
 seguido como tal, me falou afavelmente, e me pro-  
 curava; o medico, o capitão Guerreiro também já  
 me sympathisara comigo; mas o resto...

Estava no colarancia da classe.

O coronel, quando me apresentou e disse as pala-  
 vas protocolares salificam o ouvido, attento:

— Apresenta-se a V. Ex.<sup>ta</sup> o Tenente F... que teve hon-  
 ragem a este regimento

E vendo os olhos, mirando-me com rapidez, co-  
 mo entendidas, respondendo, recamando, mas com  
 tom de leve ameaça:

— Está apresentado e estimo que se dê bem com  
 os camaradas...

Quando sahi, pensei que diabo diria o Tenente  
 de nome, para elle me dizer aquillo? N'certa que  
 mandou dizer que eu era máo camarada.

Como quem o coronel gostava de ver desembará-  
 co e instrução nos officiaes eu jurei, naquelles  
 poucos dias de regimento, enfolgar o nome. Ao  
 sair do 22 havia de levar uma excellente informa-  
 ção... E comecei a trabalhar nesse sentido.



Tive as minhas desilusões, as decepções, como  
se fosse ver:

Em 23 d'abril:

Não imaginas como isto me está aborrecendo e como  
ainda contrariado...

No regimento ha algunos officiaes bons, e bons ho-  
meus — mas na maioria, não gosto.

O coronel ainda me não abandou a mão e já me  
mandou advertir de que os bolsos da calça velha não  
eram de dadeu...

É claro que não é isto que me fazoço zangar a tal  
respeito não me nato. Mas é todo o conjunto, quer do  
regimento, quer da terra e agora, por cima, a questão  
política que me faz andar nemis instabilidade dos de-  
monios.

É para occorrecer a isto, sempre vou alevanto para  
Alto do Bão, a uma feira, onde se deve jantar muito  
zanga com cabeça, e ainda é caloz de haver grossa gan-  
caderia. Tenho o riso destas causas.

.....  
Pedi hoje ao medico attestado para ir á junta no  
dia 2 e na verdade o homem foi extremamente amig-  
vel, disse-me que sim, de modo que o regerimento  
deve seguir alevanto e vir a fundo.

.....  
Cada vez me convenceo mais de que não posso ser  
militar, dos tais diagos e de hauridade, de que fala  
o coronel Barros...

O calor agita; o que tem valido é as noites expleudi-  
das, luar clarissimo, que deixa ver a charueca em  
baixo, a perder de vista e dá realce á encosta arboriza-  
da do panno.



Realmente, o café médico foi magnífico.  
Eu falei-lhe claro, disse-lhe que a razão da minha  
transferência era o meu republicanismo occulto  
e o meu liberalismo ás claras; e como elle é netto e  
sincero republicano disse-me logo que sim, sem  
fôr meo unica duvida. De modo que, em 24 o meu  
requerimento seguia para Evora para eu ali ser  
presente á junta de 2 de maio.

Eu estava pelos cabellos...

Em 24 d'abril, de Alto do Chão:

Cheguei ha pouco a Alto, depois de uma marcha  
de 7 horas bem fexadas, com um intervallo de duas  
ao meio-caminho para se fazer o rancho, seguindo  
as ordens do 4.º divisão — e que, dig-se de passagem,  
representam uma esgotada consideravel.

Foi uma marcha bem inberosa, das 5 de manhã á  
1 hora da tarde.

.....

Quanto a impressões, muitas teria que escrever e  
contar se não fosse a má disposição em que ando. Es-  
ta diligencia a Alto, com ser relativamente cômodo,  
não me agradou nada porque já lá use o tempo em  
que gostava de estes serviços.

Ho é um tempo de grandes intrigas politicas e já  
por ali se nosa que apanha ha grande parte o ad-  
ministrador não deixa tocar seus negócios, naturalmen-  
te do partido contrario.

Em 25 d'abril, de Alto do Chão:

Estou fobizado e aborrecido. Verdade seja que derrei  
bem, nunca exfandido causa fofa, com interessante



quarto de chão de tijolo, de janelas irregulares e muitas caídas; deram bem ajeitar da cantoria na rua e dos carros que passavam.

Mas amanhã cedo, seriam 6 horas, o sargento deu-me parte de que abriram a cabeça a um cabo, de modo que tive de saltar do carro e ir tratar do caso.

E desde então até agora, quasi 4 horas, não tenho feito mais que levantar o auto da occorrença, com esse meu medico, testemunhas, o delegado...

Os soldados não são mais rapazes, no maior parte mas alguns têm pouco mais de disciplina, devido ao desleixo e que a maneira dos officiaes nota esta especie de serviço.

Fazem d'isto grandeza e eu é que o vejo...

Em 27 d'abril = de Paralegre:

... cheguei bem - ajeitar com o 1º esguardo em estado lastimoso, com duas bolhas, o dedo minimo cortado e o segundo quasi em carne viva.

Isto por cá é um esfigo. Não ha ninguém e todos têm medo do commandante que dizem ser terrivel. E não acho, só vejo que elle dá trabalho e que é muito illustrado e polido; dizem que é leal mas isso ainda não tive tempo de ver.

Em 28 d'abril =

Hoje estão d'inspecção, e d'agora a pouco tenho que ir dar meus theoria aos sargentos, nomeado pelo commandante e á qual elle vai assistir; elle assiste sempre a tudo e entra nas discussões como polido e illustrado, de modo que tenho que ter cautella.



E aqui começou o meu plano... Na theoria comecei por expôr um methodo de estudo um tanto ou quanto positivista; citei a respeito do serviço de guarda avançada (assumpto da theoria) algunos exemplos historicos; afastei-me em considerações varias e vagas — de modo que lhe arreei excellentemente a natõina.

Do terminar a theoria, o coronel, depois de mandar partir os pargentos, começou amavelmente a conversar comigo, dissei forma differente do que conversava com os outros, muito afavel, e disse-me claramente que tinha gostado da theoria, e que eu era... profundo no assumpto!

Ja-me tratavao muito porriso: a rede fãra mais ao largo do que eu queria...

Então a conversa deslissou e d'ahi a pouco estãno eu a dar bordoadas no Trues e elle a falar na sua ambigua amizade com o Arriaga (Manuel), com o visconde d' Ouguella, Elias Garcia... Eu fezei republicano da velha guarda; elle ficou sabendo quem eu era.

E com isto se passou quasi duas horas de converso ameno com escandalo dos officiaes que esperavam o toque da ordem. Ao partir estendevam-me o maõ, com afabilidade...

Estava o invencivel Pacheco já agarrado!



Ora a injeção é uma coisa terrível de modo que eu senti, então, d'um ou d'outro, em volta de mim uma certa atmosfera de surdidade.

A canatha!...

Quanto ao meu requerimento ~~que~~ não agrada a ninguém nem causa permissão.

Presença em desalento:

Em 30 d'abril:

São dez horas da noite e ainda não chegou autorização para ir à junta!

O meu requerimento foi dirigido ao rei; mas, pelo novo regulamento deve ser ao general; pois passou por trinta mãos e só na divisão é que deveria pelo regimento. Devolveram-me-o e eu mandei outro, a tempo; pois até ao toque da ordem nada veio e eu, na esperança, cheguei ao hotel e arranjei a mala que devia levar.

Às horas passaram, o carro da carreira passou e nada! Esperei ainda pela noite na esperança de ir amanhã de manhã, mas qual!

São quasi dez e meia da noite e ainda não senti ordenança alguma bater-me à porta com as guias!  
Vou-me deitar.

Em 1 de maio:

Venho do quartel e nada veio a meu respeito. Tenho que regressar para ir a Elvas no dia 9.

E depois, no não far a Evora, agora, volto amanhã para Alentejo por causa do auto que levarei.

Adiante.

= às 3½ da tarde =

Sempre mais autorizado. Sempre vou à junta por que ainda há um comboio logo.



Al' pressa, entrei o sacco, como diria Camillo e ainda me despedi do commandante.

O Pacheco recebeu-me offiosamente, conversou libertamente e viemos a conhecer-nos como irmãos, autenticos irmãos perante o S.:D.: do Universo.

Elle fôra irmão desde Elias Garcia, trabalhou sempre muito, e contou-me particularidades até, de sua vida. E quando me despedia disse-me coisas amáveis a meu respeito que me tive de responder confuso:

— Oh meu coronel...

E á tarde, julgando que não mais ali voltaria, desci na diligencia á estação, metti-me no comboio e lá segui para Evora.

Em 2 de maio, Evora:

As estas horas já deves saber por telegrammas que conseguí da junta o que quize — isto é, dois meses de licença para gozar em Coimbra.

E como Evora é terra grande e tem que ver, vou só no 4.º feira.

O viagem é que foi harmoniosa: parti de Portalegre ás 6 h. da tarde de hautein; cheguei ao Setúbal á 1 h. da noite e estarei até ás 5 h. da manhã o comboio de Vendas Novas, onde mudei para outro até Base Branca onde tive nova mudança para aqui — onde cheguei ás 11 da manhã.

Terrível. Como tive de ir logo para a junta, não atrezei.



Passados os dois dias a ver Evora, bella terra onde se pôde ler, a cada passo, uma evocação histórica, metti-me satisfeito para Lisboa e d'aqui, em 8 de maio, regressaei a Coimbra — onde até ao fim da licença, a minha vida se passou no descreto com rivo dos livros da bibliotheca da Universidade e dos folhetos, em regra valiosos, de Martins de Carvalho.

Esse periodo quieto — e bem curto! — do meu viver, os livros foram os meus companheiros e ainda hoje me lembro o prazer que me deu, após o almoço, metter-me a minha nethe justa debaixo do lenço e no bolso uma pena de escrever, regressar para a bibliotheca, onde as horas passavam rapidas e onde desejava fazer pouco mais.

Pensei em largar a vida militar; pois se eu tivesse de voltar para Portalegre? <sup>(1)</sup>

Aquillo é que era vida para mim, ali, naquelle quietude dos livros, companheiros que não traíam, amigos que não revelam os nossos segredos, confidentes que não são indiscretos...

E assim passou o maio florido e o junho quente sem que eu pensasse ~~em~~ trovada que se está na a aproximar.

---

(1) D'este resgato conservei até uma carta do capitão J. M. Cruz Douro na Coll. Cartas - II, 95



Como aqui ficou esfolgado, voltei para Paratibegre em 5 de julho.

O que foi esta minha segunda jornada no Itamonte degresso digo; nem vale a pena eucher papel com as fraquezas humanas...

Como no regimento me não enferávam todos se admiráram com a minha volta; o commandante ficou a olhar para mim, com cara de quem diz:

— Eu já sei o que isso é...

Continuou a ser amavel e correcto comigo.

O regimento tinha pouca gente, por isso commandei pouco companhia e ás vezes duas e de vez em quando commandei o 2º batalhão!

Commandava exercicios de tactica applicada, de companhias, com thema e batalha simulada — de que no dia seguinte havia critica, na presença do coronel e com discussão.

E até, a propósito vejo um anecdoto:

O quinquino que eu commandei estava sujeito a um thema feito pelo capitão Viriato Borges Pereira da Silva, que commandava o batalhão; era um tenente gabo, chamado Linus, creatura obscura, com toucinho no corpo e toucinho na alma, viu-me com o thema e pediu para o copiar.



— Pois não, meu tenente, aqui está...

— Isto ás vezes é necessario... Qualquér dia o coronel manda-me fazer um thema para exercicio e já tenho elementos...

— Muito bem, faz muito bem...

Passam-se oito dias; o Linus commandava o batalhão que já escale devia dar o thema; recebi ordem de dirigir o exercicio; a escale nomeou-me para commandar a companhia; recebi o thema para estudar; leio-o...

Terço o mesmo de ha oito dias!

A fazer porque o resolvei, aos dois, está no volume respectivo.

Coisas da vida militar, da illustrada classe militar...

A vida do regimento era monótona; a vida da terra mais monótona de modo que — aparte o meu mal estar moral — aquillo tornava-se insufferavel.

Vingava-me nos versos, fazia versos frescos ao Luis Lopes, meu amigo, empregado na agencia do Banco e disfrucava-o zangado; discutia politica com um anarchista da terra, um politico da Guafu, sobre de orientação mais anarchica do que as ideias que elle dizia professar. E... pouco mais do que isto porque o calor era insu-



garbavel e não havia visto onde o fresco caeuolas-  
se em meu fôlere mortal.

No dia 28 de junho, pedidos meus dias de licença,  
fui passar um dia a Castello de Vide e no dia se-  
guinte fui no rafigido de Madrid para Lisboa de ou-  
de peguei para Maifra, passar meus dias com a fa-  
mília. Voltei em 4 de noite; apresentei-me em  
5 de julho; e em 6 cahi no caue, com uma tre-  
menda angina e uma infecção intestinal.

Não tenho grande desejo em aqui relatar  
com pormenores o que foram esses dias favorosos  
de quasi agonia mortal, não só produzidos pela  
febre a 40°, mas pelo profundissimo abateimento  
mortal em que eu cahi.

O quarto, onde eu dormi duas noites apenas  
pouco mais confortavel do que os outros, era  
uma cama horrivel; como cahi de ca-  
ma não mudei e ali fiquei estendido não sei qua-  
ntos dias, harrisando-me com as paredes sali-  
drosas, com um tabique de madeira caido a bra-  
ço, com o chão imundo, os vidros sujos da ja-  
nela... um horror.

Tive ainda a coragem para me fazer verros  
como se vê no respectivo volume.<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> Mais remethada, 9, a pag. 23



É assim correu o mez d'agosto, em que eu me via entalado infamemente noquelle quarto, distrahiendo-me ajezas com os livros que o Baltazar Teixeira me emprestava para ler, com os jornaes que chegavam á noite e... com as chuchadeiras ao Luis Lopez, ao pobre diabo contra quem eu mirava a minha má disposição... em verso.

Assim correu o mez d'agosto, sendo zaradas as minhas tentativas para voltar a Coimbra e sendo a minha saúde arrazada a realer.

Não <sup>quero</sup> que haja situação na minha vida como aquella; foi um mez horroroso e que melhor será deixar passar sem querer agora lembrar sem proveito cousas dolorosas.

Dolorosas?..

Sim, a palavra traduz a situação. Ahí fica com verdade e com justiça.

Nem lembrar é bom!

Istoja, que sobre tudo aquillo passou quasi meus annos e ainda a revolução virizadora, em mesmo assim, tenho uma certa repulção ~~em~~ em lembrar aquellas horriveis peneiras.

Depois, como ficou dito, fui á junta no dia 29 e passei á invalidade. Fui a Beira e no dia 3 de setembro entrei de novo em Coimbra, por uma tarde horrivel de calor, e entrei de novo



em minha casa, considerando tristemente que  
aqui voltava sem paide e sem dinheiro...

O paide esvaia-se nesse abalo estufido;  
o dinheiro desaparece com os transportes, com a  
doença, com o diabo!

Sem paide e sem dinheiro...

x

Já agora, archivar aqui um documento cur-  
rioso:

Regimento de infantaria 23

3º batalhão 3º Conde de

Parte do tratado de dia 4 cavalariço.

Para os devidos efeitos communico a V. Ex.<sup>a</sup> que fiz he  
dizo parte de uns guarda d'hora a S. M. D. Manuel II  
d'uns jagagem pelo qual terra onde foi assassinada  
D. Luz de Castro.

Das occorrenças que tenho a communicar ha uma  
que merece muy especial attenção e que eu submetto  
ao confidenciais criterios de V. Ex.<sup>a</sup>: O cavallo San-  
t'Anna Marques "conseguiu no estacao com varios  
bunhos a indagar naturalmente se S. M. precisaria de  
marchado e a dar vivas á monarchia.

Ora V. Ex.<sup>a</sup> sabe perfeitamente que os regulamentos  
não permitem a falta aos annuaes.

Coisa alguma mais de avaranal encontrei duran-  
te o meu servico.

(1) O tenente Sant'Anna Marques, então presidente do  
Centro Monarchico academico — e condecorado no me-  
samento de 28 de janeiro... Agora, voltou a varrelho...



O ten.<sup>te</sup> Rodrigues recebeu a sua carta. Mas sei se  
já lhe responderam.

O cavalleto Bombardem<sup>(1)</sup> jogou uma jareta no  
~~caso~~ alferes Brites e outra no alferes Bacellar.

Proganho a V. Ex.<sup>ta</sup> que se jareem estes cavalleto e mais  
razão de grã.

Quartel em Coimbra - 18 de julho de 1810

O trabador de dia

Luis O. Franco.<sup>(2)</sup>

Isso é uma brincadeira do Franco, que assim  
contou casos verdadeiros. Ahi fica para a historia  
dos ... honras.

Quando tambem meo carta do 1.<sup>o</sup> sargento do  
23 José Augusto Gomes, a respeito duma pedida  
que me fez. É interessante.<sup>(3)</sup>

x

E assim, aqui fica mais este farrago da mi-  
nha vida já sempre tanto curiosa.

Coimbra = 27 janeiro - a  
12 de fevereiro de 1911 ==

<sup>(1)</sup> É o coronel Duarte Nunes.

<sup>(2)</sup> Na Coll. Cartas - II, 99-A

<sup>(3)</sup> Na Coll. Cartas - II, 111.



O meu papel na revolução.

« Entrevista hypothetica com um desses interviewe-  
dares que nos primeiros tempos da republica  
massaram toda a gente — desde o presidente  
do governo até aquelles que viram a revolu-  
ção... por detrás das cortinas. »

— Pois muito me conta, sr. X...

— Se não encomendasse muito, Sr. X faria  
nisso um grande favor ao meu jornal e presta-  
ria um estimavel serviço á historia...

— Bannas...

— Perdão, não é lisonja. Eu sei que Sr. X to-  
meu parte activo no movimento que tão glorio-  
samente nos levou ao nunca esquecido 5 d'outu-  
bro. E por isso resolvi...

— E fez bem. Os meus? jornalistas concen-  
traram toda a sua attenção sobre Lisboa. No entanto  
na provincia tambem se combathou, havia dedicações  
houve sacrificios...



— É bastantes, de certo...

— E houve uma ocasião, até, em que os revolucionarios de Lisboa ageláram decididamente por nós, os provincianos.

— Perdão... mas perante a Ideia sacrosanta, não ha capital nem provincia: ha honras levados pelo mesmo impulso generoso...!

— Obrigado... Mas o sur. X deseja saber o que se fez em Coimbra, não é verdade?

— Precisamente.

— Pois vejo a má parte. Embeui, na verdade, malguma coisa, mas pó sei o que se fez com os militares. Com os civis pouco lidei, isto é, pouco trabalhei nas organizações secretas; compreendendo o perigo que havia em me expôr...

— É' certo.

— No entanto, com os militares, não ha duvida que lidei muito e nada se fez, em Coimbra, n' esse campo, que eu não poubesse. Tudo me passou pelas mãos. Tive sempre a parte de andar mettido em tudo e de ter sempre responsabilidades que não eram muito para o meu merecimento.

— Modestia exagerada de S. B. X. ....

— Pois bem. Eu vou contar, e de metter as vontades, tudo quanto a minha memoria con-



perna, apesar de tudo lá ir he muito tempo e de a memoria não per de ferro.

— Estão ás ordens de V. Ex.<sup>ta</sup>

— Eu fui colocado em infantaria 23, no dia 29 de fevereiro de 1808, vinte e oito dias depois do D. Carlos ter sido julgado no Terreiro do Paço.

— E queixa-se V. Ex.<sup>ta</sup> da memoria!

— Perdão... refiro que o anno foi bissexto. Por isso me lembro tão bem. Eu vinha então de Salença do Minho para onde fôra lançado pelo pauperrimo, como anarquista. Voltava ao 23, de onde sahira real visto e onde continuei a ser real visto.

No entanto, nesse epocha de acaloração, a furia revolucionaria obrava e durante muito tempo não se pensou em nada. Eu ia já fazendo a minha propaganda suada, ia continuando com esta e com aquelle uma ou outra coisa e não se pensava d'essa assignação simplesmente. No regimenho havia officiaes republicanos e entre estes se devo destacar o capitão Alfredo Eduardo da Cruz, velho e considerado democrata, mas com ambigo e um nobre caracter; havia um ou outro, mas pouco mais faziamos do que formular hypothesees mirabolantes e imaginar muito physicamente o modo do qual se fôra a revolução.

— E não era pouco...



— Era, era pouco, p' de ver. Os grupos civis, os  
 organizados sob a forma de carbonaria, eram nu-  
 merosos mas não tinham armas e em ideias...  
 eram lunáticos.

— Tem graça...

— Tem graça, tem. Mas o que é certo é que se  
 passou o anno de 1808 e ~~em~~ quasi o de 1809 nem  
 se viu nada feito. Todos falavam e ofereciam  
 serviços, todos diziam ter na sua mão a organiza-  
 ção da republica, mas o que é certo é que se de  
 Lisboa, em certo dia, vierse um emissário dizer: "a  
 revolução é daqui a 4 dias!" — ficava tudo embas-  
 boado porque nada havia feito. E o que é curioso  
 é que eu ia a sentir-me um pouco arrebatado por  
 essa corrente offensiva...

— Antes assim...

— Sei lá!... Olhe, o que lhe digo é que o tempo  
 foi passando sem nada haver... Eu sempre que jo-  
 dia, levantava ás claras o meu protesto contra cer-  
 tos factos — protesto que successivamente me ia  
 encaminhando aos olhos dos leaes monarchicos. E em-  
 bora isto não fosse uma causa valiosa, tinha ao me-  
 nos o valor de ser um exemplo...

— V. Ex.<sup>a</sup> tinha coragem, eu sei... Pode citar-  
 me um desses factos?...

— Pois não... Quando cá esteve o rei, nos fins



de 1908, é claro que nos dirigiram ás cantonetas do estylo. Nós andámos ahí para trás e para diante, enfiados, fazendo ruído com essa turbulenta de locais — que até tiveram sações de jurar ao laudeau real ...

— Extraordinario!

— Mas certo. Nesse dia o realismo andava de rabo alçado, impudente, com impudencias enormes. Pois eu, logo que o comboio o levou de Coimbra mais cedo para casa de cousas ...

— Alguem ...

— Comos largos. E' ainda cedo para se cantar a razão porque sahio mais cedo e ... vivo. Mas eu, dizia, mal o comboio andou, conservando o grande uniforme, fui á Calçada e ali, encontrando o Ramado Bento e o Restauo Junior, andei com elles, impudente tambem, mostrando que só uma direcção impudica me levára á estação ...

— Bello gesto! ...

— Era um protesto. Outro, por exemplo: a comite dos Liberaes de Coimbra, o Dr. Miguel Bombarda veio fazer uma conferencia anti-clerical, em junho, de me não esqueço, de 1908. Pois eu fui á estação esperal-o, no meio de republicanos pormente, alaudí-o, e fui ao parau, e noite, onde dei vivas.



— Muito bem!

— Parecem as cousas não fossem de outros yotes. Tos que se reviviam... aos monarchicos. Recalhava um certo desalento e havia em todos uma certa indifferença — quando em setembro de 1808, estando no quartel a conversar com o capitão Alfredo Cruz, recebi um telegramma do meu condiscipulo Helder Ribeiro que me dizia passar no rajido, á noite, para o norte e que me queria falar. Como comprehende foi uma alegria! Othei para o capitão e um impulso sentimental ainda disse: "cá a temos!"

— Compreende-se a alegria...

— Ah! não imagina!... Foi uma alegria enorme! O Helder não me telegraphava só para me ver; e mesmo elle, a ter que me dizer cousas, só reviviam cousas revolucionarias. O que é certo é que meia hora antes de passar o rajido, já eu lá estava, no estacão, inconsciente.

— É folle-the, não é verdade?

— Sem duvida. Um pouco é yessa, é certo, mas não tanto que me não dissésse que era necessário fazer uma especie de inventário dos officios de Coimbra...

— Inventário, têm graça.

— Foi o nome que primeiro me lembrou



mas olhe que correspondente bem á ideia. O Helldor ia  
para Campos de S. Hieronymo e á volta queria o inventário  
geral para o dar ao João Chagas. Eu lancei-me  
ao trabalho e fiz uma obra grande, uma verdadeira  
obra litteraria, uma coisa grandiosa, desafiando a  
reputação de cada um.

— V. Ex.<sup>a</sup> pode mostrar-me'a?

— Com todo o gosto o faria, mas rasgueira, e  
me não sugere. Conservei copia e metti-a, aos boc-  
cados, em varios livros; ha pouco procurando n'  
esses livros, não encontrei — signal talhe que os  
tivesse rasgado mal algum momento perigoso.

— Que foram muitos.

— Estava o trabalho concluido já, quando o Hel-  
dor me mandou dizer que ia á Figueira; fui lá por  
nar com elle uma tarde e abertamente se falou  
no caso. Tudo ainda hypothetico, problematico, ~~mas~~  
~~em~~ nebuloso... No entanto havia convicções, havia  
coragem e a coisa far-se-hia em breve. Era ques-  
tão de persistencia e trabalho. Tudo queria fé e  
honestidade.

— E o inventário...

— O inventário foi entregue, é claro, e com-  
mentado; era para juntar a outros, com o fim de  
formar um inventário geral do exercito todo...  
O Helldor é uma boa alma, mas pode crer que



é de uma bella energia e certo a direito quando é necessário combater. Mas, é muito voltei já com Coimbra e ... não mais voltei a saber qualquer coisa. Veio o natal, entrámos no anno de 1840 e ... tudo no mesmo!

— Era de arreliar, na verdade, já um caracter, como o de V. Ex.<sup>ta</sup>...

— Oh!... Nesse altura, estava já no 23 um alferes Luis Augusto d'Oliveira Franco, excellente rapaz, sincero, trabalhador, muito dedicado e já com responsabilidades desde o 28 de janeiro. Encantou-me nelle um companheiro decidido e amigo; entendemos-nos excelentemente e, deixei-me dizer-lhe umas heranças de — contribuimos nos em ditadores... No 23, quem mandava, era nos nós! E na verdade, largamente conversámos sobre o caso.

— Era uma conversação...

— É certo. Em janeiro, porém, o Franco diz-me que o Paesado Curto lhe pediu, a elle e a mim, uma conferencia; que Brazão de Lisboa presidente do Directorio, que era necessario ouvir-nos. Combinámos ir no dia seguinte o caso do Franco, nem nos ajuda em conversação, já de cima da rua Botelho do General, casa onde o Paesado tambem iria, com o natural recato que





há em casos destes, attendendo aos perigos que há  
ria.

— Ah, immenso! Eu pei...

— Seriam 3 horas de tarde, lá nos reunimos.

O Paesado, com aquella vivacidade que lhe é pro-  
pria, contou tudo: o Directorio querendo organi-  
zar a causa com urgencia para a causa reabrir  
na primavera; elle, Paesado, encarregado em  
Coimbra de organizar os comités; e nós dois, en-  
carregados, por elle, de organizar tudo que disse  
se referia á trola.

— E estava bem entregue...

— Eu, pensosamente, perguntai-me pelos ele-  
mentos com que se contava para a resolução ter  
essim um caracter tão urgente. Elle disse que os  
elementos eram muitos; não exaggerou, contou as  
causas como eu já, de resto, sabia; e terminou  
por dizer: "isto, meus ricos, é o caso dum tabolei-  
ro de xadrez; elles poderão dar o checque-mate, mas  
é certo que ficam sem pedras para continuar..."

— Bella comparação!

— Combinou-se, pois, eu e o Franco tratarmos  
do caso, com cuidado; mas eu, que já há muito  
audo mettido nestas causas, tive as minhas coce-  
gas e á tarde procurei o Floro Henriques.

— Floro...?



— Henriquez...

— Nome curioso o desse sujeito.

— É mais curioso é o homem. É um rapaz de minha idade, pouco mais ou menos, antigo seminarianista revoltado e secularizado. Ora este rapaz é uma das chaves das sociedades secretas de Coimbra e como o Traveda se não referiu a elle, como comprehende, nada quiz fazer sem falar guesios aquelle que me parecia ser indizfensavel no caso. Confiam, meu caro, francosera, francosinha: eu não tinha uma confiança por 'hi além no Traveda e quiz parecer-me que havia ali muita basofia... Pode ser que me enganave...

— V. Ex<sup>a</sup> se o diz...

— Ora falando com o Floro, realmente, nesse tanto, este não se aliena muito comigo, algar de amigo velho...

— E lã!

— Bem vê... elle andou no seminário. Para alguns cursos he, peruir a theologia... É reservado quando o deve ser e alguaz me disse que Jodis eu, confiar no Traveda Certo porque trazia realmente ardeus de Lisboa e que Jodis começar immediatamente com os trabalhos pois que o comitê que em Coimbra se organisára, confianso Jodismente em mim.



— E com toda a justiça...

— Fiquei pois adivinado com estas causas e no quartel, eu e o Franco, não falávamos noutro assunto. Planeávamos, fantasiávamos, reuníamos... É dezo dizer que pouca coisa útil fizemos...

— Não ha-de ser tanto assim...

— Olhe que é. Eu não meinto por modestia. O que verdadeiramente fizemos, e isso com intensidade, foi uma propaganda activa, continua, persistente, no quartel. Nas conversas com os officiaes, com os sargentos, nas casernas com os soldados, reunidos diariamente uma occasião de nos affirmar e de nos imbuir. Eu, quando estava de serviço, carregava sempre o Mundo e lia-o á vista de todos — o que constituiu um exemplo que dava força aos de baixo; quando podia dar uma lanceira em qualquer curso do manan-chá, era certo e sabido que a dava; e todos os exemplares do Portugal (que em duplicado ia para o regimento) que eu podia agarrar, iam logo para a mão, para a mão, para a mão...

— Bem feito...

— Todas estas pequenas causas já eram um conjunto que dava um pouco na vista e a nossa accção — a minha, principalmente — começou a ser sentida...



— Era de Joverar...

— Uma das causas para que othamos mais at-  
tentamente foi para a castigação de officiaes. Elles  
eram tão jovens, os bons!... Ora veja: discutindo-  
os, um a um, encontrámos dignos de serem in-  
ciados só... dois! Imagine!... O resto era um con-  
junto de aduladores do Joverar, de indifferentes e  
de autênticos talassas.

— E os dois?... Eram...

— Eram o tenente Jorge Correia d'Almeida,  
valeroso rapaz, cheio de enthusiasmo, alus juiz e  
excellente caracter; e o arfanthe do administração  
militar José Fernandes Duarte, um bello rapaz,  
novo, muito novo, crente, desejoso de saber e de traba-  
lhar. E eis aqui os conspiradores...

— Quatro só...

— Perdão, cinco. Não esquecer o capitão Alfredo  
da Cruz, um nobre caracter e um bello cerebro. Não  
é que o não mettiamos em reuniões porque não o  
queriamos cogor, como confundendo. Homem de  
idade, cinco filhos...

— E' certo... Fizerao v. ex.<sup>ta</sup> umos nobre accão.  
Mas esses dois officiaes adheriram logo?

— Não. Mesmo nós combiniámos não nos  
falar abertamente. Primeiro queriamos ter a certez-  
za do que elles pensavam e respeito de uma revolu-



são pois que, compreendendo, para uma revolução não se usa com a simplicidade de quem usa para um gameio. Tivemos largas conversas a tal respeito e devo dizer que muito o Franco trabalhou mais do que eu. Andava horas e horas agarrado ou ao Carneiro d'Almeida ou ao Duarte e depois vinha dizer-me quasi ao ouvido: "os honraes estão quasi feitos!" Bello rapaz, aquelle Franco! E assim se chegou ao mez de fevereiro, e no mez de fevereiro ao domingo gordo...

— do entendo...

— Sim, ao entendo alegre para os outros que eu, com franqueza... Mas vamos ao caso: estava no meu quarto de trabalho, cerca do meio-dia, quando bateu á porta e se annunciou um meu antigo conhecido, cegulo da Escola do exercito, o Antonio Pires Pereira Junior que nós alcumbávamos de "o que matou o avô."

— Curiosa alcumbia.

— E peguendo elle explicava com graça, o crime deu-se por um copo de vinho:.. Polgariadas! Elle entrou, abraçámos-nos, elle explicou-me a sua vida da Coimbra, e a certo altura diz-me: "olha, vamos d'ahi jorrear! vamos ver a terra!" Eu sahi então com elle, já desconfiado; e no minha rua, mesmo abaixo da minha casa, elle começou ex-abrupto: "eu não venho ver a terra, jorreas? jago fran-



"co e cartas na mesa: eu nemho saber como isto está  
"a respeito de republicanos..." Eu corri-me... Com  
franguezos, o Pires Pereira vir a Coimbra, no entou-  
do João ver a terra... era caso João vir.

— Resolvemente...

— Ficámos, como comprehendido, logo á vontade, e  
durante o resto do dia não se falou nenhuma cousa. Eu  
expliquei-lhe a situação e disse claramente como o que se  
jo dia contar; e quando eu ordenava ver nele um ges-  
to desalentado pelo pequeno numero de elementos que  
havia, ele teve um olhar alegre, a physiognomia ale-  
grou-se toda e disse-me: "arre, que vocês têm cá  
gente a dar com um João!..." É afinal...

— Era pouca?

— Eu lhe vou dizer o que disse ao Pires. No regi-  
mento havia regenos e firmes: o capitão Alfredo Cruz,  
o tenente Correia d'Almeida, o alferes Franco e o as-  
signante Fernandes Duarte e... e eu, é claro. Conta-  
vamos com a facil ausencia do major Joaquim  
Mário Ferreira, espirito liberal e homem sério;  
contávamos com o tenente Alberto dos Santos Perei-  
ra Almeida, que então estedava na Universidade  
mas que, apesar de se ter comprometido no 28 de  
janeiro, andava agora a jogar de Jortá... Contávamos  
com o tenente Sant'Anna Marques, tambem com-  
prometido no 28 de janeiro, mas que se retirára do



serviço... político e que dentro em pouco foi eleito presidente do "Centro monarchico academico". Como ás vezes somos ingênuos...

— Que maroto!...

— E ultimamente appareceu comprometido nesta tragédia das conjurações... Seja lá...

— Cousas...

— No entanto, meu caro meu, nessa altura do embudo, ainda havia uma certa confiança real; nómente o viámos retirado de nós, mas attribuíamos isso ao medo. Mas, supor a tudo isto havia um homem com quem nós contávamos com confiança e certeza: o tenente-coronel Rego Chagas, hoje coronel do meu regimento. Esse homem ingenuamente tinha sua parvidade, tinha suas ideias debaixamente liberais e tinha sua firmeza, e naturalmente estava indicado para tomar o commando do regimento. Como né eram poucos...

— Mas quasi todos bons...

— Mas poucos, bem poucos, embora o Pires Pereira já achasse que eram muitos... Nas outras terras quasi não existiam republicanos... Já né...

— De certo.

— O que é facto é que o Pires lá foi, tendo-me deixado esperanças de que "a causa" viria lá para alicerçar, com o desabrochar das flores...



— J. he sempre ironico...

— Como comprehende, as cousas iam-se-me afigurando jorlivas; chamei a conta o Franco e lancei-mos a juras no caso. O regimento é que era ingrato como os demônios... Aquella Juana estragou tudo, dissolveu tudo, o almeu deu raio... Não havia quasi ninguém para agouitar, e o nosso trabalho estava pito. O Franco lembrou-se do alferes Eurico Balthazar Brites, rapaz liberal, de familia republicana, bom rapaz e pe bem se lembrou melhor o fez porque no dia seguinte entrou-lhe em casa e falou-lhe no assumpto.

— Inprudencia...

— Não, imprudencia não. O Brites é um rapaz serio e circospezo de uma denuncia, mas o diabo é que nessa altura a perilha dele estava á morte por causa de um jato e o rapaz não estava para ouvir taes cousas, de modo que ficámos sem a sua adhesão que talvez viesse. E o tempo foi correndo e nós á espera... Em fins de março o tenente José Maria de Sousa Magalhães, do 15, veio estabelecer ligações, commoções, do "comitê" de Thomar, a que presidia o major José de Siqueira Bandeira e ou de Ribham excelentes elementos revolucionarios; d'ahi a dias o Franco foi o jedito nosso (meu e do Correia d'Almeida e Duarte) a Lisboa para poder



de fonte limpa a altura em que ia "a cousa" e as condições de viabilidade...

— Fizeram V. Ex.<sup>as</sup> muito bem...

— Quando veio, deu-nos excelentes notícias.

Encontrámo-nos com o Floro Henriques no Chougal, á noite; e ali, ao som das águas sussurrantes do Mondego e perante a poesia dum claro quarto crescente...

— Lá vem a ironia...

— Perdão, lá vem a verdade... Mas ali o Franco contou que fôra ao Mercado Santos e ao Caudido dos Reis apresentado pelo Pires Pereira para quem em lhe deu uma carta. Aquelles dois fizeram-no ao corrente: a guarnição estava minada pelo carbunho, e embora se não contasse com grande numero de officiaes, contava-se com a cumplicidade de soldadesca quasi em massa.

— Já era...

— A marinha era nossa, como de resto era salido; os regimentos da provincia estavam pouco minados mas contavam com Chaves, Viana do Castello, Beja, Portalegre, caçadores d'Alentejo, Thomar, e... creio que me não lembram outros. Como vê, nada era...

— E' factó...

— Contavam já com o espirito de revolta



latente em todas as almas, com a rápida aquisição  
 cívica que de certo vinha porque tudo estava feito  
 da monarquia, e a propaganda republicana era  
 interesse e dava resultados. Enfim, os tres roman-  
 ticos conspiradores...

— Românticos?

— Sim, românticos, porque fomos João o Chou-  
 gal quando, ao fim de contas, tudo se dizia a  
 uma esquina, na cidade, e já tinha duas lojas, etc.  
 Enfim, o cenário é importante, como calce...  
 Mas, dizia eu, que os tres conspiradores, ao entrar  
 nas ruas da cidade, referáram-se comovidos  
 de que, desta vez, "a coisa ia..."

— Motivo de satisfação...

— Sem dúvida alguma! Mas... neste altura,  
 surge um contratempo. Por causas que devesa-  
 riam muito a contar eu fui transferido violenta-  
 mente para Portalegre, como republicano con-  
 tumpo, para cujo fôgo revolucionário era necesá-  
 rio o caliente do... calor alentejano.

— V. Ex.<sup>a</sup> tem graça...

— Verei, mas eu é que não achei graça e  
 transferência. Foi, no meu caso antigo, a 10 de  
 abril, na mesma altura em que veio para o re-  
 gimento o tenente António José Rodrigues, de  
 admissões militares, velho republicano, tenente.



regimento de revolucionários, rapaz decidido e far-  
ce-me que valente. Foi uma conflagração nu-  
merica, forte, quanto ao valor, o regimento ga-  
nhou excelentemente com a troca.

— Outro tanto não digo...

— Eu, e' claro fui a Portalegre, erguêi-me  
com a fealdade da provincia alentejana, e erguêi-  
me com o ser que o regimento, contra o que  
dissera o Franco, informado pelo almirante Can-  
dido dos Reis, não era o regimento republicano  
que se desejava... Confesso que desaminei... E  
nada? apenas encontrei o então capitão Antonio  
Patricio Pinto Rodrigues, velho republicano, embora  
retrahido, como um flor exotica de republicanis-  
mo em terras afastadas. E mais nada...

— Extraordinário!

— O Baltazar Teixeira, antigo conflagraheiro  
da greve de 27, e advogado lá, fór-me ao cor-  
rente de tudo: no 22 havia apenas aquella capi-  
tão; e embora um tenente Ribeiro, conhecido  
pelo "Mimas", alardeasse serviços, ninguém con-  
tava com elle; entre os sargentos havia belos ele-  
mentos, de entre os quaes destaca o 2º sargento  
José Marcelino que foi transferido para Lisboa,  
para o 16, em agosto e com tal parte que foi dos  
homenes da Rotunda e hoje é alferes. Havia, e



verdade, o tenente Jorge Carozo, do guarda fiscal, raço de confiança. E aqui tem eu que deu o republicanismo de Portalegre, segundo informaram de Lisboa.

— V. Ex.<sup>a</sup> dá-me novidades, verdadeiras cousas inéditas...

— É bem interessante! Desta vez, em Portalegre estive algumas semanas e ... cheguei. No entanto, para não ser fiel exposita, não quero deixar de lhe contar uma estranha aventura semi-cômica, ou semi-seria, como quisesse, que bem mostra a falta de orientação que prevalece á organização de certos trabalhos revolucionários.

— Sou todo ouvidos...

— No momento em que me gostava em Portalegre, ainda na causa a lutar com o povo, senti bater á porta, cerca das 7 horas. Perguntei naturalmente, quem era; de fora disseram-me: "sou o Camillo Rodrigues!" Eu de dentro disse: "é bom!..." e saltando do campo fui abrir a porta, e dei entrada ao visitante que ligeiramente othou pelas janelas, mysteriosamente, como quem quer que visse se não fosse um ar de recato indetectavel. Eu, mettendo-me de novo no campo, bocejando, ofereci-lhe uma cadeira e desconfiado avancei a pergunta classica: "então que ha de novo?"



— E quem era elle?

— O Camillo Rodrigues é um regente agrícola com um curso feito na Bélgica; bello rapaz, entusiasta, conheci-o em Coimbra, em 1908, e foi-me apresentando como anarquista. Era então qualque curso na Escola Agrícola em Coimbra, mas foi perseguido pelas suas ideias e veio a parar em Santarém depois de ter estado em Évora, etc, etc. Causas...

— Violencias, violencias...

— Estava elle, mesmo allora, em Santarém, quando me appareceu mysteriosamente no hotel em Portalegre. E quando eu lhe perguntei "o que havia de novo" elle respondeu-me discretamente: "ho muita coisa de novo..." Ora em confesso que, naquella situação de refugio e comodidade, achando um certo que aquella visita inesperada, tive vontade de fazer enigmas e aventurei: "então responde a coisa e agora?" E elle, voltando a percorrer o quarto com a vista, responde baixo: "estamos todos á espera..." Naturalmente, eu perguntei logo: "mas de quem, ou de que?" E aqui está o que elle me responde, tão lealmente: "tudo depende do meu amigo!..."

— E' isso...

— Eu dei um pulo no caso! De mim!... A resolução de depender de mim!

— E porque não?...



— Ora!... O que é verdade é que achei inesperadamente dividida a situação e achei fixo já o Camillo já nos ser pe nelle divisave indícios de desarrajo mental.

— V. Le<sup>a</sup> é d'uma modestia...

— Isto não é modestia, ser. X.; isto é simplesmente não ser tolo. Eu, centro, chave da revolução! Confiança, nessa altura, não me combive entre os braços; vesti-me a mim mesmo, já meando, o Camillo já me ao corrente de tudo... o que elle desejava e eu gímore no meu bello e generoso alvã. Ora vejo o que elle queria: — queria que em no momento próprio fosse já o Santarém, e ali, revolucionado caçadores 6 e artilharia 3, tomasse o comando destas forças, marchasse sobre Lisboa, depois de unir a infantaria 15 e a infantaria 7 que infalivelmente viriam unir-se-nos no momento oportuno, a local determinado. Depois, realizada a junção das forças todas, marcharia, novo Napoleão... improvisado, sobre Lisboa, com o fim de a cercar, caso a revolução não triumphasse.

— Bello projecto!

— De facto era bello projecto, mas eu é que já não sou criança e comeciei a ver obstáculos, amáveis, como comprehendo, porque de forma alguma eu queria que elle julgasse que eu tinha



medo de tomar a responsabilidade de tão tremen-  
da tarefa...

— J. he bem muito grato...

— Argumentei quanto pude, agarrei-me a tudo... mas confesso que elle tinha resposta para tudo. Quando eu lhe disse: "mas se he nemas ho-  
ras officias com patente superior?" elle respon-  
deu logo que a Junta revolucionaria tinha poderes  
especiales e que os commandos deviam ser dados  
conforme os merecimentos...

— E muito bem.

— Se eu lhe dizia: "e a administração mili-  
tar, quem e que trata d'isso?" elle respondia com  
uma phrase um pouco do conselheiro Pacheco:  
"meu caro: tenho o Alentejo alerta, que e o cel-  
leiro de Portugal!..." E o que e facto e que não  
havia maneira de lhe fazer comprehender que o pla-  
no delle era uma linda fantasia e nada mais.  
E andei todo o dia com elle, ás voltas, para o  
convencer; e estou certo que e tarde, quando se  
foi embora, ia com a duvida de eu me recorrer  
com medo... Enfim, como vê, eu não podia  
aceitar esse curso daquellas, por todos os mo-  
tivos...

— Menos pela competencia...

— Ora adeus, sr. X. Isso de competencia,



ainda era um problema e dos bores... Enfim, conseguindo escapar daquelle carreira que me levaria á celebridade, estive mais uns dias em Portalegre, fui a Évora e junto e de novo, nos primeiros dias de maio, voltei para Coimbra, onde continuei auxiliando os rapazes amigos. Houve então um certo desanimos, não sei bem porquê; e nesse estado passou o mez de maio e começava junho, quente, com trovoadas...

— Sua memoria!

— Eu passava os dias na bibliotheca da Universidade, trabalhando com afieiro e desse estudo só me desviava para os trabalhos da revolução. Em meados de junho o Floro Henriques foi a Lisboa, em serviço revolucionário; eu pedi-lhe claramente que fizesse os pontos nos ii ao João Chagas e lhe dissesse que era necessário vir um official superior a Coimbra, e isto por muitos motivos. Era um meio de nós termos confiança no movimento que se preparava, e era necessário que alguém falasse ao Chagas, ao tenente-coronel em quem ainda agora falei...

— Lembrou-me muito bem.

— Era preciso animar as hostes e incutir confiança; e o Floro assim expôz as causas ao João Chagas e ao Affonso Costa, os quaes, com o Candido



dos Reis, constituiu o comitê militar central.

— Não sabia...

— Não admira. O que é facto é que, nas alturas dos festejos de S. João, o Pires Pereira, um moço, bate-me á porta e diz-me: "está cá o Candido dos Reis!" Eu tive um sobresalto alegre: ia finalmente ver esse homem quasi legendário e que já nessas alturas tinha tomado um alto lugar nas nossas imaginações! Era certo, nesse dia... Dei abraços a esse valente Pires Pereira e perguntei-lhe: "e elle onde está?" Resposta: "ficou em casa do Rego Chagas..." Era optimo, tudo aquillo! Exultei. O Pires Pereira, então, contou-me cousas: tudo ia bem, a obra caminhava a passos largos e ali por julho ou agosto... E nós tínhamos um gesto breve de quem dá tudo por concluido. E o Pires lá foi, a encontrar-se com o almirante, tendo acompanhado consigo o sr. e Sampaio Claro, cerca das 3 h. da tarde, com o Franco e o Antonio José Rodrigues — porque o Correia d'Almeida disse que não podia ir e o Duarte já voltara para Lisboa, concluido o tirocinio. Pois ás 3 h. da tarde, com um numero do "Alus Nacional" na mão, sentei-me num banco alem da ponte e esperei com ansiedade...

— Imagino...

— Não imagino, não sr.. A minha ansiedade



mas era motivada pelo facto de interviewer, pois que a essas causas mysteriosas me habituára já; eu estava ansioso por <sup>ver</sup> o almirante! Esta é que era a verdadeira ansiedade!

— Elle, naturalmente, foi pontual...

— Não ha duvida... D'ahi a modo vejo apparecer no frontão um sujeito baixo, secco, de ligada cahido, chapem de patha, frack, luvas cinzentas e botas inséiras. Vinhe pausadamente, olhando tudo, de mãos abráz das costas, como que indifferente ao que o cercava; mas ao ver-me, fixou-me, fixou-me bem, como quem queria penetrar os meus pensamentos e eu vi que esse homem que assim olhava, tinha qualquer coisa de penetrante no olhar, qualquer coisa de extraordinário. Pôde crer que ainda conservo bem viva a impressão que recebi — porque ao mesmo tempo, vendo o numero da "Ilha Nacional", o olhar teve qualquer coisa de mais brilhante. Exclamei de mim para mim: "já está o homem! É elle!..." Estive para me dirigir e cumprimental-o; mas me restava duvida. Aquelle olhar, o brilho ao dar com a revista do Antonio José... E depois, o todo de official á paizana... Não me restou duvida alguma: era elle!

— E o que fez o almirante?



— O almirante seguiu pausadamente, fingindo que olhava para as lavadeiras no rio. Disse-me elle depois que tambem me "matou" logo e que tambem esteve para se dirigir a mim.

— É curioso...

— Disse-me tambem que me "matou" pelo aspecto... Ora veja lá... O almirante tambem sabia ter graça, quando queria. Mas nisto chegou, e aqui, o Pires Pereira; perdura-se do almirante; muito escausado, porque o almirante era capaz de se ir metter na boca do bico; como não conhecia Coimbra quem sabe se elle iria para defronte da casa do Jesus, e estava tudo perdido... Eu socorri-o, dizendo-me: "o almirante vai ali..." E apontei o vulto que desaparecia na curva. O Pires, socorreu e lembrou-se. Depois chegava o Rodrigues e o Franco e resolveram-se ir ao encontro do homem...

— Sem precauções?

— Bem vê: áquella hora não havia ali gente, eram horas do jantar e além disso como elle era desconhecido... Enfim, nestas cousas, tudo é contingente e nós iamos confiados em que nada haveria de anormal. Eu segui adiante com o Rodrigues e o Pires seguiu atrás com o Franco. Logo na curva vimos o almirante, parado, tal-



vez contemplando a paisagem — se é que naquella  
 a escola havia então lugar para um pouco de  
 arte. Nessa altura, ali, deu-se um caso que, se  
 o não posso...

— Pelo contrario.

— Então ali mãe: um cyclosta, a todo o pa-  
 no, atropelou uma criança; a criança, no chão,  
 tinha já um risco de sangue na cabeça; gritou;  
 o almirante voltou-se, viu e deita a correr; pre-  
 gou na criança e othere em volta, chamando al-  
 guem; acudiram mulheres e o almirante dis-  
 puzha-se talvez a auxiliar o curativo quando  
 em si o perigo todo: ao longe viuha um policia,  
 o cyclosta iris preso, o almirante tinha de dizer  
 o nome...

— Isso era um perigo.

— E era, na verdade. Disse-o ao Rodrigues;  
 este correu, fuxou pelo aldo do frack do Candido  
 do Reis, disse-lhe qualques coisa, que elle seguiu  
 logo, atravessou a estrada, tendo cubraque a crian-  
 ca e uma das mulheres. Bella alma, grande al-  
 ma, meu caro! A falta que elle faz!

— Que remedio...

— Mas, ao abnavessar a estrada, deu com  
 os olhos em mim, dirigiu-se-me e cumprimentou-me logo, tratando-me pelo nome!



— É curioso...

— Depois vieram os outros e fomos todos para a estrada do Aluegue, onde, á Guarda Ingleza, cortámos á estrada do Bardalo, estrada só, quasi abandonada, cheia de sulcos fundos, das aguas da chuva. E a conversa seguiu, intensamente, sentindo nós a força magica que nos vinha desse velho cheio de vida, haueu exornas diuários ao pé do qual nos sentiamos grandes, nos sentiamos fortes, promptos a morrer á sua ordem... Olhe que não exagero...

— Acredito. Basta V. lê dizel-o...

— Eu falo por mim. Não calculo a impressão que esse haueu me deixou. Eu não sou valentão, não sei mesmo se sou capaz de causas arrojadas; mas pôde crer que se a revolução fosse nessas noites mais proximas, eu seria o primeiro a lançar-me nos pitões mais perigosos. Ainda o estou a ouvir quando eu lhe apresentei uma duvida acerca do exito da revolta; pareceram-me que elle cresceu, que se tornou grande, os olhos fixaram-se com um brilho intenso; havia contrações nervosas nos faces; e elle disse: "é necessario cuba que os velhos venham dar coragem e confiança, aos rapazes? Que rapazes são os melhores que ainda precisam dos meus resenta



anos?... " Eu, confesso, senti-me confuzo pela  
duvida apresentada... Grande homem, pode  
crer! Enfim... maneu, a deante.

— É' certo...

— Pois a conversa foi longa. Logo de entrada  
contou que o ten.<sup>te</sup> coronel Chagas recebera a em-  
baixada com a mais franca hospitalidade. Anuncia  
a tudo e só apresentou uma duvida: se os rapre-  
ses (que eramos nós) o queriam? Mal sabia  
elle que nós é' que o escothemos! Mas o almiran-  
te pôz-nos ao facto da ideia geral do movimento.  
Elle era de opiniao que as provincias se não  
manifestassem sem que as causas em Lisboa es-  
tivessem bem, porque assim se fofava mu-  
ta gente, ~~na~~ na hypotese de o movimento em  
Lisboa ser vencido — o que não era possível,  
dizia elle. Contou-nos varias causas a proposito  
e entre ellas... Mas eu estou a abusar da sua  
paciencia, m. X...

— Pelo contrario, seu todo ouvido...

— Pois ahí vai... Contou-nos a proposito do  
ministro Mathias Alves que ter transferido, que  
este cavalheiro, quando foi da 1.<sup>a</sup> ditadura de João  
Francos, lhe andava sempre a escher o bicho do  
ouvido com revoluções, com republicas, o deus-  
nis! A certa altura, enrimen-<sup>te</sup> me mezes que



iria para a revolução se fosse necessario, que o seu regimento havia de ir, etc, etc, — causas estas que o almirante ouvia com resignação, mas ouvindo-o, dizendo-lhe que a "causa" ia ... Um dia, para o experimentar, disse-lhe: "amigo Mathias Nunes! Chegou a occasião! a "causa" necessita esta noite; espero a tua cooperação e a tua lealdade de amigo velho e liberal... etc, etc." E sabe o que respondeu o Mathias: "Oh diabo! por essa e' que eu não esperava; comprehendes que eu não posso responder-te sem falar com o José Luciano..."

— Extraordinário!

— E o respeito de responder... nada! Não lhe deu sequer um sim ou um não! E eis o resto: Quando chegou o metal, o almirante recebeu um cartão de visita do Mathias Nunes dando-lhe as boas-festas...

— Interessantissimo! V. Lec tem uma memoria preciosa e um jeito especial para contar...

— Ora adeus, meu caro Sr. Nada de lisonjas, e vamos adiante. A tarde adeantava-se e não havia mais de largar a conversação com esse Romano fora do comum. Garantim-nos que o exito da revolução não adreiria duvidas e que contaríamos com elementos em todos os regimentos embora fossem 3 ou 4 em cada um. E pode



crer que foi assim que se levou ávante a revolução. Pouca gente, sr. X, pouca gente...

— Mas foi como se houvesse...

— Isso é verdade, e agora... é o que vê: são todos republicanos históricos! Mas, o pol já começava a estivar poeiras e eu me pelas in-  
nuas e viemos a necessidade de acabar a conven-  
sa. O almirante abraçou-nos; o ultimo abraço!  
Soube depois pelo Floro, que já estava com el-  
le, que foi excellentemente impressionado com  
nôco.

— Não admira...

— Admira, sim sr., admira. Nós eramos só-  
tres e nada prometemos além da boa-vontade.  
Já vê... para uma revolução... é pouco! E  
agui tem como terminou, para mim, este dia  
notável. O almirante, no rapido á noite, re-  
giu para Oliveira e eu, d'ahi a dias, voltei  
violentamente para Portalegre.

— Outra vez?

— É verdade, outra vez, e desta vez cá lá  
deixando a vida o que era feição.

— Oh! de certo...

— Foi outra fôrça do ministerio da guer-  
ra, creio que do director-geral, o reaccionário  
Flaviano de Mendonça.



— Uí!...

— Conhece-o?

— Muito bem! É um grande reaccionário e um bom patife!

— Pois então, ahí tem. Tive de voltar ao terrível Alentejo. Um horror!... Felizmente, desta vez, vi por lá officiaes que me agradáram mais e tratei de os pendar — e tanto que se me confessáram republicanos o capitão Veller Caroco, irmão do tenente Jorge Caroco, e o tenente José Marques, rapaz firme, um pouco rude, mas bom. Com o Fabricio Rodrigues (que andava em sirocinis) e comigo, já o grupo era de quatro — acrescentando um excellenté nucleo de sargentos. Quiz agarrar o alferes Aurelio Alves da Silva, mas este negou-se cautelosamente. O tenente Ribeiro "o misas" esse, não se contava; era um "gajo", desculpe o plebeísmo.

— Ora essa...

— Eu sei que elle agora se apresenta como republicano a valer; combáram-me até que um dia eu que o capitão-medico Guerreiro me disse que elle nunca fôra republicano e apresentára o meu nome para exemplo contrario, o "misas" sangou-se e disse que sempre fôra mais republicano do que eu... Imagine que até o pedro-co.



felas teve de vir em meu auxilio... Isto conta-  
ram-me que se dára ha pouco, lá nessa Portale-  
gre dos demônios... Pois é verdade: de combi-  
nação com o dr. José Segueira, medico d'armada,  
e que estâ como governador-civil no districto, e  
com o Balthazar Teixeira de quem já falei, en-  
ta dando aos officiaes instruções e conselhos, pon-  
do-os ao facto de causas, e continuando outras.  
O proprio commandante, o Pacheco, o terrivel  
Jacintho Pacheco, netho mago e liberal, republi-  
cano da velha guarda do Elias e Sousa Brandão,  
havia de ser atacado por mim, com certo gosto,  
atendendo á nossa qualidade de mago e elle  
parecer ter por mim uma certa consideração.

— Merecido, sr. tenente, merecido...

— Obrigado. Mas nada foi preciso. Eu adoe-  
ci; estava ainda mal, quando foi da tentativa  
de 19 d'agosto de que nós tivemos conhecimento  
6, dez dias depois...

— E' bom...

— E' bom, é, mas em Lisboa tinham resol-  
vido não mandar aviso para as provincias e  
como a causa se malogrou, tambem nada  
dizeraem. De Lisboa, não tinha recebido mobi-  
cias; apenas nos primeiros dias de julho, o  
Helder me escreveu, respondendo a uma car-



ta em que eu lhe pedia para ir á colação do Rio  
ao combio em que eu seguia para Portalegre,  
quando passei por Lisboa; e nella me dizia que  
os negocios "agora iam meus mal encauni-  
nhados." <sup>(1)</sup> Nada mais, e isto como se não era pumi-  
to... O Franco, de Coimbra, mandou-me uma  
inferenciação do alferes e Nunes da Silva, sob uma  
forma allegorica, mas nada mais dizia... <sup>(2)</sup> Nada  
vamos em ignorancia... Por fim, quasi morto,  
resolvo-me a ir á junta a Lisboa, passei á inabi-  
lidade e voltei para Coimbra, não sem um certo  
custo.

— Terminais, esses monarchicos...

— No dia da junta encontrei o Pires Pereira,  
no hospital da Estrella. Elle é que me pôz ao facto  
de tudo, do que se passára nesse tentativa frus-  
trada, atirando as culpas para o capitão Palla que  
se safára para Santarem... Couras. Contou-  
me que, de entre os officiaes revolucionarios, se  
destacára um grupo mais decidido que se enbi-  
tulou "O Jovem Portugal" e que haveria de levar  
as causas a bom termo. Perguntei se o almi-  
rante entrava nesse grupo; resposta textual:

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 97

<sup>(2)</sup> Coll. Cartas - II, 98



«esses velhotes não decorativos, meu velho! o que se quer é sangue novo!» E com estas e outras razões pitorescas, garantiu-me que a coisa viria para a rua nos fins de setembro ou, quando muito, em outubro.

— Como de facto.

— Depois de mais de duas horas de conversa, prometi aparecer á noite, no Blois, para nova palestra; e foi igual que faltei porque saí de Lisboa nessa mesma tarde — o que me valeu, do Pires, umas reprehensões amavel, dias depois,<sup>(1)</sup> minhas cartas. Segui para Coimbra, com a família, nos primeiros dias de setembro e aqui correu amavelmente o mez sem nada de notavel. A minha saúde era má, eu andava decaído; ninguém apparecia em casa, parece que todos tinham medo... O Franco fôra para a Africa, no dia 1 de setembro, levado pela lei do Pimentel Pinto; o Correia d'Almeida e o Rodrigues não appareciam; o proprio Flor Henriquez parecia que se retrahia comigo; eu andava ás aranhas, apenas dedicado aos livros velhos, na bibliotheca da Universidade e nas livrarias do velho Martin de Carvalho...

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 115.



— Isolado...

— Isolado, diz bem. E ainda hoje estou para saber porque... Até que por fim, em 4 d'outubro, quando me despedia do capitão Alfredo Cruz que devia embarcar no peú-express para o Porto, feita uma visita fugidiva á familia, eu ouvi dizer a um empregado da estação que o comboio não viera porque em Lisboa havia revolução e grande! Compreende como nós ficámos... Olhamos um para o outro, admirados, sem saber o que dizer. Era certo, a revolução, finalmente! E ella veio, solenne, grande e... e, meu caro sr. agora reparo em que a entrevista acabou. E não pouco o marzei...

— Perdão, perdão... J. L. ainda não acabou porque apenas ~~se~~ sabe vagamente que a revolução estalou. D'ahi a ella ser proclamada...

— Isso, meu caro: d'ahi até ella ser proclamada, nem no meu 2.º volume de "Cartas", que se quizer está ás suas ordens..

— Agradeço a J. L. ... Mas se J. L. resumisse o que nellas escreveu...

— Cartas em resumo: foram dois dias e duas noites duma anciedade horrivel, quero mesmo dizer-lhe que na tarde de 4, quando tudo invertece e as estrelas começaram a aparecer



aqui e alem; eu tive a reusação naga, mal defini-  
 mida, de um descalabro certo... Eu sabia que se  
 em Lisboa a revolução viesse para a rua, tinha  
 de triunfar; mas... nada se sabia, andávamos  
 a perseguir as notícias uns aos outros... Foi uma  
 causa terrível, meu caro Sr. Houve exaltados  
 que quizeram fazer causas e eu fui um dos que  
 aconselhei a esperar dados positivos.

— É muito bom.

— Houve quem não achasse. Por fim, em 5,  
 á tarde, metti-me em casa, desanimado, embora  
 com a certeza de que aquella demora denotava  
 victoria dos nossos. Veio a noite... horrivel noi-  
 te! Até que pela madrugada, foguetório, musi-  
 cas, vivas, chegaram aos meus ouvidos como  
 aos olhos de um naufrago deve aparecer o porto  
 salvador! Era o Republico, caramba!

— J. L. exultou...

— Olhe, eu lhe digo: de começo, tive uma co-  
 moção de alegria, um palpitar alegre de coração,  
 mas immediatamente lembrei-me com tristez-  
 za daquelles que seriam mortos na revolta, a  
 tiro, á bayoneta, quem sabe! — para que eu,  
 para que todos nós, tivéssemos aquella alegria  
 unica na vida! Que mania aquella!...

— Mas finalmente, socorreu...



— Sim, soceguei ... De antes, deixei de ter po-  
cego ... Sabe? fizeram-me commissario de poli-  
cia; e a minha vida pacata, foi-se.

— Mas prestou serviços ...

— Ah! ... muitos: antes, foi o que vio, contou  
me contei; depois, tão pouco gosto tive para o  
logar, que me fizeram fora ...

— Mas que modestia!

— E' modestia, e' ... Pois fique-se com o que  
lhe digo que já não foi pequeno o trabalho.

— O dolero que fosse, <sup>meu</sup> Sr., o dolero que  
fosse ...

— No seu dispor ...

— Que creado de V. Ex.<sup>a</sup> ...

Coinhena = 13 puerceiro - a 10  
d'abril de 1811. 

---



Como eu colaborei na "Alma nacional".

Um dia, pouco depois do Duómino José d'Almeida ter lançado a publico a "Alma nacional" lembrei-me de escrever qualquer coisa para lá. Pensei, raciocinei e no dia 25 de fevereiro escrevi-lhe a seguinte carta:

Ex<sup>ma</sup> Sr.:

O nome ignorado q. assigna esta carta é o de um subalterno de infantaria q. vive em Coimbra servindo em ~~um~~ um regimento onde o diretor espiritual é a gazeta do padre Lourenço de Mattos.

O signatario desta, porém, não tem o seu espirito apto a taes subtilidades de infantarias e a tanta diabolica ignobil; e é como tal q. hoje se dirige a V., entregando á lealdade q. todos lhe reconhecermos, o seu nome enrolado como columna das instituições, embora com o signal moderno de altamente suspeito da fozouha revolucionária...

Umas eis a razão desta carta.

A revista q. V. publica, sugeriu-me, pela sua índole, e pela sua forma, uma pequena peçad q.



lembrasse aos portugueses uma qualidade q. a nos-  
ra gente teve sempre e q. se evidenciou a travez de to-  
da a nossa historia — a qualidade e a força revolucio-  
nária.

Julgaria V. extrair esta proposta?

É q. eu, ha anos e anos, — já vou nos trinta e co-  
meço a ter cabelos brancos — q. me dedico ao estudo  
da nossa historia; e desse estudo veio uma faciente  
coadunação de factos dispostos chronologicamente  
q. se compulsa com facilidade e proveito.

Pois bem: reverendo por alto essa compilação, eu  
vi q. fare cada semana, sendo no dia proprio eu q.  
põe a revista, ao menos numa dia proximo, se podia  
comemorar uma revolta — uma revolta portugue-  
za, seja ela a revolta de Afonso Henriques contra a  
mãe, seja ela a revolta dos burguezes do Porto contra  
o leispo poderoso, seja a do povo de Lisboa levando ao  
tráns o mestre d'Aviz, seja a dos portuguezes no  
Brasil contra os jesuitas, seja a do povo contra os  
franceses, seja a longa serie delas desde 1820 até 1854,  
todas como aspirações nobres de dignidade e de jus-  
tiça, até ás contemporaneas como a de acadêmicos  
em 1807 (em q. eu infelizmente, tive uma parte) ou  
a nossa de 28 de janeiro de 1808 em q. tambem...

... não estará isto no indole da revista de V.?

Cerca de uma columna, quando muito columna e  
meia, não mais, dos Comentarios, talvez, ou como  
V. se entender; e quando a historia nos falhar com  
um facto de clara intenção revolucionária, ha de cer-  
to, um em outro acontecimento, ou filho de revolu-  
ções ou ainda, quando mais não seja, uma con-  
quistã de pensamento.

Causas enfim em q. se veja bem patente a mar-  
cha ascensional dos homens para causas melhores...

Quando a resposta de V. q. V. darã com a franque



za e a lealdade q. são das mais altas qualidades do seu caracter.

Seus mais, etc, etc.

(c) Bli, - Pi - T -

A 1 de março respondeu-me, amavelmente, dizendo q. seria útil e proveitosa a recção e dando logo o nome para ela: Portugal revolucionário - o caminho da liberdade. Desejava q. seria melhor a recção começar pela fundação do reino e declara q. me quer pagar...<sup>(1)</sup>

Eu lancei-me ao trabalho; estudei nos livros de Theophilo Braga a persistência da raça e querendo ir mais longe, escrevi a meu cunhado do Costa-Ferreira a seguinte carta:

7-março-910

Meu caro:

Duas palavras apenas, para você ler e para ver se responde...

O Theophilo Braga, em quasi todas as suas obras, insiste na persistência de um caracter proprio de raça q. se revela nos portuguezes atravez da historia. Chegamos mesmo a chamar lusismo a razão quasi inconsciente q. tem dado a Portugal o espirito de resistência como nacionalidade livre, atravez de todas as necessidades e de todos os aviltamentos por q. se tem feito passar.

Ora o q. diz a isto a antropologia?

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 20



Tem você algum trabalho seu q. elucidar este ponto e q. me mande, para evitar tempo perdido em me escrever? Ou pode você responder, em duas palavras q. sejam?

Não se esqueça.

Por cá, a temperatura sobe...

Etc, etc, (6) D. L., -

D'aí a 15 dias recebi como resposta, um folheto dele, e q. modo dizia acerca do q. eu desejava: O Povo português sob o ponto de vista antropológico. No mesmo, contra o costume, deu alguma resposta...

Mas, resolvido a compreender a recusa, escrevi dois artigos q. mandei em 20 de março com a seguinte carta para o Sr. José d'Almeida:

Meo Sr.:

Eu já devia ter escrito agradecendo a sua carta e as suas palavras amáveis. Tenho porém andado um pouco enredado com causas q. reclamam urgência e cuidado, de modo q. só hoje o faço.

A ideia de V. de fazer a recusa subordinada a alguns cronologicos, é excelente e eu immediatamente a accehi com prazer; mas... a reflexão veio perturbar-me depois de a poderis levar a efeito.

A q. eu lembrei, não tinha grandes ~~responsabilidades~~ responsabilidades: eram factos isolados, sem regularidade, comemorativos apenas. Mas a q. V. lembrava tem uma outra responsabilidade perante a qual, confesso, vacilei.



Seria para a minha competência?

É q. esta recusa exige, apesar de modesta e pequena, um critério filosófico q. eu não sei se terei — apesar de ter aprendido com os livros e conferências de Theophilo Braga.

Mas, confesso lealmente: o q. sou capaz de fazer pouco á disposição da revista de V. e hoje envio dois artigos q. V. verá se estão ou não nas condições e dos quais fará o uso q. entender.

V. dará as suas ideias, etc, etc. . . .

É no dia 1 de abril, no n.º 8 de "Alus nacional" lê-se o 1.º artigo do Portugal revolucionário. Conferência podia, lá ia mandando os artigos; chegaram ao citaro: o nome já ficou no terceiro parq. chegou o 5 d'outubro antes q. ele saísse á luz da publicidade.

Em 14 d'abril escrevi de novo ao Sr. António José d'Almeida:

PTL:

Envio hoje a V. mais dois artigos para a recusa q. V. consente em escrever na bela revista q. dirige.

Prometo não faltar quinzenalmente ao compromisso q. tomei e V. me fará o favor de suspender a ~~publicação~~ publicação dos frequentes artigos quando entender q. eles não são do molde da revista ou não estão á altura da escolhida colaboração q. ela tem.

Aproveito a ocasião de escrever, embora por pouco tempo, os meus serviços em Portugal, para ainda



fui transferido por telegrama do Ministerio da guerra, mercê do medo q. a minha presença aqui mette aos leas defensores da monarchia, ouer como republicano, ouer como maçom.

Uas isto, enfim, é o pão mollo de cada dia e nada temos q. estranhar; no campo bem stão q. não, mas acredito q. sómente no outro mundo se dá o castigo aos maus.

E não mais, etc, etc. . . .

E para acabar, umas nota curiosa:

O Antonio José d'Almeida perguntou-me, logo de entrada, pelo preço q. eu dava aos artigos; não respondi. Alguns dias posterior, e me veio perguntar e eu nada. Num littera qualquer, não perguntou a q. eu respondi q. antes de dizer quanto devia receber pelos artigos, devia perguntar se eles valiam alguma coisa...

Nisto vem a Republica e o homem vai a ministro do interior; no dia 19 vem a Coimbra por cause dos estudantes insubordinados e entre uns cumprimentos e uns vivórios dig-me:

— Oh Belizário Pimenta: olhe q. eu preciso falar-lhe...

— Quando v. he quizer...

Eu disse de mim para mim, entre admirando e receoso:

— Que diabo querera elle?



No dia seguinte, em S.<sup>to</sup> Antonio dos Olivares, minha reunião com Manuel d'Arriaga ao túmulo de José Falcão, ele, travando-me do braço, diz-me amavelmente:

— O meu amigo escreveu aqueles artigos para o Diário Social e eu ainda lhe devo tudo...

— Oh sr. doutor... Não vale a pena falar nisso...

— Vale, sim, vale. O meu amigo ha-de receber o preço dos artigos, etc, etc.

Eu escusei-me mas ele insistiu.

Passaram-se meses. Em março ou abril, meu Tio Alvaro teve de tratar com ele qualquer negocio e foi procural-o á redacção do Repúblicas; depois, cerca de 2 h. da noite, descendo a rua nova do Carmo, meu Tio despedindo-se, disse-lhe q. eu lhe havia mandado lembranças; e ele, como q. recordando qualquer coisa de grãve:

— O Belizário... Sim... Ainda lhe devo uns artigos q. ele escreveu...

Coimbra = 14 de outubro de  
1915. =====



O Jardim-escola João de Deus  
em Coimbra:

Creis f. foi em 1909 f. o João de Deus me me-  
têo na "Comissão auxiliar em Coimbra" das Esco-  
las novas; e quando se tratou da construção  
do Jardim-Escola pelo projeto do Naul Lino, o  
meu trabalho foi fazer com f. a obra fosse dada ao  
empiteiro Marques Alves — como o melhor in-  
terprete dos projetos daquele arquiteto.

Houve dúvidas mas lá conseguí f. ele fosse  
o escolhido — e no dia 10 de março, salvo erro,  
as obras começaram sob a fiscalização do tenen-  
te alexarife Figueiredo.

Sobre a empreitada, dada ao Alves, conven-  
ci o João de Deus f. ele seria o melhor executor  
e assim ele ficou convencido como se vê por  
um bilhete f. ainda em janeiro me mandou.<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas — II, 75



Procurei fazer todo o reclame a' obra e até no n.º 2 de "Ciudad Pitagorica" eu fiz publicar, em granera, o projeto da escola, com um artigo do proprio João de Deus.<sup>(1)</sup>

A obra foi aparecendo, realmente e o dinheiro tambem ia aparecendo dado principalmente pelo Orfeau academico q. alguns centos de reis entregam generosamente.

Em fins de novembro houve um parau de ginástica e atletica, meu sabado á noite e no domingo seguinte um campeonato de jogos e exercicio ginásticos na parau do novo quartel de Sant'Anna q. rendem algum dinheiro e a mim — então cominário — algumas manadas.<sup>(2)</sup>

E eis a minha intervenção na obra excelente e interessante do Jardim-escola...

O pau a pau deus...

x

A proposito vem referir o q. se passou comigo numa tentativa para instalar em Valença um "Cominário auxiliar" (parq. tinha havido um legado do Brasil) e referir o ~~part~~ vergarhos

(1) Coll. Cartas - II, 83-B.

(2) Coll. Cartas - II, .. e ..



fiu J. teve a companhia de Miranda do Carvalho.

Quanto á tentativas de Valença, tudo se resumiu  
numas conversas em Coimbra, em conversas de  
março, com o Virgílio Sobral, estudante e natural  
de lá, e na qual eu lhe expuz todo o plano — e  
na carta J. eu enviei ao mesmo, quando estava  
em férias. E tudo ficou por aqui...

A carta é a seguinte:

26 - março - 910

Meu caro amigo:

Preocupações de varia especie tem feito demorar  
a carta prometida ao nosso conhecido amigo Cunha.<sup>(1)</sup>

Agora, porém, com a sua presença nessa exce-  
lente terra de Valença, o meu amigo poderia fazer  
minha e, melhor do J. por carta, expôr o caso em J.  
já sei os tempos.

Trata disso com avar e com aleva?

O João de Deus esteve hoje em minha casa e dis-  
se-me J. a herança estava já em poder das Escolas  
novas. Meu caro amigo: não receio de férias  
sem deixar tudo resolvido. Eu procural-o-ei.

Outro caso: é necessário começar com a pro-  
paganda nos jornaes d'aí; se quizer eu encarrego-  
me do Noticias de Coura e Valença se o Guilherme Guer-  
ra estiver para me aburar...

Resolva-me tudo. E desde já o ameaço com o  
prometimento de J. o não largo!

Est, etc,

(c) B.P. —

<sup>(1)</sup> Adolfo Salgueiro e Cunha, advogado.



Depois desta carta, o silencio recaiu sobre o caso, inexoravel, impeneavel...

Mas com Miranda do Carmo deu-se cousa melhor.

Como ficou descrito a pag.<sup>as</sup> 13-19, a comissão constituiu-se idoneamente e eu, creio q. em junho, fui lá para se combinar a ida official do João de Deus inaugurar os trabalhos.

Houve difficuldades por causa da politica; e assim ficou prejudicado esse meu projecto q. era um meio de os embalar como João de Deus. No entanto, as cousas seguiram e de Lisboa annunciou-se uma missão ao concelho de Miranda: era ouro polido azul, não é verdade? Parece q. todos deviam ficar satisfeitos, não é assim?

Pois em 21 d'outubro, recebi uma carta do Olisio de Campos, secretario de Associação, dizendo q. a Comissão de Miranda participára a sua dissolução « porq. se implantou a Republica e a esta cabe pôr termo ao analfabetismo! »<sup>(1)</sup>

Extraordinário, não é?

Eu fiquei desesperado — e tive um momento um grande sentimento de nãojo por aquellas cavalgadas.

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II,



No dia seguinte respondi ao Padre Elísio de Campos o seguinte:

22-out.º-911

Ex<sup>mo</sup> Sr.:

Antes de mais nada — e permitto-me a franqueza — devo dizer q. os nossos amigos de Miranda do Corvo, não burros.

Ja calculava o q. V. me dir. São creaturas interessantes, aquelas! É caso para dizer:

— Qual empregado Republica para gente assim!

Em abril deste anno, como era ferigoso em Coimbra, fui transferido para Portalegre; passado algum tempo voltei com licença e neste periodo fui umas duas vezes a Miranda para tratar da ida lá do Dr. João de Deus para inaugurar os trabalhos da comitad — e isto era de maior conveniencia.

Lá, no entretanto, iam fazendo prevalecer sobre tudo o mais, as questões politicas e pessoais, de modo q. se suspendeu a festa.

Depois, mandado novamente apresentar em Portalegre, parti inesperadamente e apenas esnei para lá, aconselhando persistencia.

Meas qual!

Passado uns dois meses, quando voltei de Portalegre, deante e na situação da inactividade, procurando principalmente tratar do minha saúde, dinera-me q. lá se deseminava, q. alguns subscriptores desistiram e ... q. não se fazia nada!

Resolvi ir lá, fazer reunir os homens, e dizer-lhes causas...

Meas eis q. surge a nossa gloriosa Republica e eu, empurrado para commissario de policia, sem mãos a medir nestes primeiros tempos, nada tenho podido fazer. É para mim, um desfecho destes!



Já me J. G. tenho rezado em lhes chamar burros...

do entanto, vou tentar; fique V. certo G. farei os  
forços, tanto mais G. me deixárem convergendo...

Conclua-se afinal G. a reunião projetada, devia  
ser, não para o povo, mas... para eles!

Creia-me, etc.

B. Pinheiro

Mas qual! Tentei, lá isso tentei — mas de  
nada serviu. O Marão d'Almeida, com resto do  
Seminário onde andou uns anos, tinha umas  
desculpas de jesuíta autêntico. E a comissão dis-  
solveu-se, mandando toda a papelada para o vo-  
gal José d'Almeida, medico, então administra-  
dor do concelho — G. me mandou dizer G. Tinha  
tudo aquilo ás minhas ordens...

Idiotas...

Em meados de novembro, o Elísio de Cam-  
pos, escreveu-me de novo.<sup>(1)</sup> Mas nessa altura era  
impossível ~~resuscitar~~ resuscitar o morto; ao  
pouco a causa foi esquecendo, tendo sido o pri-  
meiro a despedir-se de contribuinte o Joaquim  
Falcão, secretario da camara aposentado, homem  
rico, velho republicano e... irmão do grande e  
nunca esquecido José Falcão!

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas — II —



Ironias do destino G. ás vezes se compráz  
com estas cousas.

E assim, estúpidamente, se desfez uma bela  
obra G. poderia dar excelentes resultados!

A reacção!... o dedo da reacção!...

Coimbra = 22 de outubro  
de 1945.



## A "Coimbra Pittoresca"

Este caso da "Coimbra Pittoresca" é um caso bem pittoresco de Coimbra...

Em novembro de 1889 reuniram-se, a convite, na "Sociedade de Defesa e Propaganda" uns cavaleiros para se tratar de publicar, por conta desta Sociedade, uma revista de propaganda, "A Coimbra Pittoresca". Isto ficou dito, no volume anterior, a paginas 312.

Eu fiquei encarregado de coligir elementos e fui avarado em direção — e como tal lancei mãos á obra. Pensei em começar com a revista em janeiro seguinte, de 1910, e nesse sentido trabalhei. Mas...

A revista só saiu em ~~em~~ março! E para poder sair em março, bem custou. Bati a varias portas, andei de lado para lado — pedi, instei, abracei-me e ... conseguí apenas de boa vontade um artigo do dogueiro Lobo sobre as aguas



do Mendez e um outro (q. não estava bem no  
 tom necessário) do Hipólito Raposo. Outros foram  
 tirados a ferro — como um do Floro Henrique e  
 outro do Gonçalves, q. era apenas um ligeiro pro-  
 grama do q. viria a ser a Comunidade — revista q.  
 ainda jáz na fór do nada.

Do Floro recebi um libelo q. concerno, envian-  
 do o artigo "A vida em Coimbra";<sup>(1)</sup> mas do António  
 Augusto Gonçalves, já as vezes q. fui a casa de-  
 le, conversei quatro cartas q. mostravam bem o tra-  
 balho q. deu para conseguir uma colúna de pro-  
 pra.<sup>(2)</sup> Todo ele era dúvidas e eu cheguei a pensar  
 em escrever o raio do programa, se não fosse  
 meu tio Allino q. dizia dever ser feito pelo Gon-  
 çalves.

O tempo q. se perdia nestas causas! As idas á  
 tipografia! O ouvir não daqueles q. se franquicá-  
 ram a trabalhar! O pedir quasi humildemente  
 um arbiguinho por amor de Deus!...

E assim, lá por fins de março, lá saiu o n.º 1,  
 bem ilustrado, mesmo mal escrito e corresponden-  
 do bem ao fim para q. <sup>foi</sup> creada a revista.

Depois, surgiu o espectro do n.º 2!...

(1) Coll. Cartas - II, 75-A.

(2) Coll. Cartas - II, 75-B, 77-C-D e E.



Avancei-me aos locados, isto é, avancei eu  
aos locados, um artigo "Coimbra docente" ao dr.  
Oliveira Guimarães; causei até um bilhete dele,  
bem curioso.<sup>(1)</sup>

Ao João de Deus pedi um artigo para acompa-  
nhar a gravura do projeto do "Jardim Escola" como  
fiquei dito;<sup>(2)</sup> este, ao menos, foi polido — e meu  
admira, porq. assim e sempre quando se trata de  
sua obra. Foi polido e atencioso...<sup>(3)</sup>

No n.º 3, fiz um artigo, máis por sinal, do Flo-  
ro, q. o fez quasi por favor, e fiz umas transcri-  
ções, tive eu de encher o espaço, com arqueologia  
barata...

No n.º 4, quasi tudo é meu, co'os diabos. Consi-  
gui — e manda a verdade q. diga q. foi de boa  
vontade — q. o Sr. Silva escreveu um arti-  
go q. acompanhava umas gravuras de fogueiras  
do S. João; e devo dizer q. foi de uma rara ama-  
bilidade. Causei o autógrafo<sup>(4)</sup> e a carta q. o en-  
viava;<sup>(5)</sup> está pelo tom delicado e fino, aquele pe-  
ta foram interessante q. tem.

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas = II, 80-A-B e C.

<sup>(2)</sup> Neste volume, a pag.º 139.

<sup>(3)</sup> Coll. Cartas = II, 83-B.

<sup>(4)</sup> Coll. Autógrafos —

<sup>(5)</sup> Coll. Cartas = II, 93.



Nisto, em começo de julho, volto para Partalegre e a "Coimbra Pittaresca" ficou sem quem a fizesse vir à rua...

Meu tio Alípio, agarrou-se ao Guiu Martins, e este teve a coragem de fazer o numero todo, de fio a pavio! Saí em julho o n.º 6, estava eu em Partalegre — o G. mesmo G. não he honras insubstituíveis...

Mas depois...

O Dr. Guiu não esteve para mais; meu tio não encontrou quem tomasse conta do jornal; quando eu voltei, em setembro, viaha doente e não havia gente em Coimbra a quem me dirigisse; depois, a revolução, o cominariado...

E foi assim a "Coimbra Pittaresca"...

x

E' para ver como em Coimbra todos abandonam as obras uteis. Tanta gente na terra q. seja capaz de escrever! Mas tanta gente q. não quer escrever...

Eu andei sempre só; toda a gente se afastava quando eu erguia a bandeira da "Sociedade"!... Mas, quando a publicação se suspendeu, muita gente freguebava, com modos arrogantes:

— Eubá esse Coimbra Pittaresca?

E' uma terra interessante, esta minha terra!



É assim, por falta de quem se encarregue de escrever, de longe em longe, um artiguzinho (em Coimbra, a terra universitária!...) a revista deixou insolitamente de se publicar e voltou a peregrinar na região do silêncio...

Coimbra = 24 de outubro  
de 1911.



O mez de setembro em  
Coimbra:

No voltar de Portalegre, em 2 de setembro, desiludido e arrasado de todo — pensei seriamente em mudar de vida.

A vida, como ela ia, não era coisa com jeito; é mercê de qualquer reactionário, eu não estava seguro na minha casa.

Pensei e muito. Pensei em pedir a demissão de official e ir arranjar modo de ganhar dinheiro noutra parte. Mas como?

O mez de setembro, foi para mim um mez de luto. Eu via em tudo aquilo, o desasosiego e o futuro mal estar da familia e sem ver prouto remedio ao mal.

No entanto havia uma esperança ainda na revolução q. por varias vezes fallára. Viria?... Não viria?...

E eu ia esperando, entretendo o ocio com o



trabalhos históricos q. preparára: um estudo ligeiro sobre a acção do Ponte de Mucela, em março de 1811 e um trabalho de maior fôlego sobre a batalha da Cruz dos Mourões, em 1828.

Andei na biblioteca da Universidade e na do general Meneses de Carvalho e em ambas recolhi largo copia de elementos; á noite, em casa, lia-os e meditava sobre eles. Comecei mesmo o de Ponte de Mucela, em cartas para o Ferrão, e ainda escrevi duas antes da proclamação da Republica; mas o de Cruz dos Mourões não cheguei a começar.

É assim ia o tempo correndo, sem nada de anormal; o capitão Alfredo Cruz, em 9 do mez, escreveu-me de Vila Real, muito inquieto pelo meu estado de saúde<sup>(1)</sup>; e d'ahi a dias, respondendo a uma carta minha<sup>(2)</sup>, escreveu-me de Baião, onde estava em serviço do D.R.R. n.º 13, continuando o rescionatismo de Coimbra, onde nunca mais voltaria...<sup>(3)</sup>

Bele amigo q. ele era! E como ele reportava as cousas todas, com filosofia! Faz falta, faz bastante falta.

(1) Coll. Cartas - II,

(2) Cartas, II, 2.ª, pag. 9.

(3) Coll. Cartas - II



E eu pensando como ganhar dinheiro...

Já em junho, quando de primeira vez estive em Coimbra, depois de transferido, pensava também muito. Mas quê?

Cheguei a escrever ao Almeida Lima, pedindo-lhe q. fosse à Companhia Editora, ao Conde Barão, e perguntasse por quanto me comprariam o original de um volume de Biblioteca do Povo, acerca de Filosofia positiva — assunto a q. então me dedicava a valer. O rapaz foi e... responderam-me q. na Editora lhe disseram:

— Está tudo pela hora do morto...

Insistindo o Lima, julgou mesmo q. se achava com o assunto, dizendo-lhes q. se tratava de filosofia positiva! Mas o resposta foi:

— Não dá nada...

E pronto... Falhou essa tentativa de ganhar a vida honradamente...<sup>(1)</sup>

Voltei-me para o "Alvo Nacional" onde o Antonio José d'Almeida me publicava uma revista Portugal Revolucionário, como atrás fica dito.

Mas ele insistiu para me pagar quando eu recusaria; e naquela altura, q. eu aceitava, porque ele se lembrou de me falar no caso.

<sup>(1)</sup> Coll. Cartas - II, 96-A



E aqui está como eu deixei de receber alguns mil-reis...

Corria-me tudo mal; e um dia, até, no jornal "A Tribuna", de Coimbra, appareceu-me um elogio q. me encareceu de parçe, parlando de um jornal republicano, mais me compromettera do q. me elevava. <sup>(1)</sup>

Foi escrito pelo Flares e era a proposito das conferencias q. o ministro mandára fazer acerca da batalha do Buçaco, e por cause do centenario da guerra. Dizia q. no 23 se lá havia um official capaz de fazer a conferencia ordenada; e esse official era eu, etc, etc. — o q. vinha chamar sobre mim a atençaõ de talassaris.

Eu falei sobre o caso ao proprio Flares, mas deu parte. Eu não gostei do elogio; e ele não gostou q. eu não gostasse...

Couras...

No entanto o mez de setembro lá foi andado do tranquillo, e eu mais eu meus tranquillo, tambem, ia vivendo e retemperando e minha paude abalada.

As minhas escriptas couras magoadas, como as cartas q. mandei ao José Fernandes Duarte

<sup>(1)</sup> Masso V, 52. Passou. f.ª a colleccão de docum. <sup>177</sup>







## A revolução

Algumas recordações e o q. se passou nou-  
tros pontos. Impressões ligeiras e ao correr  
da pena. 

---

Depois de escripto tanto tempo, vamos ver se  
deixo aqui arquivado varias cousas q. ainda  
tenho em monte, um pouco misterado, mesmo  
gaiveta.

Vamos por exemplo ver o q. disse meu Pae  
q. na altura da revolução se encontrava em  
Lisboa:

Lu<sup>a</sup> = 8 out.º 910 (Avenida Duque d'Avila).

Nós felicemente estamos aqui, mas durante os  
duos noites de combate ninguém aqui dormiu,  
nem no deitamos. O Costa-Ferreira não dormiu em  
casa durante 3 noites, e ele e João de Meucos tinham  
tudo preparado para fugir para o estrangeiro caso  
fossem perseguidos. Depois dos combates ainda des-  
cui 2 noites em casa do Ferrás.

Imagine como nós estávamos por tudo isto.  
Os combates principais foram aqui na Rotunda



ao cimo da Avenida, Campolide e Sete-rios e S. Sebastião da Pedreira até Penitenciaría, e Praça Duque de Saldanha.

Algumas granadas caíram e rebentaram no quintal das Picôas, aqui parte do quintal do Ferrão. Algumas casas aqui proximas, soferam com as granadas d'artilharia: foi um inferno durante duas noites. Quando disparávam as peças, parecia que era aqui ao pé.

A causa esteve muito indecisa pois apenas sustentavam os republicanos, artilharia 1 e parte do 16; tudo o mais era contra. O G. valeu foias valões marinheiros G. do lado do Terreiro do Paço sustentam os regimentos entre dois fogos, e G. logo se renderam.

A cavalaria da Municipal sofreu muitas baixas; na Avenida, não se viu nenhum cavallo da Municipal a fugir sem cavaleiros, o G. aproveitou ao povo e aos cadetes da Escola do Exército G. sustentavam neles. Eram os cadetes G. comandavam os batalhões de civis armados.

No dia de luta mais acosa, passaram aqui dois batalhões de piazas armados, de mais de 300 homens cada um e lá foram para o Roberto ajudar a artilharia e o 16.

Agora é G. eu observei a bravura e abnegação do povo republicano de Lisboa.

Carriam por aqui magotes de repares de 15 e 20 anos, todos armados de carabinas e bem fornecidos de cartuchos, á procura dos municipais, G. depois da derrota na Avenida, se espatharam por estas ruas até ao Campo Grande e Sete-rios. Nós vimos passar aqui uma porção de cavalaria da Municipal e quando eles iam ao fim da Avenida p. S. Sebastião, ouvimos uma grande descarga



e pouco depois 2 cavalos, com soldados, é desfilé da pela rua e foram parar á praça do Saldanha, onde os populares os apedrejaram.

Os jornales occultam o numero de mortos, mas calcula-se em mais de mil.

A guarda municipal foi a q. mais sofredora. Já está toda desarmada assim como a policia. Eba tem sido feita por populares armados.

Continua ainda a ouvir-se tiros ao longe, mas é no cois jeuiticos, cujo fim é combater com as desordens para ver se os ministros estrangeiros interveem.

Mas q. ordem e disciplina neste povo armado!

.....

Lis<sup>ca</sup> = 11 d'outub<sup>o</sup>. (Avenida duque d'Avila)

.....

O Costa Ferreira encontrou no governo civil aqui, o Trues, q. veio fazer a sua profissão de fé, e declarar q. foi sempre republicano!

O Costa fez-lhe bem a causa e pediu para se verificarem no ministerio da guerra, as informações q. lá ha e tem respeito a doutros officios do 23, expulsos d'ali.

.....

Isto, em Lisboa.

Doutras partes recebi noticias, umas perdidas outras expondoas.

De Chaves, por exemplo, o Carrão d'Alveira, tenente do guarda fiscal e meu antigo condiscipulo, enviou-me uma carta.



carta entusiástica, em q. conta cousas interes-  
santes. <sup>(1)</sup>

De Salazar, o Albenico Gomes, conta factos,  
de mistura com considerandos retóricos... <sup>(2)</sup>

De Portalegre, o 2º sargento Pacheco, revolu-  
cionário q. eu lá conheci, relata-me os ressu-  
scimentos daquela maldita terra. <sup>(3)</sup>

É o Franco, o velho companheiro de cons-  
piração, Luis Augusto d'Oliveira Franco, de  
Momba, Moçambique, escreveu-me entusias-  
mado e romântico. <sup>(4)</sup>

x

Com a revolução, é claro, houve durante  
dias, quasi interrupções de comunicações —  
devido ao corte de linhas e á afluencia exar-  
bitante de serviço.

Conservei ainda um telegrama de meu  
Pae, q. no dia 7 de outubro me mandou de  
Lisboa onde foi expedido ás 9 h. e 30 minutos.  
Paez recebi-o á meia-noite. Perguntava co-  
mo eu estava, visto q. lá se ignorava o q. hou-  
ve em Coimbra.

(1) Coleção Cartas, II,

(2) Idem - II,

(3) Idem - II,

(4) Idem - II,



Conserve-o, assim como um outro, do mes-  
mo dia 7, p. o António Francisco, de Paufrí-  
thosa de Serra me enviou, abraçando-me...<sup>(1)</sup>

Comegávamos as adesões...

Mas a afluência de serviços era tal, p. em  
11 d'outubro recebi um telegrama p. meu Pa-  
reandou, enviando parabens pela minha  
nomeação p. commissario de policia — expedido  
em 10, mas... enviado pelo correio!<sup>(2)</sup>

x

Agora, a ansiedade de saber noticias.

Em 6 d'outubro, á noite, recebi uma car-  
ta do poeta Afonso Duarte, pedindo noticias  
positivas dos acontecimentos.<sup>(3)</sup>

E em 9, recebi um telegrama do Franco,  
mandado de Mocaubique com a palavra  
"noticias!" ressumando curiosidade á to-  
neladas. Este telegrama foi corroborado por  
uma pequena carta p. recebi ja em novembro  
seguinte.<sup>(4)</sup>

x

No dia 6 d'outubro, á parte um postal

(1) Coleção Cartas — II, 116-A e 116-B

(2) Idem — II,

(3) Idem — II, 116

(4) Idem — II,



q. mandei a meu Paq, só operari ao meu cam-  
panheiro de transferencia, o eulão castrão de  
Infantaria 13, Alfredo Eduardo da Cruz. Em 9.  
Recibe resposta, num postal amigo, simples  
mas bem alegre. <sup>(1)</sup>

Em 15 d'outubro, o Fernandes Duarte, as-  
pirante d'administração militar, escreve-me  
de Campolide, do acampamento, entusiasta mé-  
do com a revolução. <sup>(2)</sup>

É no mesmo dia, um amigo empregado  
do Paço, agradecendo uma carta q. lhe escrevi  
perguntando pelo Paq, manda-me uma carta  
amavel, achando tudo bem: « são dignos de  
"maior elogio e pelo seu modo recto de procedi-  
"mento, da simpatia geral.» <sup>(3)</sup> Ambos assim...

No dia 18, recabi uma carta do Dr. José  
Sequeira, official medico d'arcas de, governo  
das civil de Portalegre, respondendo a uma  
carta, minha, pelo facto de eu lhe agradecer  
umas referencias q. ele me fez, num discun-  
so, quando tomou posse do governo civil do  
seu distrito. <sup>(4)</sup> É uma carta interessante, q.

(1) Coleção postaes -

(2) Idem -

(3) Coleção cartas - II

(4) Idem - II







## Nota:

Este meu 4º volume de "Memórias," de vida a coisas varias e variadas, saiu uma verdadeira trapalhada.

Comencei-o suspiriosamente em 1 de janeiro de 1910 e terminei-o agora, em julho de 1912, passando quasi dois annos, e quando por sobre a minha vida tem corrido os mais extraordinarios factos.

No entanto, ai fico, com o pebidio embora fraco para a historia de minha vida — com ainda pelas se parei capoz de continuar com estes volumes.

Seriau interressantes, escritos diariamente, quando os acontecimentos estao frescos e a memoria não abraiçoa.

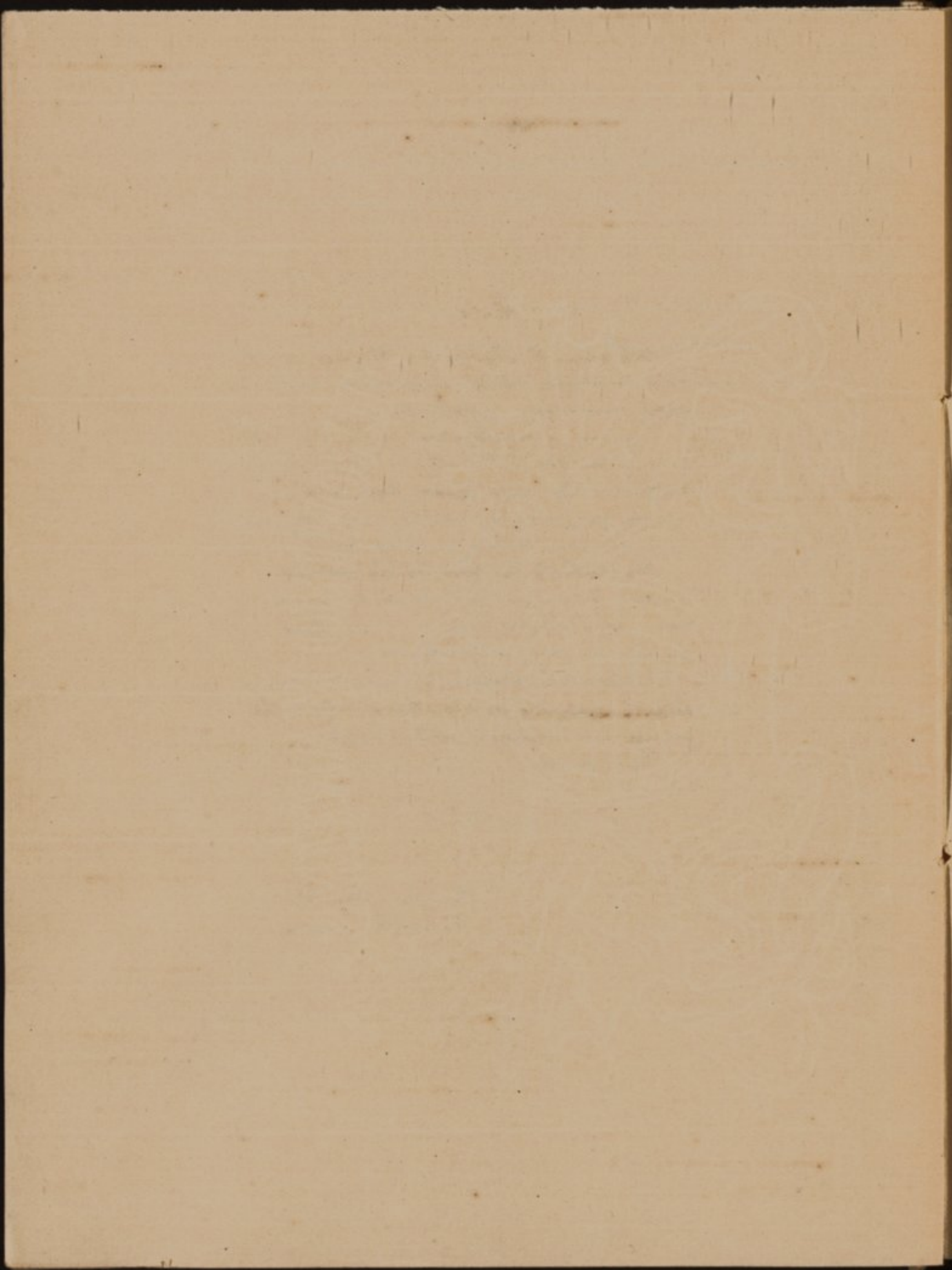
Mas assim ...

.....

Esta minha vida! ...

Em 20 - julho - 1912.  
Coimbra. ==







## Índice A :

Janeiro	1
Março	13
Nota	20
A minha transferência para Infantaria 22	21
Em Portugal por duas vezes	77
O meu papel na revolução	93
Como eu colaborei na " <u>Alma nacional</u> "	132
O jardim-escola "João de Deus" de Coimbra, e as comissões auxiliares de Salençes de Minho e Miranda do Corvo	139
A " <u>Coimbra Pitagorica</u> "	146
O meu de regresso em Coimbra	151
A revolução. Algumas recordações e o q. se passou noutros pontos, etc.	156
Nota	163

---



## Índice B :

<u>Alma Nacional (A)</u> - - - - -	132
Almeida (Antonio José d')	132
" (Tenente Correia d')	104
Além do Chão - - - - -	81
Barras (coronel Alfredo Augusto de) - 23, 25, 27-31, 75	
Chagas (coronel Rago) - - - - -	107
<u>Coimbra Pitarasca</u> - - - - -	146
Comissão auxiliar de Valença do Minho - - - - -	140
" " " Miranda do Corvo - - - - -	13, 142
" de império ao ensino - - - - -	7
Costa Lobo (Dr. Franc.º Miranda de) - - - - -	47, 48
Cruz (Alfredo Eduardo de) - - - - -	5, 93 e seq. <sup>6.</sup>
Dous (João de) - conferencias. - - - - -	8, 12
" " - jardins, - escola - - - - -	137
Evora - - - - -	85
Flares Henriques - - - - -	102
Franco (Luís Augusto de Oliveira) - - - - -	100 e seq. <sup>6.</sup>
Infantaria n.º 23 - - - - -	7, 93 e seq. <sup>6.</sup>
Juens - - - - -	2, 6, 27, 29, 32
Leitão (Antonio) - - - - -	10
Ministério da Guerra - - - - -	73
Monsarás (conde de) - - - - -	11
Monteiro (General Silva) - - - - -	3
Pacheco (Jacinto) - - - - -	79, 83, 85, 87, 126
Pereira J. <sup>o</sup> (Antonio Pires) - - - - -	105
" (General João Maria) - - - - -	30
Pimenta (José Augusto) - - - - -	33, 36
Portalegre - - - - -	77
Reis (Carlos Candido dos) - - - - -	117
Revolução (A) - - - - -	93, 156



Ribeiro (Halder) -----	78, 99
Transferencia para Jafar Garcia 22 -----	21

Adenda:

Duarte [José Fernandes] -----	32, 33, 44, 104
-------------------------------	-----------------



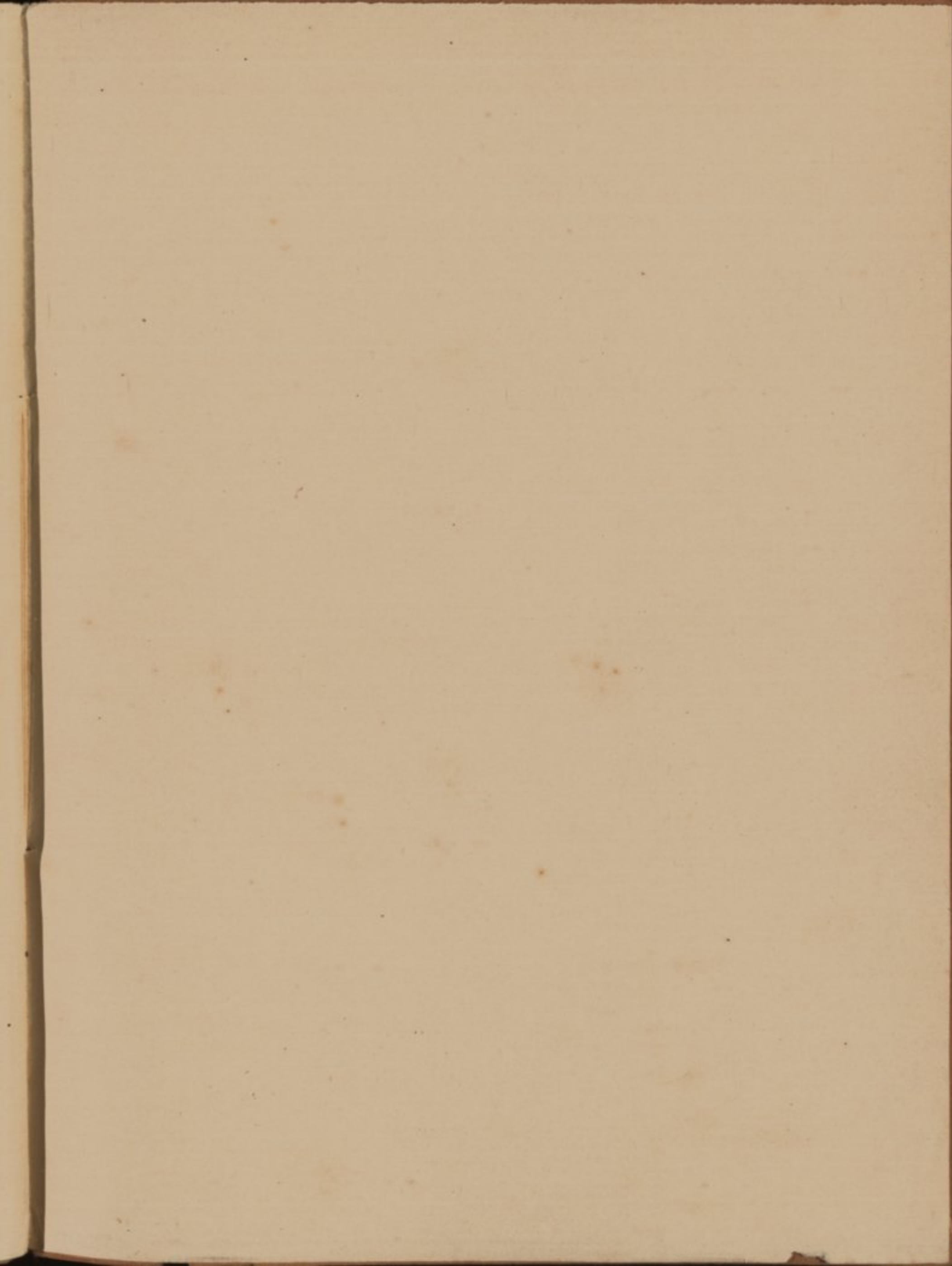


۱۳  
فصله زیند

فصله زیند  
فصله زیند  
فصله زیند

فصله زیند  
فصله زیند  
فصله زیند















3

N